

CADERNO DE

# Jornalismo Esportivo

NÚMERO 7

USP

ecm

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES  
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

cje  
JORNALISMO E EDITORAÇÃO

2025

## Organizadores

Luciano Victor Barros Maluly  
Daniel Azevedo Muñoz  
Deyse Alini de Moura  
Felipe Priante  
Gabriela Martin  
Guilherme Gonçalves Longo  
Gustavo Urbani Pessutti  
Isabelly de Paula Oliveira  
Patrícia Rangel Rodrigues  
Thais May Carvalho

**CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO:**

**NÚMERO 7**

**Luciano Victor Barros Maluly**

**Daniel Azevedo Muñoz**

**Deyse Alini de Moura**

**Felipe Priante**

**Gabriela Martin**

**Guilherme Gonçales Longo**

**Gustavo Urbani Pessutti**

**Isabelly de Paula Oliveira**

**Patrícia Rangel Rodrigues**

**Thais May Carvalho**

**(Organizadores)**

**ECA-USP - 2025**

**CADERNO DE JORNALISMO ESPORTIVO:**

**NÚMERO 7**

**Luciano Victor Barros Maluly**

**Daniel Azevedo Muñoz**

**Deyse Alini de Moura**

**Felipe Priante**

**Gabriela Martin**

**Guilherme Gonçales Longo**

**Gustavo Urbani Pessutti**

**Isabelly de Paula Oliveira**

**Patrícia Rangel Rodrigues**

**Thais May Carvalho**

**(Organizadores)**

**ECA-USP - 2025**

*Para Rafael Bullara, Marcelo Cardoso, Lucas  
Faraldo, Celso Unzelte e André Netto, pelas  
contribuições ao ensino do radiojornalismo na  
Universidade de São Paulo.*

Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada

Foto e Capa: Gabriela Martin

Diagramação: Daniel Azevedo Muñoz e Isabelly de Paula Oliveira

### **Universidade de São Paulo**

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Jr.

Vice-reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

### **Escola de Comunicações e Artes**

Diretora: Profa. Dra. Brasilina Passarelli

Vice-Diretor: Prof. Dr. Eduardo Henrique Soares Monteiro

### **Departamento de Jornalismo e Editoração**

Chefe do Departamento: Prof. Dr. Wagner Souza e Silva

Vice-chefe do Departamento: Prof. Dr. Vittor Souza Lima Blotta

### **Catálogo na Publicação**

#### **Serviço de Biblioteca e Documentação**

#### **Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo**

C122 Caderno de jornalismo esportivo [recurso eletrônico] : número 7 / organizadores Luciano Victor Barros Maluly ... [et al.]. – São Paulo: ECA-USP, 2025.  
PDF (128 p.)

ISBN 978-85-7205-303-7

DOI 10.11606/9788572053037

1. Jornalismo esportivo. 2. Jornalismo literário. 3. Crônica jornalística. 4. Atividade física. 5. Esportes. I. Maluly, Luciano Victor Barros.

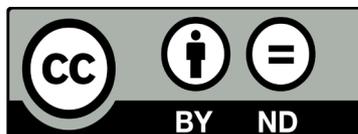
CDD 23. ed. – 070.449796

Elaborado por: Alessandra Vieira Canholi Maldonado CRB-8/6194

**Índice para catálogo sistemático**

**1. Comunicação: 302.2**

**Sem derivação**



**Creative Commons 4.0**  
**Atribuição, Não Comercial**

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	<b>10</b>
<b>O dia que todo um estádio foi ao chão</b>	<b>11</b>
<i>Alex Castro Teruel</i>	
<b>“10, 9, 8, 7, 6, 5... Gooooo!!” – Gol?</b>	<b>13</b>
<i>Aline Noronha Fernandes</i>	
<b>Continuo jogando vôlei</b>	<b>15</b>
<i>Amanda Santos do Nascimento</i>	
<b>O homem mais alto do mundo</b>	<b>17</b>
<i>Augusto Cesar Lovatto</i>	
<b>O gol da bailarina</b>	<b>18</b>
<i>Beatriz Almeida Hadler</i>	
<b>Mais do que uma partida</b>	<b>20</b>
<i>Beatriz Martins dos Santos</i>	
<b>A primeira grande vitória: o Interclasse Feminino inesquecível</b>	<b>22</b>
<i>Beatriz Mateus</i>	
<b>O primeiro domingo de futebol</b>	<b>23</b>
<i>Beatriz Moretti</i>	
<b>Aquele gol do Gabriel Jesus</b>	<b>24</b>
<i>Breno Aravechia Gomes Oliveira</i>	
<b>O “ódio” de hoje pode ser sua carreira de amanhã</b>	<b>26</b>
<i>Breno Guimarães Marino</i>	
<b>Copinha: Palmeiras Bicampeão</b>	<b>28</b>
<i>Carla Huanca Quispe</i>	
<b>Uma noite comum</b>	<b>29</b>
<i>Cid Roberto Araujo</i>	
<b>7x1 na vida</b>	<b>31</b>
<i>Clara Hanek</i>	
<b>O esporte é maior do que eu</b>	<b>33</b>
<i>Clara Viterbo Nery</i>	
<b>Pessoa para pessoa</b>	<b>35</b>
<i>Diego Lobo Coppio</i>	
<b>Nasce uma torcedora</b>	<b>37</b>
<i>Edna Alves Rego</i>	
<b>Aula ingrata</b>	<b>38</b>
<i>Emanuel Rodriguez Boll</i>	

<b>Maracanã voluntário</b>	40
<i>Enzo da Silva Villar</i>	
<b>O Dia do desastre</b>	42
<i>Eriton Rocha da Silva</i>	
<b>E se...</b>	43
<i>Fernanda Franco Xavier</i>	
<b>Orgulho de ser itaquerense (porém, palmeirense)</b>	45
<i>Fernanda Rafael Silva</i>	
<b>O gol que ninguém esperava</b>	47
<i>Fernando Miguel de Souza Siqueira</i>	
<b>Tudo nosso, nada deles: eles não esperavam</b>	49
<i>Filipe Antonio Neri</i>	
<b>O dia em que a chama se acendeu de novo</b>	51
<i>Gabriel Rogério Tavares Silva</i>	
<b>Quando a paixão venceu a lógica: o dia em que o Santo André brilhou</b>	53
<i>Gabriel Salviato Simpioni</i>	
<b>A maior vitória do esporte</b>	55
<i>Gabrielle Afonso Marques</i>	
<b>Genes corintianos</b>	57
<i>Giovanna Gonçalves Aciolli</i>	
<b>O barulho de uma família</b>	59
<i>Giulia Azevedo Polizeli</i>	
<b>Manto vomitado</b>	61
<i>Gustavo Henrique Morais Radaelli</i>	
<b>O Palmeiras para mim</b>	63
<i>Gustavo Sant'Anna</i>	
<b>O irracional</b>	64
<i>Igor Cardoso</i>	
<b>Arritmia tricolor</b>	66
<i>Igor Tavernaro Vieira</i>	
<b>A força além do tatame</b>	68
<i>Isabelly de Paula</i>	
<b>Descobrimo a paixão</b>	71
<i>Isadora Batista da Silva</i>	
<b>Relatos de memória</b>	72
<i>Janaina Blasquez</i>	
<b>Cássio enquanto metáfora e utopia (ou Desventuras de um Cássio fracassado)</b>	74
<i>João Pedro de Oliveira</i>	

<b>Como o tempo me escolheu</b>	<b>35</b>
<i>João Vitor de Melo Moraes</i>	
<b>Amor, paixão e respeito</b>	<b>80</b>
<i>José Adryan P. Galindo</i>	
<b>A magia do amor</b>	<b>82</b>
<i>Júlia Giaretta Berlim</i>	
<b>Jogo rápido</b>	<b>84</b>
<i>Júlia Sardinha Domingues</i>	
<b>A arte de defender</b>	<b>85</b>
<i>Kivia Hana Santos Nakandakari</i>	
<b>Entre piruetas e chutes a gol</b>	<b>87</b>
<i>Lara de Sousa Oliveira</i>	
<b>Quando conheci minha casa</b>	<b>89</b>
<i>Laura Martins Vulcani</i>	
<b>Crescendo no jogo</b>	<b>93</b>
<i>Leonardo Alves Amaral Torres</i>	
<b>Entre cânticos e gols: o dia em que me tornei são-paulina</b>	<b>94</b>
<i>Luana Six Maeda</i>	
<b>A Copa que ficou na memória</b>	<b>96</b>
<i>Luca Krinski Mansano</i>	
<b>Entre cortes e aprendizados</b>	<b>98</b>
<i>Lucas Diogenes Duriguetto de Castro</i>	
<b>Desafogo e esperança: a chamada holandesa em Itaquera: o gol que reacendeu a Fiel</b>	<b>100</b>
<i>Marcos Vinícius Santos Rodrigues Gaspar</i>	
<b>A live que revelou o verdadeiro futebol para mim</b>	<b>102</b>
<i>Maria Paula Giustino Jorge</i>	
<b>Foi no apito final do dia 16 de dezembro de 2012 que eu vi meu pai chorar pela primeira vez</b>	<b>103</b>
<i>Mariana Daderio Ricci</i>	
<b>Melhor do que ser bom no esporte, é um esporte que seja bom</b>	<b>105</b>
<i>Mariana Laganaro Rossi</i>	
<b>Nem sempre um empurrãozinho é bom</b>	<b>106</b>
<i>Mateus Fernandes dos Santos</i>	
<b>Mostra sua força Brasil</b>	<b>108</b>
<i>Matheus de Oliveira Ribeiro</i>	
<b>Um simples Interclasse</b>	<b>110</b>
<i>Nathan Alvon D'Agostino</i>	

<b>Louco por ti, Corinthians</b>	<b>112</b>
<i>Nicoli Fernandes Reis</i>	
<b>Do meio da quadra</b>	<b>114</b>
<i>Paula Tiemi Gusukuma Turuda</i>	
<b>Memórias de cloro e afeto</b>	<b>116</b>
<i>Palloma Pyetra Rocha de Sousa</i>	
<b><math>F = G \cdot (M \cdot m) / d^2</math></b>	<b>118</b>
<i>Quintas dos Santos</i>	
<b>Caráter esportivo puro</b>	<b>120</b>
<i>Rafael Andrade</i>	
<b>Bando de loucos</b>	<b>122</b>
<i>Rafael Braz Dourador</i>	
<b>A peteca da Tia Néia</b>	<b>124</b>
<i>Rayén Isabella de Souza</i>	
<b>Zero a zero, um resultado que nem fez diferença</b>	<b>126</b>
<i>Tiago Cesar</i>	
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>128</b>

## INTRODUÇÃO

A disciplina CJE 0634 – Jornalismo Esportivo: a pauta além do futebol é oferecida anualmente e recebe estudantes de diversos cursos de graduação e do Programa 60+ da Universidade de São Paulo, com o objetivo de divulgar o esporte por meio das técnicas e dos princípios da cobertura especializada.

Em 2024, o curso recebeu pesquisadores que compartilharam experiências profissionais e acadêmicas nesse campo com a turma de alunos: Marcelo Cardoso, que destacou os princípios da cobertura especializada nas diversas modalidades; Celso Unzelte, que apresentou questões relevantes ao jornalismo contemporâneo; e Rafael Bullara, que abordou as demandas do trabalho setorializado.

Durante o período letivo, tivemos a colaboração das pesquisadoras de pós-doutorado Deyse Alini de Moura e Patrícia Rangel Rodrigues, que juntaram a prática e a teoria para o ensinamento das técnicas do jornalismo, com destaque para a locução esportiva. Gostaríamos de destacar também a participação do doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da ECA-USP, Guilherme Gonçalves Longo, que, por meio do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), conduziu a monitoria da disciplina com participação direta nas aulas, trazendo exemplos de sua prática profissional.

Com o apoio da empresa Jornalismo Júnior, que organizou a Semana do Jornalismo da ECA-USP, realizou-se também neste ano letivo uma mesa-redonda sobre Jornalismo Esportivo, com a participação dos jornalistas André Netto e Lucas Faraldo, além da nossa colega Patrícia, discutindo sobre o trabalho cotidiano nesse setor do Jornalismo Esportivo.

Visitas guiadas foram realizadas ao Centro de Práticas Esportivas da Universidade de São Paulo (CEPEUSP), com coordenação do professor e assistente de comunicação do *Cepê*, Pascoal Luiz Tambucci, além de outras visitas ao Esporte Clube Pinheiros (ECP), graças ao apoio dos assessores de imprensa do ECP.

Diversas outras atividades foram realizadas nesse período, como aulas expositivas e práticas em sala de aula, no auditório, nos laboratórios de rádio e televisão, pelo campus da USP, sempre com intenção de exemplificar aspectos que conduzissem à turma ao universo do jornalismo e do esporte. Todos os trabalhos decorrentes destas atividades estão disponíveis no espaço digital Jornalismo Esportivo da ECA-USP.

Coroando esta bela jornada, se produziu também no âmbito desta disciplina esta série de crônicas baseadas em memórias sobre práticas esportivas e atividades físicas, compiladas neste já tradicional caderno, que chega agora à sua sétima edição.

***OS EDITORES***

## O dia que todo um estádio foi ao chão

*Alex Castro Teruel*

Há silêncios que falam mais alto que o grito da torcida. Foi em um desses silêncios cortantes que eu percebi que o esporte machuca além do placar e da derrota. Naquele momento que ninguém se prepara para viver.

O ginásio estava vibrando. Era o campeonato mais importante que o meu colégio participava. O aquecimento antecipava a emoção do público, e a entrada do dono da camisa número seis, meu ídolo desde que eu o conheci nos amistosos, comandava o time como se tivesse cordas invisíveis nas mãos. Cada ataque parecia uma pintura, cada bloqueio, uma muralha. Até que veio a queda.

Foi ainda durante o aquecimento, em um lance comum, algo que ele já repetiu centenas, talvez milhares de vezes. Um salto para atacar, o giro perfeito no ar, mas, na descida, o corpo não obedeceu. A perna cedeu, o grito abafado saiu, e o ginásio inteiro se congelou. Ele estava no chão.

De onde eu estava, parecia uma cena em câmera lenta. A mão dele segurando o joelho, a expressão que tentava conter a dor. A equipe médica correndo, os colegas de time formando um escudo ao redor, como quem tenta proteger mais do que o corpo. Proteger a alma, talvez.

Enquanto eu olhava, me peguei pensando no que ele estaria sentindo. Dor, claro. Mas, medo também? Raiva? Era o sonho dele por muitos anos, que já tinha sido parcialmente interrompido pelo colégio. O Castro, como era chamado, era atleta do Centro Olímpico desde os onze anos, mas teve que desistir da carreira esportiva quando entrou no ensino médio. Ainda fora dos jogos profissionais, o garoto era um talento. Mas naquele momento era como se a infalibilidade que eu projetava nele tivesse desmoronado junto com o salto.

No meio da confusão, vi algo que me marcou. Uma criança na arquibancada, sua irmãzinha, segurando um cartaz escrito: “Você é gigante!”. Ela não chorava. Apenas olhava fixamente, com uma expressão que dizia mais do que qualquer lágrima poderia. Era um misto de esperança e desespero, de querer acreditar que tudo ficaria bem.

O jogo continuou, mas quem se importava com o placar? Todos os olhos estavam grudados na beira da quadra, onde ele recebia os primeiros socorros. Depois, veio a maca. Ele foi carregado sob aplausos, uma despedida temporária que doía como se fosse definitiva.

E então eu entendi. O esporte não é só sobre vitórias e derrotas, sobre medalhas e recordes. É sobre vulnerabilidade, sobre se levantar depois de cair, ou simplesmente tentar. Meu ídolo não era menos herói por estar ali, no chão. Pelo contrário. Era ainda maior, porque, como nós, ele era humano.

Saí do ginásio com um nó na garganta, mas também com a certeza de que voltarei. Porque é isso que fazemos, nós, fãs. Estamos lá na vitória e na dor, porque, no fundo, sabemos que as quedas também fazem parte da história. E quando ele voltar – porque ele vai voltar –, estaremos lá, prontos para aplaudir de novo.

**“10, 9, 8, 7, 6, 5... Gooooo!!” – Gol?**

*Aline Noronha Fernandes*

Eu quebrei o braço uma, duas, três, quatro vezes? Nem me recordo mais... Nas últimas duas vezes tive fratura exposta, fiquei internada e fiz cirurgia, por isso meu braço tem quatro cicatrizes. Sempre no mesmo lugar e com quedas bobas, na última vez que isso aconteceu, há dez anos, recebi um atestado e veredito: não participar mais das aulas de educação física. Isso marcou meus longos anos ficando à deriva da quadra ao ver todos se divertirem com esportes que eu desejava mais que tudo participar e não podia.

Ao entrar em uma nova escola, burlei as regras e, antes de me *aposentar* do esporte devido às *lesões*, conquistei a fama de ser competitiva e fiquei conhecida pela minha estratégia ao jogar futebol: machucar as adversárias. Confundir a bola com a perna delas era normal, e quem marcaria gol se estivesse mancando? Nessa brevíssima carreira como ponta esquerda (mesmo dominando a perna direita), ganhei inimizades das jogadoras rivais e admiração das minhas companheiras de time do Interclasse, pela raça em campo. Meu auge foi no Interclasse do sexto ano, em 2016.

A reta final do futebol feminino tinha como plateia garotos rindo, se achando os novos *Messis* e *Cristianos Ronaldos* dessa geração, e meu time misto com garotas de diferentes anos escolares estava perdendo de 1 a 0. Pela contagem de gols durante a competição, se apenas conquistássemos um empate iríamos para a próxima fase. Meu time desacreditado e desesperado por um gol começou a ouvir a torcida gritando os dez segundos finais do jogo: “10, 9, 8, 7, 6, 5... Gooooo!!” – gol?

Após receber um passe do meio de campo, passei as zagueiras do time adversário e cravei o gol do empate que garantiu nossa vitória. A sensação de alegria de ser abraçada pelo time e de vibrarmos por esse resultado ficou na minha memória para sempre. As inimizades das canelas chutadas e pernas machucadas nas adversárias ficariam para depois, eu fui a craque do jogo independentemente dos meios usados – ainda bem que não existia VAR e o juiz não era rigoroso. Julgue meus métodos, mas não meus resultados. Será?

Na partida seguinte, se não me engano, era a semifinal, ou as oitavas. Eu ganhei a posição de titular e não teve estratégia de correr pra cima das adversárias ou machucá-las que garantisse a vitória. Perdemos e demos adeus ao Interclasse 2016 da Escola Batista de Itapevi, sem medalhas.

Foi meu primeiro e último Interclasse. As medalhas que ganharia depois foram para que eu me sentisse incluída em partidas dos times femininos que eu nem sequer joguei, apenas

torci – e como eu gritava! Desde que me despedi em definitivo das aulas de educação física minhas emoções foram contraditórias. Triste por ser super competitiva e não poder participar, mesmo desejando tanto; mas também feliz por criar novas e especiais memórias com a melhor amiga que fiz, Beatriz de Almeida, que com minha ajudinha não participava das aulas também. Como *enganamos* o professor? Isso aí é outra história.

## Continuo jogando vôlei

*Amanda Santos do Nascimento*

Nada volta, mas algumas coisas recomeçam. Ano passado essa oportunidade me foi concedida. Essa história (re)começa com as férias de julho e os famigerados *rolês* em grupo. Eu e minhas amigas estávamos preparando, desde maio, o cronograma de *rolês* mais diversos e malucos possíveis, o que envolvia desde festas do pijama até exposições de artes chiques no centro de São Paulo. A intenção era de que, além de conhecermos coisas novas, pudéssemos aproveitar nossas últimas férias estando no Ensino Médio, numa tentativa de abraçar a adolescência antes que ela se esvaísse.

Nem tudo ocorre conforme nossos planos. Acontece que uma das minhas amigas, quase irmã, conheceu um garoto – que viria a ser seu namorado – durante a festa junina da escola. Esse evento desencadeou uma sequência de outros, porém, para manter o foco, vamos falar do principal: a fim de juntar os pombinhos e fazer seus encontros mais fáceis, decidimos que nossos *rolês* seriam **todos** no Sesc Interlagos. O parque é um ponto de fácil acesso, gratuito e permitia que nós, amigas fiéis escudeiras, encobrissemos o casal.

Os *rolês* programados foram deixados de lado e, assim, iniciou-se um mês marcado pela nova paixão e o nascimento de um novo grupo (os amigos dele também se juntaram a nós na aventura). Como éramos muitos e estávamos em um parque, nada mais justo do que praticar algum esporte. A atividade física escolhida foi o vôlei, e não demorou muito para que o grupo entrosar, unido pelo jogo. Naquele dia, no entanto, mesmo com muita insistência para que eu participasse, fiquei de fora.

É aqui que entra o chamado *contexto*. O vôlei, para mim, era uma paixão negligenciada. Meus familiares passaram a incentivar que eu praticasse o esporte no momento em que perceberam que eu seria relativamente alta. E eu até tentei. Entretanto, essa tentativa coincidiu com uma fase desagradável em que eu, pré-adolescente, era alvo de *bullying*. Palavras e olhares maldosos me perseguiram (no que parecia ser) todo corredor. Me sentindo extremamente sufocada, desisti das atividades extracurriculares e esqueci o vôlei pelo resto da adolescência. Foi pensando nesses comentários que decidi não participar da roda de vôlei naquele dia. Afinal de contas, eram, em sua maioria, pessoas novas, as quais eu não conhecia o suficiente para saber se seria julgada ou não.

Apesar disso, quando outro *rolê* foi marcado, todos deixaram claro que não aceitariam ouvir um “não” da minha pessoa. Logo, admitidamente forçada, entrei no jogo. E fui péssima. Lembro de me sentir envergonhada com tantos erros bobos e com a falta de atletismo que

eu tinha. Ficamos cinco horas no parque jogando e durante todas elas tive vontade de desistir. Ninguém deixou.

Ao notarem minha frustração, os mais experientes começaram a me dar dicas do que eu poderia fazer para melhorar. Não de um jeito que fosse rude nem insensível, e sim de maneira paciente e gentil. A atmosfera acolhedora me deixou animada para ao menos tentar de novo. E assim o fiz.

Sáímos quase todos os dias durante as férias, aproveitando ao máximo a vida – nos confins do Sesc Interlagos. Nossas mensagens se resumiam ao “vôlei hoje”. Frequentemente deixávamos nossos pais aflitos, já que ficávamos incomunicáveis sempre que jogávamos. Viramos fanáticos pelo esporte, o que semeou uma grande amizade entre nós.

Sempre que tento me lembrar dessas horas incontáveis nas quadras do Sesc, a maioria delas se embolam e se transformam em instantes na minha cabeça. O que vem é uma mistura de felicidade, satisfação e nostalgia. Porém de modo algum vou esquecer de quando, pela primeira vez, me joguei no chão para pegar a bola.

As férias estavam acabando e eu tinha notado uma evolução nas minhas habilidades. Era no meio de um *rally* e estávamos lutando para manter a bola no ar, até que ela veio muito baixa e meu instinto natural foi me lançar no chão para agarrá-la. E consegui. Mais tarde, sozinha em casa, soltei uma lágrima de felicidade.

No dia anterior à volta às aulas, enquanto todos se despediam no Sesc, duas coisas vieram à mente: a prática é (realmente) a chave para aperfeiçoamento; e essa ocasião era a comprovação de que o universo tem seus próprios planos – as coisas só acontecem quando (e com quem) elas devem acontecer.

O fechamento desta crônica é simples: as férias acabaram, o Ensino Médio também e o grupo de amigos agora respira por aparelhos. Mas eu continuo jogando vôlei. E foram essas circunstâncias que me deram a chance de recomeçar e de curar minha relação com o esporte. E disso eu nunca vou esquecer. Jamais.

## O homem mais alto do mundo

*Augusto Cesar Lovatto*

O passar dos anos vem me tirando a sensação de ficar surpreso. Talvez pelo acesso à muita informação que antecipa e previne situações de espanto, admiração; ou simplesmente o amadurecimento, que cria filtros em nossas mentes, diminuindo o fascínio ou o sobressalto. Foram-se os tempos das risadas fáceis diante de acontecimentos inesperados.

Tento resgatar algum fato ou acontecimento passado que tenha provocado tal assombro e paro em um longínquo março de 1971. O dia que conheci meu primeiro professor de educação física, Luiz Cattaruzzi, o homem mais alto do mundo.

Adianto que o senhor Cattaruzzi nunca chegou perto dos 2,51 metros do turco Sultan Kösen, registrado no *Guinness Book*. Mas, nesse dia, o professor nos foi apresentado em uma acanhada sala de aula e a desproporção entre ele, os alunos e qualquer referência ali existente o transformava em um gigante.

Eu nunca havia visto alguém tão alto e aquela cena começou a provocar uma inapropriada risada para aquele momento. Tentei disfarçar olhando para o lado e observei um amigo, o Antônio, também sem conseguir segurar o riso. Em instantes, Paulos, Pedros e Josés se juntavam a nós em um coro muito alto e muito sonoro.

O professor tentou organizar a situação e, em tom firme, disparou – do que riem? Por acaso o Arrelia está aqui na frente?. Cabe aqui explicar que Arrelia era um artista de circo. De fato, um palhaço que, com suas brincadeiras, tirava gargalhadas das crianças de então.

A comparação só provocou uma mudança. Agora todos riam, inclusive o professor.

Ficamos mais algum tempo até que todos voltassem à sobriedade de uma classe ginásial daqueles tempos. Inteligente, Cattaruzzi retomou o comando sem cobrar uma explicação dos alunos. Fez apenas uma cara feia.

Acredito que ele entendeu que aquelas crianças estavam rindo à toa, porque crianças não precisam de um motivo para rir.

E, se vocês quiserem saber, escrevi essa crônica rindo. Como há muito tempo não ria.

## O gol da bailarina

*Beatriz Almeida Hadler*

O esporte foi como um primo distante para mim. Ele esteve presente em fases esporádicas da minha vida, mas nossos encontros sempre foram muito divertidos e renderam inúmeras histórias – e algumas cicatrizes. Apesar de ser uma criança espoleta e cheia de energia, nunca houve um incentivo formal na minha casa. Vivía fazendo estripolias, correndo para lá e para cá e pulando janelas na casa da minha avó como uma praticante nata de atletismo, mesmo sem saber nenhuma regra ou assistir a um jogo sequer.

No Primário, adorava as aulas fora de sala – principalmente a de educação física. Cheguei a praticar judô e capoeira, mas as memórias que guardo são da correria do recreio. Em uma dessas empreitadas, jogando queimada, caí feio pela primeira vez. Foi tudo muito rápido. Em uma fração de segundos, eu estava no chão esburacado do pátio e do meu joelho jorrava sangue. Nada que um antisséptico – daqueles marrons com pazinha, que, ao tocar a ferida aberta, faz bolhas e arde – não resolvesse. Essa foi a primeira cicatriz que lembro ter estampada na minha pele. Mais tarde, descobri que um joelho ralado dói bem menos que um coração partido.

Um pouco mais velha, o esporte fez outra vítima na minha vida. Foi a hora e a vez da minha irmã. Inspiradas em um filme que assistimos na Sessão da Tarde, resolvemos ser patinadoras – não no gelo, mas no piso encerado da casa da vó. Equipadas com meias longas e muita coragem, deslizamos por toda a sala fazendo coreografias e malabares. Até que me ocorreu um pensamento breve, que ambas achamos genial: carregar uma a outra. Manu se agachou e eu a levei em um passeio radical, com curvas e derrapagens. Na minha vez, nossos quatro anos de diferença cobraram – no primeiro esforço para me arrastar ela foi com tudo para o chão. A gravidade puxou a menininha tão rápida e sorrateiramente que não deu nem tempo de reagir – seu queixo guarda a marca da ida ao hospital e da cola até hoje.

A prática de atividades físicas também deixou dores invisíveis, internas, no meu corpo pouco atlético. Na transição da infância para a adolescência, aprendi as regras do futebol e me encantei. Sabia pouco até então. Minha *experiência* se limitava a jogar pelada com meus primos menores todo final de semana – e eu acabava sempre sendo a goleira, a posição que nenhum de nós queria.

No colégio, comecei a fazer parte dos times femininos nos jogos escolares. Me divertia bastante em campo, apesar do meu baixíssimo rendimento como jogadora. Um desejo, no início pequeno e bobo, despertou no meu coração: treinar em uma escolinha de futebol. Alguns

meses se passaram até eu convencer meus pais que eu queria jogar de verdade – treinar como os meninos – como eu costumava argumentar.

Bastou o primeiro dia para a ficha cair. Uma linda manhã de sábado, com passarinhos cantando no bairro e eu amarrando minha chuteira para jogar. Chegando lá, fiquei nervosa. O cheiro de testosterona jovem exalando no ar. Olhei ao meu redor: nenhuma outra guria em campo. Tentei não me abalar com isso e, orgulhosa, acompanhei o ritmo dos garotos no alongamento e aquecimento. Na hora do jogo, me colocaram contra os mais novos. Lembro de ter dado a vida, mas meu *jeito* – um tipo de delicadeza desengonçada – não deu conta. Perdemos.

Todos os treinos seguintes foram assim. Ser a última a ser escolhida, entrar no time dos pequenos, ficar sempre de reserva ou – quando me deixavam jogar – ser zagueira e ter o pior *desempenho* da partida. Exceto em uma única ocasião. Após inúmeros treinos sem sucesso, um dos meninos se compadeceu da minha situação e me deu a chance da minha vida: ser atacante por um dia. Não sei de onde veio essa fé em mim, mas eu agarrei a oportunidade com a maior felicidade do mundo para uma garota de doze anos.

O professor apitou. Bola rolando no campo. Recebi um passe. Errei o chute. Outra recepção. Roubaram a bola. No intervalo, era tanta tensão que ninguém nem se olhava. Eu estava nervosa, queria provar meu valor a todo custo. Estávamos perdendo de 1 a 0. Na volta, me lembro das minhas pernas tremendo e na minha cabeça ressoava um único pensamento que se repetia baixinho – tenho que fazer um gol. De repente, com a bola nos pés, fiz uma linda assistência, mas o outro atacante chutou para o fundo. Tiro de meta. O nosso meio de campo roubou a bola e passou para mim. Eu sabia o que tinha que fazer: chutei para o gol sem nem ver. No instante seguinte, uma comemoração generalizada. Meu time se abraçando e gritando orgulhoso – *a menina fez um gol! Ela fez um gol!*

Nessa mesma semana, minha *carreira* – que nem chegou a começar – acabou. As palavras do médico foram: é muito impacto físico para uma menina em fase de crescimento. Havia meses me queixava de dores terríveis nos joelhos todos os dias. Depois da consulta, tive que fazer intervenções cirúrgicas e acompanhamento com fisioterapia por muito tempo. E não sem motivo, quem mandou fazer *ballet* e querer treinar futebol ao mesmo tempo?

## Mais do que uma partida

*Beatriz Martins dos Santos*

Um dos dias mais especiais da minha vida: 5 de novembro de 2022, *Camp Nou*, Barcelona, Espanha. Meu primeiro jogo do FC *Barcelona*, uma partida contra o *Almería* e uma grande surpresa, a despedida de um dos jogadores mais icônicos da história do clube: Gerard Piqué.

Era a minha segunda vez em Barcelona, já havia visitado o estádio em outra viagem pelo país, mas nunca tinha tido a oportunidade de assistir a um jogo. Estava com um amigo brasileiro e uma amiga espanhola, que não conhecia nada, então aproveitamos para turistar. Pela noite, passamos em uma loja do time no *Passeig de Gràcia*, uma das maiores e mais atraentes avenidas da cidade, para comprar um cachecol, visto que era inverno (estava próximo dos 0°C) e queria me sentir mais parte da torcida.

E lá íamos nós, em direção ao jogo, para realizar um grande sonho. Todos trajados de *FC Barcelona* pelas ruas da cidade; a cada segundo que íamos nos aproximando, com mais gente e mais grená e azul Barcelona ficava. Próximo ao estádio, diversas lojinhas com produtos e comidas e pessoas de todas as idades e gêneros. Cantos e gritos *culers* ecoavam pelas ruas. E ali, a poucos metros de mim, se encontrava o gigante e esplêndido *Camp Nou*.

Entrando no estádio a emoção aumentou mais, coração disparado e um sentimento de gratidão, acompanhado dos olhos cheios de água. Entretanto, o melhor ainda estava por vir: nosso lugar era muito próximo ao campo, tão próximo que mesmo a miopia e o astigmatismo não me impediram de ver todos os detalhes. Estava extasiada. Pouco tempo depois os jogadores começaram a aquecer. Na minha frente estavam as pessoas que eu acompanhava todo santo dia pelas redes sociais, era inacreditável. Infelizmente, uma coisa não aconteceria: ver o meu maior ídolo esportivo, Lionel Messi. Mas o momento era tão absurdo que até isso virou um pequeno detalhe. Minutos antes de o jogo começar, quando o hino do clube tocou em alto e bom som, foi uma das melhores sensações que já vivi; parecia que ali o sonho estava realmente se tornando realidade.

A partida começou e Piqué era titular, músicas em sua homenagem ressoavam pelas arquibancadas. Ao som de “Piqué, Piqué, *Piquenbauer*”, os *culers* e o gramado se despediam do jogador. Ao ser substituído, a partida simplesmente parou, todos em campo comemoravam a carreira do ídolo e os aplausos e gritos tomaram conta. Foi emocionante do começo ao fim. Para terminar e ser ainda mais especial, o Barcelona ganhou de 2 a 0, com gols de Dembélé e De Jong. E claro, as homenagens continuaram e ali eu via, na minha frente, pela primeira e última vez, um dos maiores do clube, em um dia histórico.

Ser amante do esporte traz tantos benefícios a nossa vida e são em momentos e detalhes assim que isso fica mais claro. O esporte é capaz de produzir experiências mágicas, tanto para o atleta como para o espectador. Vencer não se resume apenas a resultados, mas sim ao que é englobado ao vivenciar e experimentar o esporte por completo.

## **A primeira grande vitória: o Interclasse Feminino inesquecível**

*Beatriz Mateus*

Era o último ano da escola, e aquele Interclasse tinha algo especial. Pela primeira vez, a escola organizou uma competição feminina de futsal. O ginásio, lotado, parecia respirar junto com a gente. As torcidas eram tão animadas quanto em qualquer final masculina, com gritos ensaiados, cartazes coloridos e a vibração que só quem já jogou uma grande final conhece.

Nosso time era forte, disso sabíamos. Durante as semanas que antecederam o jogo, éramos o time a ser batido. Treinamos nos intervalos e nas aulas de educação física. Já tínhamos nos destacado nas aulas de educação física, e agora era a chance de provar que todo o esforço valeria a pena.

O time adversário também não era fácil. Elas jogavam bem, sabiam o que estavam fazendo, mas desde o início, a confiança estava do nosso lado. O jogo começou tenso, com muita marcação e bolas divididas. Mas, logo nos primeiros minutos, mostramos porque éramos o time favorito. Numa jogada rápida, nossa pivô fez o primeiro gol. A torcida foi à loucura, e nós, em quadra, sentíamos o peso da responsabilidade aliviar um pouco.

O placar estava a nosso favor, mas elas não desistiram. Em uma jogada inesperada, o time adversário conseguiu empatar. A nossa torcida ficou em silêncio por um segundo, o suficiente para sentirmos a pressão bater. Mas a verdade é que sabíamos que tínhamos mais para mostrar. O empate não era o fim, apenas o empurrão que precisávamos para dar tudo o que tínhamos.

Foi aí que nosso jogo brilhou. As jogadas ficaram mais precisas, os passes fluíram, e a conexão entre o time veio. Conseguimos retomar o controle do jogo, e logo veio o segundo gol, com um toque de letra, balançou a rede e fez o ginásio inteiro vibrar com a nossa torcida. Estávamos de volta à liderança.

O tempo passava, e cada minuto nos aproximava mais da vitória. E quando faltavam poucos minutos para o apito final, sofremos um pênalti a nosso favor. Respirei fundo e decidi bater. Posicionei a bola, dei três passos largos para trás, fechei os olhos, respirei fundo novamente, e finalmente bati o pênalti e o terceiro gol sacramentou o placar: 3 a 1. A sensação de alívio misturada com euforia era indescritível. Sabíamos que, ali, tínhamos feito história.

Quando o apito final soou, a comemoração tomou conta da quadra. O placar era definitivo, mas mais do que isso, era o símbolo de algo maior. Aquela não foi apenas uma vitória no futsal; foi uma vitória para todas as meninas da escola que, pela primeira vez, tiveram seu próprio espaço em uma competição.

A sensação de levantar o troféu era surreal. Não só pela conquista em si, mas porque sabíamos que éramos as primeiras campeãs do Interclasse Feminino da escola. Uma história que começava ali e que levaríamos para sempre conosco. Naquele dia, fomos além do jogo. Mostramos que, em quadra, éramos fortes, unidas, e capazes de qualquer coisa.

## O primeiro domingo de futebol

*Beatriz Moretti*

Para muitos paulistanos era uma tarde de domingo qualquer na imensidão e correria de São Paulo. Porém, para a jovem eu, era um domingo de futebol, por volta das dezesseis horas da tarde – também conhecido por ser o horário de futebol –, e o local era o até então estádio Paulo Machado de Carvalho, mais conhecido como Pacaembu. Meu pai, fanático por futebol, decidiu nesse dia que iria me levar para a partida, uma das inúmeras às quais ele ia para acompanhar o Palmeiras; então, seríamos ele e eu torcendo e apoiando o nosso time. Até chegar às proximidades do estádio eu não tinha muita noção do que era torcer ou a torcida de um time; meu parâmetro era apenas meu pai sentado em sua poltrona resmungando com a televisão enquanto os jogadores erravam gols e passes. Porém, ao ver aquela quantidade de pessoas vestidas de verde e branco, tive a noção da imensidão que o futebol é, sendo além de um jogo, uma reunião entre amigos e familiares, a cultura e a paixão de um país.

Para a minha surpresa, a minha primeira experiência em um estádio de futebol não se limitaria apenas à arquibancada. Antes de a bola rolar, os jogadores costumam entrar de mãos dadas com crianças no campo de futebol, e eu fui uma das escolhidas. Eram muitas crianças e todas ficaram em duas filas enquanto os jogadores passavam pelo meio delas. Foi quando eu avistei o camisa dez do Palmeiras na época, o “mago”, o chileno Jorge Valdivia. Desde que comecei a acompanhar os jogos pela televisão, ele sempre foi o meu jogador preferido; porém, percebi que não era só o meu, mas de todas as crianças que estavam em volta dele tentando segurar a sua mão. Acabei ficando para trás e acompanhando outro jogador, o camisa 38, Leandro, odiado por muitos palmeirenses, mas que tem meu carinho por esse momento.

Dado o início do jogo eu estava na arquibancada e completamente cativada pela torcida e pelos cantos, os quais, até o final da partida, eu sabia do começo ao fim. A partida em si não teve grandes emoções, foi um empate sem gols. Mas saí do estádio encantada com aquele ambiente, e a célebre frase de Joelmir Beting: “explicar a emoção de ser palmeirense, a um palmeirense, é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... É simplesmente impossível!” ganhou um sentido, pois me tornei palmeirense e apaixonada por futebol naquela tarde de domingo.

## Aquele gol do Gabriel Jesus

*Breno Aravechia Gomes Oliveira*

Era uma tarde de domingo. Eu tinha doze anos, camisa verde e branca colada no corpo, o coração acelerado e os olhos grudados na televisão da sala. Palmeiras e Cruzeiro jogavam pelas oitavas de final da Copa do Brasil de 2015. O Allianz Parque pulsava de esperança e de tensão, enquanto meu pai, ao meu lado, fazia comentários nervosos sobre o jogo, como se sua fala pudesse mudar o curso das coisas. Eu? Eu só conseguia imaginar uma coisa: ver o Palmeiras campeão.

Aquele jogo, para mim, era mais que uma partida; era um pedaço da minha infância que se agarrava às esperanças de um futuro glorioso, um reflexo do que era ser palmeirense. Em 2015, meu amor pelo futebol ainda estava sendo moldado, mas já era intenso. Nasci em 2004 e passei meus primeiros anos vendo o time lutar, tropeçar e se reerguer. Cresci ouvindo histórias de glórias passadas e promessas de um futuro melhor. Não tinha vivido as grandes conquistas, mas meu pai sempre me dizia: “Palmeiras é gigante, filho. Uma hora, a maré vira.”

O segundo tempo avançava, e o placar ainda nos deixava em desvantagem. Cruzeiro 2, Palmeiras 1. A angústia era quase palpável. Foi então que, aos 42 minutos, aconteceu. Gabriel Jesus, ainda um garoto, com sua camisa 33, roubou a bola no meio de campo, passou por dois adversários e avançou. Eu me levantei do sofá, sentindo algo diferente no ar. Ele estava determinado. Aos trancos e barrancos, entrou na área e chutou cruzado, no canto, sem chances para o goleiro. Gol!

A explosão foi imediata. Meu pai me abraçou com tanta força que, por um momento, nem consegui respirar. Pulei, gritei, senti o mundo desabar em alegria. O Palmeiras estava de volta. Não apenas naquele jogo, mas de volta ao seu destino, ao lugar que merecia estar. Era como se aquele gol fosse uma mensagem não apenas para os torcedores presentes no estádio, mas para todos nós que, de casa, sonhávamos com dias melhores.

Aquele momento ficou gravado na minha memória. Foi o gol que simbolizou para mim o renascimento do Palmeiras e do meu próprio amor pelo futebol. Gabriel Jesus, tão jovem quanto eu, representava a esperança, a força de quem não desiste, o espírito de um time que, por anos, lutou para se reerguer.

Hoje, aos vinte anos, quando volto a assistir os lances daquele jogo, percebo que não foi só um gol. Foi uma conexão entre gerações. Meu pai e eu, ali, unidos pela mesma paixão, vivendo o mesmo instante, mas com histórias tão diferentes. Ele, que viu os tempos áureos de outrora, e eu, que começava a entender o que é ser palmeirense: um misto de luta, fé e resiliência.

No fim das contas, hoje consigo dizer por experiência própria que vivo a célebre frase de Joelmir Beting: “explicar a emoção de ser palmeirense, a um palmeirense, é totalmente desnecessário. E a quem não é palmeirense... é simplesmente impossível”.

## O “ódio” de hoje pode ser sua carreira de amanhã

*Breno Guimarães Marino*

Ao longo de nossas vidas, muitas mudanças acontecem. Nossos gostos, relações, e habilidades, por exemplo, acompanham nossas transformações fisiológicas, corporais e mentais. Rotineiramente, ouvimos de diversas pessoas falas como: “nossa, aquela pessoa não era assim”, ou “ele/ela não gostava de nada disso quando era criança”. Quase que automaticamente, pensamos a respeito disso quando falamos sobre questões alimentares, estilo musical, gênero de filme favorito, entre outros. Tais transformações podem mudar as nossas vidas. Uma pessoa extremamente comunicável durante a infância pode ter se tornado mais introvertida, o que afeta suas escolhas, relações, carreira, etc.

Quando era criança, como alguém que queria *se aparecer* ou parecer diferente, dizia que não gostava de futebol. Realmente, não era muito fã (para ser sincero, de esportes em geral). Nunca tive um mínimo dom para qualquer que fosse a prática esportiva e, só de pensar em correr, suar, gastar energia, já me deixava cansado.

Aquele garoto, que se recusava a jogar bola e tinha *alergia* a qualquer prática física, se transformou a partir de seus oito/nove anos. Durante a Copa do Mundo de 2014, começou a colecionar figurinhas junto a seus amigos (que febre que é um álbum de Copa!). A cada pacotinho comprado pelos seus pais, sentia uma emoção diferente (lembro-me até hoje de quando tirei o Neymar). Logo quando chegava em casa da escola, ligava a TV e via que, na rede aberta (onde costumava ver as novelas junto à sua mãe), estava passando algum jogo qualquer daquela (fatídica) competição no Brasil. Curiosamente, não mudava de canal, pois se interessou em ver os jogadores, até então presos em simples figurinhas no seu imaginário, atuarem em campo.

Passou o ano, 2015! O garoto de nove/dez anos, que só tinha parado para ver seleções jogarem, se juntou a seu pai para acompanhar um certo clube paulista. Aquelas noites em que ia dormir mais tarde para ver seu time (rumo ao título da Copa do Brasil) despertou uma paixão e um amor que nunca teve. Desde então, passou a viver com fortes emoções. Viu ídolos, mais títulos e claro, uma ou outra decepção.

Eu, que simplesmente abominava esportes quando era mais novo, escolhi essa área para seguir a minha carreira e vida (viva o jornalismo esportivo, mas quem diria!). Hoje, não só paro todos os dias para ler as notícias do mundo esportivo, como também, quando tenho a chance, pratico os mais diversos esportes (todos com carência de habilidade). A prática esportiva nos traz emoções, sentimentos e consequências que nenhuma outra área fornece. Ele

nos transforma, nos molda! Caso você, leitor, tenha qualquer abominação por esporte – seja ele qual for –, talvez seja só por não tê-lo descoberto direito (largue estereótipos!).

Às vezes, é melhor deixar a vida te levar. Pode ser que algo que você não goste hoje seja sua carreira de amanhã. Descubra cada coisa antes de definir qualquer preconceito. Viva, aprenda, erre, não deixe se levar apenas por opiniões e ideias de outros. Hoje, eu não seria nada sem o esporte! Talvez, logo menos, você descubra o seu *esporte*.

## **Copinha: Palmeiras Bicampeão**

*Carla Huanca Quispe*

Era uma tarde ensolarada de janeiro de 2023 e o estádio do Canindé estava pronto para receber a final da Copa São Paulo de Futebol Júnior, o confronto era entre o Palmeiras e o América Mineiro. Fui para o jogo acompanhada do meu pai. Assim que chegamos, já vimos a atmosfera da torcida palmeirense, assim como nós, estavam prontos para apoiar a garotada que representava o verdão. Do outro lado, mesmo em pequena quantidade, a torcida do América se fez presente. O jogo começou e logo ficou claro que a disputa seria acirrada.

O Palmeiras abriu o placar com o gol do garoto Ruan Ribeiro, mas não demorou muito para o América Mineiro responder com um gol que deixou a partida empatada. Já no segundo tempo, o Palmeiras voltou criando mais jogadas e foi aos 47 minutos que veio o segundo gol do alviverde, garantindo a vitória por 2 a 1 e o consagrando Bicampeão da Copinha.

Com o apito final, eu e meu pai comemoramos mais um título do Palmeiras, isso também significa, mais uma recordação de um momento entre pai e filha, momento proporcionado pelo futebol. Com a entrega das medalhas e da taça, os jogadores fizeram uma volta olímpica acompanhada de aplausos da torcida, e ao sairmos do estádio, ainda ouvíamos os gritos da comemoração pela conquista.

## Uma noite comum

*Cid Roberto Araujo*

Lá estava eu sentado. Nunca descobri o horário verdadeiro, mas na minha cabeça eram às quatro da madrugada, ou então o horário mais tarde possível em que o Sol ainda não tivesse nascido, e na televisão carros passavam a velocidades incríveis, com nomes que ainda nem sabia ler e que não conseguiria sonhar em pronunciar – até porque a televisão não tinha nem o som ligado – eu e minha mãe, sozinhos no sofá.

Alguns minutos atrás havia acordado por algo que não sei até hoje o que foi. Notei que minha mãe não estava na beliche em que dormíamos e, como toda criança de três ou quatro anos faria, fui atrás dela.

O andar de cima estava escuro e silencioso, então passei pelos quartos em que dormiam meus avós, minhas primas e minhas tias, e descí as escadas. A luz da TV iluminava a sala, que para minha surpresa estava vazia. Continuei andando e na cozinha finalmente encontrei minha mãe, debruçada em alguns livros.

Como esperado, vinte anos geraram uma pequena elipse na minha memória, que imediatamente depois de encontrá-la me leva diretamente para a cena que descrevo no início desse texto. Me lembro muito vagamente da minha mãe me falando sobre os livros, que estava estudando para um concurso, um conceito totalmente novo e que não conseguia ainda compreender bem, e falando sobre os carros na TV, sobre algo chamado Fórmula 1, e que várias pessoas competiam em uma corrida de carros – um conceito um pouco mais familiar. De prontidão não entendi o nome Fórmula 1, mas não me importei e nunca fui atrás de entender, gosto de acreditar que carregar essa pequena ignorância comigo é uma das coisas que ainda me mantém próximo daquela criança.

Não me lembro de subir, dormir ou nada além desse momento.

Mesmo que essa memória retornasse vez ou outra nos meus pensamentos, acabei por não me tornar um grande fã de Fórmula 1, ou de corridas em geral, e eventualmente minha mãe acabou perdendo o interesse pelo esporte também, mas um ou dois anos atrás, revirando uma loja de antiguidades na avenida Corifeu, encontrei uma fita VHS com os melhores momentos de corridas antigas do Ayrton Senna e lembrei mais uma vez daquele dia. Comprei a fita e a levei como um pequeno presente – uma *lembrancinha* no sentido mais literal possível – e a surpresa da minha mãe com o fato de eu lembrar que ela gostava de Fórmula 1 quando eu era criança só foi superada pela surpresa com o fato de eu lembrar daquele dia específico, vinte anos atrás, que para ela era só mais um dia de estudos como tantos outros que eu provavelmente levantei e não me lembro, e nos emocionamos um pouco lembrando de tudo que passamos nessa vida, como é de se esperar.

Por mais que tenhamos ambos abandonado as corridas, acabei me interessando por diversos outros esportes. Basquete, beisebol, todo tipo de lutas, futebol americano – curiosamente muitos com eventos e ligas que acontecem à noite – e um certo dia, mais uma vez acordado até tarde assistindo algum jogo da NFL, ouvi minha irmã de quatro anos abrir a porta de seu quarto.

Devia ser umas onze horas, meia noite no máximo, mas pra ela podia ser quatro horas, ou o horário mais tarde possível em que o Sol ainda não tivesse nascido. O andar de cima estava escuro e silencioso, então ela passou pelos quartos e desceu as escadas. A luz da TV iluminava a sala, que para a surpresa dela só tinha eu.

Esquentei um copo de leite para ela e sentamos por alguns minutos para assistir o jogo. Ela obviamente estava morrendo de sono e não fez muitas perguntas, e eu também não fiz muita questão de explicar o esporte pra ela, tarefa que é difícil até para adultos às vezes, mas eventualmente carreguei ela pro quarto e ela dormiu.

Lembrei novamente daquela noite vinte anos atrás, uma noite tão trivial e ao mesmo tempo tão marcante, e me perguntei se algum dia minha irmã viria a lembrar dessa noite também. A resposta é provavelmente não, e infelizmente tenho uma boa certeza de que não vou ganhar um VHS no futuro, mas eu vou lembrar, pra sempre, de duas noites extremamente comuns, pelo menos toda vez que acordar e alguém estiver vendo televisão.

**7x1 na vida***Clara Hanek*

2014 foi um ano horrível. Pais brigando o tempo todo, problemas financeiros e tudo no meio do caminho. Ele passou a ficar em casa sozinho o dia todo e teve que aprender a se virar do dia para a noite. Ele, que antes tinha o dia enchido por extracurriculares e pessoas, agora passava o dia em casa vendo o tempo passar por algum programa aleatório na TV. 2014 foi um ano horrível. E morria de medo de atender a campainha. Tem perigo lá fora, os pais diziam. Acho que eles não perceberam que falar coisas desse tipo só criaria um menino medroso e ansioso. Os dias passavam assim sem muitos acontecimentos. Ele não gostava de assistir esportes porque agora não conseguia praticar nenhum. 2014 foi um ano horrível.

Ele não tinha afinidade nenhuma por futebol, mas às vezes fingia interesse só para tentar forjar alguma conexão com o pai, que nunca tentou ensinar nada do esporte, mas ficava feliz pelo envolvimento. No estádio cheio, em um jogo que provavelmente custou muito para o pai, ele via jogadas e escutava piadas que não entendia. Olhava a bola ir para lá e para cá do campo, virando a cabeça junto, mas sem ver nada. Torcia para que o pai não pedisse um comentário elaborado sobre o jogo, que ele não saberia fazer. 2014 foi um ano horrível.

Entre piadas sujas e risadas de adultos que acham legal falar coisas que as crianças não entendem, ele só se viu ficando mais ansioso. O time do pai estava perdendo e em breve ele estaria no carro sozinho com ele voltando para casa. Escutaria todos os xingamentos possíveis, mas tudo bem, porque o pai nunca encostou nele. O pai nunca encostou nele mas passou a vida inteira gritando.

O homem não lembra que ele foi criança um dia, não lembra que ele deixava brinquedos no chão ou derrubava água na mesa. Tudo agora é motivo para chamar a criança de idiota. Mas o homem foi criança um dia. O problema é que o pai dele era pior. Ele não teve o luxo de dizer que sabia o que era um pai que só gritava mas não batia.

Ele era, então, um pai muito melhor. Você não aguentaria um dia sendo filho do meu pai, ele dizia para o menino. Meninos não choram. Meninos não choram, então quando o pai gritava com ele – sempre – ele tentava segurar as emoções e fingir que não ligava para os xingamentos. Meninos não choram. Com o tempo, aprendeu a engolir todas as emoções, porque ver as lágrimas só deixava o pai mais irritado. Você não tem razão nenhuma para chorar. Você quer que eu te dê uma razão aqui e agora? Ele nunca mais chorou na frente de ninguém. 2014 foi um ano horrível.

Na escola não era muito melhor. Ele tinha estudado a vida toda com as mesmas pessoas,

seus melhores amigos. Conhecía o ambiente escolar desde que nasceu, toda a família havia estudado ali. E, à tarde, ele praticava todos os esportes possíveis lá mesmo. Mas não tinha mais dinheiro, então mudou para uma escola nova e barata. Não fez amigo nenhum.

Sentia falta dos amigos antigos, mas não gostava de combinar brincadeiras com eles, porque tinha vergonha de dizer aonde estava estudando e o que estava acontecendo com a sua vida. Com o tempo todos esqueceriam dele mesmo. 2014 foi um ano horrível. Rico demais para os colegas da escola nova, pobre demais para os da escolha velha.

Ele odiava ir para aula. Até aquele ano ir para a escola era uma das suas coisas favoritas da vida. Agora, a escola era um terror. Ele chegava a se esconder pela casa para não ter que ir. Claro que nunca funcionou, porque toda vez que a mãe não conseguia o achar ela dizia bem alto: vou chamar seu pai e você vai ver! O pai nunca encostou um dedo nele, mas ele estava sempre tão bravo que era ameaça suficiente. Ele ia a contragosto, mas ia. Começou a passar mal de manhã todo dia antes de ir para a escola.

A mãe, claro, nunca acreditou, já que sabia que ele odiava aquele lugar e com certeza não queria ir por birra. Com as mesmas ameaças, ela fazia ele ir. Hoje, ele sabe que estava dando os primeiros sinais da ansiedade crônica que o perseguiria pelo resto da vida. Mas ninguém acreditou. Acho que eles ainda não acreditam. 2014 foi um ano horrível.

No meio de todos esses acontecimentos turbulentos, a chateação que mais ficou marcada é que era Copa no Brasil e ele não conseguiu ir em nenhum jogo. Via os amigos da escola antiga assistindo as partidas. As fotos lindas, todos juntos, sorrindo, se divertindo e com seus pais. Uma grande família. É engraçado como foi rápido parar de pertencer. Ele sabia que seus pais também queriam ir aos jogos.

Acho que isso deixava tudo um pouco mais triste, saber que eles queriam dar mais para o menino e não conseguiam. Ele nem gostava de futebol. Mas a Copa do Mundo era muito legal mesmo assim, então ele finalmente estava assistindo esportes de novo. Até aquele fatídico dia. Ele estava animado antes do jogo. Assistiria sozinho porque, como sempre, estava sozinho em casa, mas tinha feito até pipoca. Entrou um gol. Entrou outro. Uma hora ele achou que estavam dando *replay*, porque não era possível estarem entrando tantos. Ficou com raiva da Alemanha.

Eles claramente iam ganhar, mas precisavam ficar humilhando a gente? Na nossa casa? Desligou a TV antes dos 45 minutos do segundo tempo. Que raiva do futebol. Sabia que ia chorar. De raiva ou de tristeza, não sei. Se escondeu no armário e chorou. Não tinha ninguém em casa, não precisava se esconder, mas agora já era costume. Se seus pais não viam e enxergavam suas angústias, os casacos e os sapatos sempre choravam junto com ele. Ficou lá tanto tempo que não sabia mais se estava chorando pelo 7x1 no jogo ou na sua vida. Por que mesmo 2014 foi um ano horrível?

## O esporte é maior do que eu

*Clara Viterbo Nery*

Todas as pessoas já nascem absorvidas no esporte. Seja já tendo seu time de futebol escolhido desde bebês ou sendo inseridas em diversas modalidades esportivas ao longo da vida, a prática está presente em todos os lugares. Todos conhecem pelo menos algum amigo que pratica um esporte ou é um torcedor fervoroso, que assiste às partidas de futebol aos domingos e vai ao estádio. E, como qualquer outra, eu também nasci absorvida nesse mundo. Com o acréscimo de ter um professor de educação física dentro de casa, a influência do esporte ao meu redor sempre desempenhou um papel muito importante no meu dia a dia — mas, talvez um pouco diferente da maioria.

Quando criança, eu tentei um pouco de tudo. Desde *ballet*, natação, vôlei, ginástica rítmica, futebol... Meus pais me introduziram a todas as práticas possíveis para que eu pudesse encontrar a que mais me agradava, contudo isso acabou gerando um efeito contrário. Ainda muito nova, eu iniciei uma guerra silenciosa entre mim mesma e qualquer esporte que pudesse existir. Estando numa quadra, eu me sentia pequena, incapaz de chegar ao nível dos meus colegas, perdida e desajeitada. Se eu não conseguia chegar a um nível razoavelmente aceitável de prática a ponto de não ser *café com leite* até o no pega-pega, para mim, era mais fácil aceitar que o esporte era maior do que eu.

Mesmo que soe exagerado, eu levei essa informação quase como uma crença por anos. Só de imaginar ser inserida em qualquer esporte era capaz de me gerar um mini ataque de pânico (numa perspectiva completamente fictícia). Ao me excluir do mundo dos esportes, eu aceitei que eu não podia ser boa em tudo e que essa seria minha escolha, afinal, o esporte não afetaria de forma alguma minha vida.

Minha mudança de perspectiva aconteceu, surpreendentemente, no meu momento de maior tédio. Todos os anos, meu colégio realizava competições esportivas entre turmas e eu me contentava a aproveitar a semana conversando ou completando o banco para que a equipe não perdesse W.O. No entanto, em um momento em que eu estava cuidando do celular de duas amigas enquanto elas jogavam, eu comecei a gravar o que acontecia ao meu redor. Entre registrar todos os lances perdidos, a decepção e risada dos outros que também acompanhavam aquela tragédia, eu me encontrei realmente aproveitando um esporte. Só que como uma espectadora.

Eu passei a semana inteira filmando e transformando aquela experiência na mais prazerosa possível, unindo aquilo que eu achava que não gostava com o que seria apenas uma diversão para mim. Ao fim, eu me vi completamente inserida naquele mundo e até

compreendendo regras básicas de alguns dos jogos, o que era, sem dúvidas, surpreendente. Ser espectadora foi a parte mais divertida da minha semana e acabou me trazendo uma nova perspectiva de que eu não precisava praticar um esporte para aproveitá-lo.

Seria precipitado da minha parte dizer que eu me tornei uma grande seguidora esportiva, mas, sem dúvidas, eu consigo enxergar diferentes perspectivas desde então. Me interessar pelo *show* do intervalo, me fez assistir a jogos de futebol americano; assistir séries ou filmes com temática esportiva me fez descobrir modalidades que eu nem conhecia, como badminton, e aceitar que eu não conheço nem metade do que poderia, me abriu as portas para todo este vasto mundo dos esportes e tudo que ele pode ensinar.

De verdade, eu continuo acreditando que o esporte é maior do que eu, só que por outra perspectiva. Torcer, acompanhar ou praticar esportes é uma cultura, uma paixão e uma força. O esporte nos move e pára o mundo. Políticas e nações são feitas e conhecidas graças ao esporte. E entender o quanto eu sou pequena e posso crescer acompanhando o esporte é um grande privilégio.

## Pessoa para pessoa

*Diego Lobo Coppio*

No mundo do futebol, o imperdoável varia bastante de pessoa para pessoa. Um zagueiro que dá uma entrada forte no atacante habilidoso após receber um drible desconcertante recebe tanto aplausos quanto críticas – às vezes até de sua própria torcida. Um craque em ascensão, quando é pego na balada, é muitas vezes criticado por alguns, pois está perdendo o foco, deslumbrando-se com as portas abertas pelo sucesso, mas também elogiado, pois “*quando a Seleção tinha pagodeiro, cheirador e baladeiro era quando ganhava alguma coisa*”.

Mas existe uma atitude entre os boleiros – nesse caso, os torcedores – que não tem perdão: a troca de time. Nem o maior dos párias abandona seu time para torcer por outro. Traições conjugais são muito (MUITO) frequentes dentro desse meio, mas trair seu time de coração? Jamais.

Circula pela internet uma grande quantidade de imagens inspiradoras com o escudo do Corinthians em proporções épicas e os dizeres: “não se vira corinthiano, se nasce”. Pois bem, vindo de um antro alvinegro, que começou com os avós se conhecendo no próprio Parque São Jorge, a minha situação não poderia ser diferente. Com várias roupinhas de bebê do Time do Povo, eu sempre me entendi corinthiano. Minha mãe estimulava muito o ódio aos rivais – Palmeiras e São Paulo –, simulando vômitos toda vez que o escudo de um deles aparecia na televisão. Já era um *case* de sucesso. A doutrinação alvinegra em casa não poderia dar errado.

Mas, em 2005, as coisas começaram a mudar. O Corinthians vivia uma fase repleta de expectativas com a chegada dos galáticos da MSI – nomes como Carlos Alberto, Roger Flores, Gustavo Nery, e especialmente a dupla Nilmar e Carlitos Tevez encantavam os torcedores alvinegros – e eu, uma criança de seis ou sete anos de idade, estava mudando de escola. No universo infantil, mudar de escola representa uma mudança na vida. Novos professores, ambiente novo, novas brincadeiras e, principalmente, novos amigos. Sendo uma criança tímida e introvertida, eu sempre tive dificuldades de me enturmar, portanto perder tudo o que eu já tinha trabalhado firmemente para conquistar foi um baque muito grande. Mas já que era inevitável, vamos à luta...

E já começamos perdendo. A maioria dos novos amiguinhos torcia para o alviverde da Barra Funda. E com toda a sensibilidade que crianças de sete anos podem ter, eu era sumariamente excluído do convívio por torcer para o Corinthians. Depois de alguns meses nessa situação veio a pergunta que até hoje é lembrada aqui em casa nas reuniões familiares: “mamãe, posso torcer para o Santos?”. Todo o trabalho de anos, arruinado por um grupo de crianças maldosas.

Seria esse um crime tão imperdoável assim? Qual o problema do Santos, se também era um time preto e branco (ou branco e preto)? Eu aprendi a odiar os irmãos da Barra Funda, e não o alvinegro praiano, que geralmente não era nem lembrado, mas pelo menos era mais aceito pelos coleguinhas do que o Corinthians.

Minha incursão ao clube da Vila durou poucos meses, com direito à compra de camiseta e comemorações dos gols do jovem Robson de Souza. É uma anedota divertida inclusive. O Campeonato Brasileiro de 2005 ficou famoso pelo escândalo da Máfia do Apito, no qual resultados foram manipulados por árbitros da Federação Paulista de Futebol. A solução foi refazer os jogos que tiveram os envolvidos escalados, o que acabou dando o título ao Corinthians no final do campeonato. Um dos jogos manipulados foi um 4 a 2 do Santos sobre o meu clube-natal, jogo que eu comemorei bastante e pude provocar minha família. No jogo da volta, eu já tinha retornado ao corinthianismo, o que me rendeu outra comemoração – um 3 a 2 para o campeão daquele ano. O importante é vencer, seja pelo lado que for!

Aproveitando o gancho, a decisão de voltar para o Corinthians foi minha mesmo. Um dia qualquer, dia de Corinthians e Coritiba, coloquei meu uniforme do clube dos meus pais, peguei minha bola e disse: “mamãe, acho que vou voltar a ser corinthiano”. E assim se fez! Meus amigos não aceitaram tão bem, mas só um deles poderia dizer que era campeão no final do ano, então acredito que o saldo foi positivo. E até hoje, o Corinthians dita a minha vida.

Acho que eu não teria aceitado tão bem quando meus pais à época. Filho meu vai ficar sem amigos, mas não vai cometer o pecado de trair o time. Para me justificar – principalmente para mim mesmo –, eu digo que foi uma traição para ter certeza do que eu sentia. Afinal, quem nunca precisou pular a cerca para descobrir que o verdadeiro amor estava em casa o tempo todo?!

## Nasce uma torcedora

*Edna Alves Rego*

O ano era 1970, o dia 21 de junho, final da Copa do Mundo disputada entre o Brasil e a Itália, no Estádio Azteca, na cidade do México. A casa simples na ladeira em Bauru foi palco para aquela menina mirrada se descobrir, como um dos milhares de brasileiros, encantada com o tricampeonato conquistado pela Seleção Brasileira.

Primeiro tempo empatado em 1 a 1, ao final dos noventa minutos o placar era de 4 a 1 para o Brasil. A cada gol, corria para o portão e gritava com todas as forças do pulmão, era uma explosão de alegria... Foi mágico.

Ao final da partida, saímos para comemorar como todos da vizinhança. A euforia tomava conta da rua, ânimos exaltados e muita festa. Mas, no meio disso tudo, havia uma pessoa com o rosto coberto de sangue, lembro de ter ficado assustada.

O governo Médici aproveitou a conquista do título para fortalecer a imagem do regime, assim ocultando o real cenário brasileiro de repressão imposto pelo AI-5. Anos de chumbo. Só vim a descobrir isso anos mais tarde, porque para mim viver no Brasil naquele momento era o melhor lugar para estar. A partir de então, me descobri uma fervorosa torcedora da Seleção Brasileira. São em situações como essa que fica claro como a política permeia todas as esferas da vida, algumas vezes até mesmo nos manipulando.

## Aula ingrata

*Emanuel Rodriguez Boll*

Era de praxe a jogatina no fim de tarde ou mesmo antes do almoço nos dias de Sol quente. Para nós, acostumados com os pequenos retângulos mal asfaltados espalhados por São Paulo, se tornava mágica a partida no gramado, próximo ao rio, rodeado de árvores e pássaros. O miolo do mês de Janeiro parecia se estender para muito além das duas semanas que passávamos no lugar, deixando marcas e memórias recheadas até nosso retorno.

E aquele dia não foi diferente. Mais uma pelada vendo o Sol cair, sem preocupações, em um ritmo intenso, desviando das raízes e poças de lama, com as solas dos pés esverdeadas guiando-nos para perto da bola, esta, que dançava ao desfilar pela passarela irregular que em algum momento a conduziria para o fundo das redes, aflorando os ânimos de metade – ou um pouco mais, ou um pouco menos – daquelas criança. O melão rolava para um lado, depois voava para o outro, e o jogo ia se desenrolando, sem muitas paradas e burocracias, cerimônias e performances, já que a arbitragem era o grito, – Parou! – e o foco, para além da vitória, era nossa diversão.

Eis que em um passe mal executado por um dos zagueiros adversários, me senti como recebendo uma carta de amor da protagonista daquele espetáculo, e não deixei a oportunidade para trás. Tropeçando e perdendo a velocidade, a bola corria lenta cruzando horizontalmente o campo, e eu, atento, já em movimento desde o gesto técnico errado do amigo opositor, percebi que a alcançaria muito antes do remetente. Alargando o último passo, me preparei para dominá-lá, já sonhando com a arrancada em plena liberdade, para tirar do goleiro e correr para o abraço. Ataquei-a.

O estalo antecipou por milésimos o primeiro grito, milésimos estes, que ficaram dominados por um silêncio absoluto. A dor era de longe a maior que já havia vivenciado até ali. Para além do susto – não só pelo alto estalo ao torcer o tornozelo mas também pela fértil imaginação de uma criança – sentia meu pé latejar e não era possível raciocinar, apenas emitir os estímulos animais que sentia. Rapidamente estava cercado por todos ali presentes. Não demorou para os mais velhos me carregarem até a casa principal do sítio, aonde cheguei ainda aos prantos.

Por detalhes, um pisão na bola e um pé de apoio travado, a glória momentânea de mais um gol no *rachão* se tornou um grande empecilho para os próximos dias de férias, e até mesmo os primeiros dias letivos daquele ano. O que até então para mim só havia trazido emoções, experiências, amizades e vontade de voltar e fazer aquilo novamente, me deixou

então parado. A bola maltratou, e daquela vez, para além do jogo, me segurando por alguns meses, direcionando para algumas atividades, consultas e utensílios chatos. Mas ela ensina, e por mais cruel que possa ser o método, o aprendizado acontece impreterivelmente quando se está dentro das quatro linhas. Às vezes pelo bem, às vezes pelo mal, pelo azar, pela vontade excessiva, mas uma coisa é fato, a bola, o adversário, o parceiro, o campo, o movimento, o jogo, o esporte, são professores que merecem mais atenção.

## Maracanã voluntário

*Enzo da Silva Villar*

São importantes as memórias que temos quando somos bem, bem jovens, uma vez que a maioria delas são registradas apenas pelas fotos e não pela nossa percepção de ser. Em 2014, eu tinha cerca de dez anos, morava no Rio de Janeiro, e por sorte do acaso, (ou, indiretamente, pela corrupção da FIFA), morava em uma das capitais que sediaria o famoso evento futebolístico: a Copa do Mundo.

Primeiramente, meu pai tentou e conseguiu me levar à abertura da Copa, pois desde sempre, foi o seu sonho, vimos Brasil x Croácia, onde vencemos, mas teve um gol contra do Marcelo (hoje penso que talvez esse tenha sido o sinal de que não chegaríamos até a final).

Fomos de carro até São Paulo, para o estádio, que atualmente se chama Neo Química Arena. Aquele dia foi diferente, a emoção de uma Copa no Brasil, de ter ido a abertura desse evento, e sentir uma boa energia generalizada, até andei de metrô nesse dia, embora hoje não seja uma das atividades mais emocionantes da minha rotina, mas certamente aos dez anos, era novidade.

Voltando ao Rio de Janeiro, meus pais conseguiram arrumar ingressos para a final, quase impossível devido a alta demanda e por atividade de cambistas. Na época, esperávamos ver o Brasil na final, mas infelizmente, um jogo em Belo Horizonte, contra a Alemanha, não permitiu que isso fosse possível. Então, no dia do jogo da final da Copa, saímos cedo de casa, para não atrasarmos e aproveitarmos o estádio ainda vazio. Ao redor do Maracanã haviam ativações e brindes antes de entrar no nosso portão. Ao subirmos até a arquibancada, alguns argentinos vieram conversar comigo e com meu pai. Em um dado momento, até pediram para trocar camisa de time, como um talvez gesto de solidariedade, ou só pelo entretenimento no momento.

Aos dez anos, não tinha noção de rivalidade com a Argentina, pra falar a verdade, nem saberia dizer onde esse país fica, nem se realmente existia tal país, ou se era somente um nome vazio, comum aos brasileiros, como sinal de inimizade. Sendo assim, insisti para que meu pai realmente trocasse a camisa, insisti tanto, que uma hora realmente eles trocaram, uma camisa qualquer do Brasil, por uma oficial da Argentina, que hoje diria que financeiramente foi uma boa escolha. Após o início do *show* de encerramento, meu pai colocou um moletom para esconder a camisa, num calor de mais de trinta graus no Rio de Janeiro.

No intervalo do jogo entre Argentina e Alemanha, eu e meu pai fomos na loja oficial da FIFA para passar o tempo. Lá, conhecemos uma voluntária dos jogos, que se interessou pela

camisa da Argentina, e propôs trocar a camisa oficial dela, de voluntária da FIFA, por aquela camisa da Argentina. Mais do que isso, ela também conseguiu uma bola do jogo da final, que na loja, apresentava-se esgotada.

Pegamos o contato dela e ao fim do jogo, faltando poucos minutos, corremos até o estande, e fizemos a troca. Até hoje vejo essa camisa e a bola, decorando meu quarto, me lembrando sobre momentos importantes que já presenciei e como o esporte, e o futebol em especial, traz boas memórias, à mim, ao meu pai, à voluntária, ao Maracanã. Mas mesmo assim, hoje, escrevendo essa história, podemos ver como é importante a lembrança. Depois de mais de dez anos, algumas informações se perderam, e ninguém mais consegue dizer o que de fato aconteceu, somente as fotos. Nas diversas décadas no estádio, houve milhares de histórias que ninguém nunca ouvirá.

## O Dia do Desastre

*Eriton Rocha da Silva*

Era um domingo de Sol. Era um domingo com estudantes de direito confiantes de que a vitória iria vir. Fomos ao campo, estava muito seco, olhamos os nossos adversários e desdenhamos – eram velhos demais para nós, e tinham muitos fios brancos na cabeça.

Em tal momento, esquecemos que a branquitude dos fios era um sinal de experiência, de malemolência. O meu time, intitulado Né Segredo FC, entra em campo contra aqueles senhores que, no fim das contas, deveriam ser respeitados.

Nos primeiros minutos, percebemos que nossa estratégia *deixa que o goleiro resolve* não ia dar certo. O primeiro gol foi rápido, o segundo foi relâmpago, e o terceiro... Bem, nem deu tempo de pensar em uma desculpa. Vi, ali, que fazia parte do pior e melhor time do mundo.

Então, em meio ao caos, e depois de tomarmos treze gols, aconteceu. Um passe desprezioso, um chute desesperado e, por algum milagre, a bola balança a rede. Um gol que levou a nossa dopamina aos ares, um gol que me fez esquecer que estudava direito. Gol de final de Copa.

Gritei e pulei. Foi como se o placar estivesse ao nosso favor. Mas, ao olhar para o céu, lembrei-me do desastre que estávamos enfrentando e, então, murchei. O time inteiro murchou. Voltamos ao jogo. Volta os calouros do Né Segredo FC contra os veteranos da vida.

Já ia me esquecendo, a bola era de muita qualidade. Depois do nosso objetivo, vimos que já tínhamos sonhado muito, agora era a vez da realidade. Cada ataque deles foi um teste para a nossa paciência e para a integridade do nosso goleiro, Ederson, que não tinha más intenções.

Ao final, saímos com dezessete gols no lombo e com um único gol positivo, mas também com algo mais valioso: uma boa história para contar. Porque, no fundo, o que importa é a diversão e o companheirismo. Um time ruim, mas com bons amigos. A amizade anulou esse desastre.

**E se...**

*Fernanda Franco Xavier*

Poucas coisas na vida atormentam tanto uma pessoa quanto o questionamento “e se?...”.

O poder dessas duas palavrinhas juntas me deixaram reflexiva, e um tanto nostálgica, enquanto assistia a seleção brasileira de natação feminina nas Olimpíadas de 2024. Eu estava sentada na sala, acompanhando pela TV as melhores nadadoras do mundo na linha de partida, prontas para darem tudo de si em busca da medalha de ouro. Enquanto esperava o tiro de largada, me peguei voltando no tempo para aquele dia especial em que me vi na mesma posição, embora em uma escala bem menor: a competição de natação da minha escola.

Eu tinha dez anos e treinava há um ano repetindo cada movimento na água até meus braços e pernas parecerem agir sozinhos. O calor do dia da competição foi intenso, mas o que eu mais sentia era a ansiedade borbulhando no peito. De um lado, estava insegura, pois apesar dos meses de treinamento eu tinha ainda muita dificuldade em manter uma velocidade constante na água; minha professora dizia que faltava colocar mais força nos braços, eu tentava. De outro lado, minha mãe estava na arquibancada gravando tudo na câmera com um sorriso discreto no rosto, ela sabia que eu não estava indo bem nas aulas de natação, mas ainda assim não queria decepcioná-la.

Quando o juiz nos chamou para a borda da piscina, meu coração batia tão rápido que mal conseguia ouvir as instruções. Lembro do barulho do apito e do choque da água quente. Senti meu corpo pesado, como se estivesse indo contra uma correnteza.

Na TV, as nadadoras profissionais mergulharam com uma sincronia impecável. Elas deslizavam na piscina como se fossem parte da água, e eu me lembrei de como me senti naquele dia na escola. Não era Paris, nem havia uma plateia internacional torcendo, mas, para mim, aquele momento tinha a mesma grandiosidade. Era a minha primeira competição e eu queria ouro.

Eu havia dado tudo o que podia. Lembro de sentir meus braços pesados na última volta, já estava muito cansada, mas algo não me deixou desistir. Quando toquei a borda da piscina e, ofegante, olhei para o placar, veio a surpresa: medalha. Conquistei o disputadíssimo terceiro lugar. Como regra do campeonato, todos que participaram, independente da colocação, recebiam medalha. Mas quem recebeu e subiu ao pódio sentiu um peso diferente, ainda mais com expectativas tão baixas.

Aquela foi a minha primeira e única medalha na vida até hoje, o suficiente para ficar gravada na memória – e na parede – para sempre.

Depois fiquei sabendo que fui a última a pular na água. Os últimos serão os terceiros, diferente do que diz o ditado. Mas, sinceramente, isso não importa. Aprendi ali que esporte não é apenas *glamour* ou recordes mundiais, é persistência, esforço e a sensação indescritível de tocar a borda – seja em primeiro ou último lugar.

Daquele momento em diante, me tornar uma atleta começou a figurar os meus sonhos. Não só isso, tive uma melhora significativa no esporte. Consegui avançar de nível e treinar com alunos nadadores mais avançados. Troquei a cor da touca de verde para vermelho e iria me classificar para a competição do ano seguinte. Mas essa felicidade durou pouco, minha mãe me tirou do colégio e, conseqüentemente, das aulas de natação. Mais tarde descobri que foi por falta de recursos financeiros.

Desde então, o sonho de ser atleta ficou apenas no campo das hipóteses... Mas, e se eu pudesse ter continuado, onde estaria hoje? Será que em Paris? As atletas na TV agora recebem suas medalhas com sorrisos de exaustão e dever cumprido. Nenhuma nadadora brasileira ganhou medalha e tivemos o pior desempenho olímpico na piscina da história. E se eu estivesse lá competindo, não como sou hoje, mas como atleta, ganharia?

Por um instante, estou de volta àquele pódio do colégio, com o mesmo sorriso no rosto, sabendo que, de alguma forma, aquele dia foi meu pequeno pedaço das Olimpíadas. Realmente o esporte desperta algo em nós. Nos faz pensar que tudo é possível e que a nossa vocação é viver aquele momento; se não dentro da água, fora dela.

## **Orgulho de ser itaquerense (porém, palmeirense)**

*Fernanda Rafael Silva*

Eu cresci na periferia de São Paulo, mais especificamente em Itaquera. Então, dá para imaginar como passei a vida ouvindo as piadas que faziam do bairro. Todos amavam rir do fato de eu morar longe do centro, em uma região que era sinônimo de pobreza aos olhos deles. Cada vez que eu mencionava onde vivia, sentia o julgamento das pessoas, como se ser de Itaquera fosse um motivo de vergonha.

Até que veio o anúncio de que a abertura da Copa do Mundo de 2014 seria em Itaquera, no estádio do Corinthians.

Eu, palmeirense desde criança, me vi numa situação curiosa: o lugar onde eu morava estava se tornando a estrela através estádio do meu maior rival, (ou melhor, do estádio das *galinhas* como eu costumava dizer em prol da zoeira entre torcidas). O mundo inteiro veria o lugar que eu tantas vezes quis esconder graças ao evento esportivo mais aguardado do planeta.

Não demorou muito para que as ruas fossem decoradas por bandeiras e ornamentos nas cores da Seleção Brasileira. Todos os moradores aguardavam com ansiedade o momento em que todos os olhos se voltariam para Itaquera.

E quando o dia finalmente chegou, eu acordei cedo para ir ao mercado com meu pai, queríamos comprar petiscos para a primeira partida. Além disso, minha mãe ainda nos fez sair pelo bairro em busca de uma camiseta do Brasil para que ela pudesse assistir ao jogo devidamente trajada.

Me lembro de eu estar em meu sofá, em minha casa no Cohab II, quando a transmissão começou. Naquele momento, senti uma onda de emoção quando uma imagem aérea do bairro apareceu na televisão, o lugar que tanto fez pessoas me desprezarem, agora era um acontecimento mundial. Vi celebridades, turistas e até Jennifer Lopez ali, no coração de Itaquera. Enquanto a cerimônia acontecia, algo dentro de mim também mudou.

A cada segundo a vergonha que eu sentia começou a sumir, pela primeira vez, eu senti orgulho em ser de Itaquera. Orgulho de ver o lugar que tantas vezes subestimaram sendo o centro da festa. O lugar onde cresci e que sempre carreguei como um fardo, agora se tornava motivo de alegria. Mesmo com todo o simbolismo corintiano, me vi torcendo pelo sucesso do nosso bairro. Assim, o que antes me envergonhava, agora me enchia de um orgulho que jamais pensei que sentiria.

Durante a partida, tudo ficou ainda mais emocionante, lembro-me de vibrar com a vitória da Seleção Brasileira por um placar de três gols contra apenas um da Croácia. Eu estava realmente esperançosa com o hexa.

Infelizmente o título não veio, quase um mês depois vi o Brasil perder na famosa partida do sete a um em que a Alemanha praticamente nos humilhou em nosso próprio país. Ainda assim, eu digo que ganhei muito em 2014.

Naquele ano, ganhei orgulho de ser quem eu era e vir de onde vim, aprendi que ser periférica não me impediria de ser grande e de brilhar, pois Itaquera também brilhava apesar de tudo. Percebi que o esporte quebra todas as barreiras e é uma poderosa ferramenta de união.

Até hoje só tenho a agradecer por aquela Copa, porque ela trouxe não apenas a alegria, mas também a autoestima e a confiança para todos os moradores de um bairro do extremo leste de São Paulo.

## O gol que ninguém esperava

*Fernando Miguel de Souza Siqueira*

Naquele dia ensolarado, o campo de futebol estava tomado por gritos e risadas. Enquanto os meninos dividiam-se em dois times, eu, mais apaixonado pela ideia de jogar do que realmente habilidoso com a bola, tentava me enturmar com os outros.

O jogo começou animado, mas logo percebi que as minhas habilidades não eram suficientes para igualar a energia dos meus amigos. O placar mostrava 3 a 1 para o time adversário, e a frustração começou a se misturar à vontade de me destacar, nem que fosse por um momento.

O calor do dia parecia refletir a tensão que crescia a cada minuto. As jogadas se tornavam cada vez mais intensas, mas eu continuava perdido em meio àquelas corridas frenéticas. Estava prestes a desistir da ideia de ser um jogador quando, de repente, o apito do árbitro soou: pênalti para o nosso time. Um momento de silêncio seguiu, como se o tempo estivesse parado. Olhares se voltaram para mim, que estava a poucos passos da marca da cal. A expectativa do grupo era baixa e, confesso, uma onda de insegurança me invadiu.

Foi quando eu o vi. Meu pai estava chegando, descendo do carro e acenando com um sorriso encorajador. Ele sempre foi meu maior apoiador, mas, naqueles momentos de pressão, sua presença parecia aumentar meu nervosismo. O que eu queria era fazer um gol que ele pudesse se orgulhar, mesmo que eu soubesse que isso era quase uma missão impossível para alguém como eu.

Respirei fundo. O goleiro adversário me observava com uma mistura de confiança e desprezo. Ele sabia que eu não era o artilheiro da equipe e estava preparado para mais um chute fraco. A bola estava ali, brilhante e desafiadora, me encarando como se dissesse que tudo dependia de mim. Quando o árbitro apitou, a adrenalina tomou conta. Corri, acertei o pé na bola e ela deslizou em direção ao gol.

Um instante depois, a rede balançava. O gol, finalmente!

A felicidade explodiu dentro de mim. Eu corri em direção aos meus colegas, que me cercaram em uma celebração contagiante. O sorriso do meu pai, à distância, parecia brilhar ainda mais. Mas, enquanto os aplausos ecoavam, algo no ar parecia diferente. Quando o jogo acabou e as emoções começaram a se acalmar, os meninos se aproximaram de mim, e as palavras que se seguiram foram um balde de água fria.

– Na verdade, a gente deixou você fazer o gol – disse um deles, rindo – foi só para não passar vergonha na frente do seu pai. Outros acompanharam, afirmando que o goleiro até havia pulado para o lado errado. O que eu havia imaginado ser um momento glorioso se transformou em um misto de risos e confusões. Senti uma mistura de vergonha e alívio, como se, ao mesmo tempo, eu fosse um herói e um mero sortudo.

No dia seguinte, no colégio, o episódio virou motivo de piada – olha o craque do time, que ganhou um pênalti de presente! As risadas eram inocentes, mas, dentro de mim, havia um embate. Eu queria acreditar que tinha conquistado aquele gol, que tinha feito algo especial. Mas a

verdade era que o carinho dos amigos e a intenção deles de me proteger acabaram por ofuscar minha pequena vitória.

Refletindo sobre aquele dia, percebi que, embora o gol tenha sido um presente dado por outros, a felicidade que senti ao marcar era genuína. Era uma lembrança do apoio incondicional do meu pai e da amizade que compartilhava com os outros. O futebol, afinal, não era apenas sobre vencer ou perder, mas sobre os laços que criamos e as memórias que construímos.

E assim, ao olhar para trás, entendi que mesmo que não tenha sido um gol *de verdade*, ele foi um marco na minha adolescência. Um dia em que mesmo sem saber aprendi que, às vezes, o mais importante é a intenção por trás das ações.

O campo pode ter sido apenas um pedaço de terra batida, mas para mim, ele se transformou em um lugar de crescimento e de entendimento.

## **Tudo nosso, nada deles: eles não esperavam**

*Filipe Antonio Neri*

O ano era 2018. O campus do IFSP (Instituto Federal de São Paulo) estava tomado por um espírito vibrante: era a aguardada semana SEDCITEC (Semana de Educação, Ciência e Tecnologia), que coincidia com o tão esperado interclasses. Setembro sempre carregava esse ar especial: uma mistura de expectativas, provocações amistosas e a busca pela glória dentro das quadras. Nos corredores e saguões do IFSP só se falava nisso, e não era diferente para mim. Mas, naquele ano, a ênfase tinha um peso maior: era o ano em que eu daria a volta por cima no basquete, o esporte em que eu era um apaixonado e obcecado competidor.

Para entender o que estava em jogo, é preciso voltar um pouco no tempo. Em 2016, juntei um time e chegamos até a semifinal. Saímos derrotados, carregando a dor de uma promessa não cumprida. No ano seguinte, 2017, conseguimos ir além, mas só para sentir o gosto amargo de uma derrota na final. Parecia que o destino sempre encontrava um jeito de nos frear no último momento. Naquela época, embora eu fosse da turma onze, meus colegas eram mais inclinados ao futebol. Já o pessoal da turma doze vivia para o basquete, e foi com eles que eu treinava na maioria das vezes.

2017, no entanto, foi um ano de aprendizado. Nossa aula de educação física se tornou um verdadeiro laboratório de experimentação: a quadra era meu refúgio, e o basquete, minha válvula de escape. Quando veio o interclasses daquele ano, montei um time com a turma doze. Fomos à final, mas novamente a taça escapou por um triz. Frustrado, mas não abatido, fiz uma promessa para mim mesmo: 2018 seria diferente.

Chegou o ano da redenção, e as coisas começaram a mudar. A turma doze tinha mais jogadores interessados, então resolvemos dividir as equipes. Eu assumi a liderança do time da turma onze. Recrutei novos talentos, quase como um olheiro de jogadores, buscando nos corredores jovens promessas de classes mais novas que tivessem vontade de vencer. Formamos um grupo misto, com gente dedicada e um desejo incontrolável de provar seu valor.

O objetivo era claro: não perderíamos mais uma vez.

Na semana do interclasses, o clima estava mais quente do que nunca. A torcida já dava a turma doze como favorita; afinal, eles tinham os jogadores mais experientes, mais treinados, mais entrosados. Nosso time da turma onze enfrentou uma partida duríssima contra o pessoal da sala de informática. Eu não joguei bem naquele jogo: sofri muitas faltas, estava nervoso, e a pressão era palpável.

Por um momento, pensei que poderia ser o fim.

Mas vencemos por 24x22, um placar apertado e suado. Estávamos na final, prontos para

encarar nossos maiores rivais. Horas antes do jogo decisivo, as provocações vinham de todos os lados. No grupo de *WhatsApp*, amigos dos jogadores da turma doze já estavam comemorando antecipadamente. Hoje é nosso – diziam eles – é impossível que eles percam. Essas mensagens chegaram ao nosso grupo como combustível para a alma. Ninguém ali queria aceitar a derrota, não mais uma vez. Adotamos um mantra que já vinha ganhando força ao longo do torneio: “tudo nosso, nada deles”. E dessa vez, nós acreditávamos nisso de verdade.

A final foi eletrizante, disputada ponto a ponto, em um ritmo intenso que mal nos deixava respirar. Mas, diferente de 2017, algo estava mudado em mim. A bola parecia mais leve, os arremessos mais certos, e a quadra, menor. Estava no meu melhor estado de espírito, jogando com uma confiança que só aqueles que têm tudo a perder e muito a provar entendem. A cada cesta, a cada passe, sentia que a vitória era possível. E foi exatamente o que aconteceu. No último minuto, um arremesso certo de dois pontos nos colocou à frente: 34x33.

Eu terminei aquele jogo com dezesseis pontos, meu melhor desempenho em uma final. A sirene soou e, pela primeira vez, o grito de campeão era nosso, da turma onze. Abraçamo-nos como se aquele momento fosse durar para sempre. Para nós, não era só uma vitória, era a quebra de um ciclo, uma afirmação de que o trabalho duro e a resiliência, podem sim, mudar qualquer destino. E ao final, repetíamos em coro, com uma certeza que só os campeões têm – tudo nosso, nada deles.

## O dia em que a chama se acendeu de novo

*Gabriel Rogério Tavares Silva*

Aos treze anos, meu mundo desabou de um jeito que só quem tem sonhos grandiosos pode entender. Sempre fui apaixonado por futebol, mas não era qualquer posição que me encantava – eu queria ser goleiro. Goleiro como o Rogério Ceni, o ídolo que me ensinou a sonhar desde pequeno. Meu pai, são-paulino roxo, fez questão de que o meu nome carregasse a mesma homenagem: Gabriel Rogério. Eu e ele tínhamos certeza que, um dia, eu assumiria o bastão do Ceni, o bastão que nenhum outro goleiro seria capaz de segurar. Mas, em 2015, Rogério anunciou sua aposentadoria.

Quando vi a notícia, foi como se o futebol tivesse deixado de existir. Não conseguia mais pisar no campo, nem vestir as luvas. A imagem do meu ídolo debaixo das traves, defendendo o impossível, parecia ter evaporado. Se ele não jogaria mais, por que eu jogaria? Aquele garoto de treze anos sentia que seu sonho havia sido enterrado junto com o adeus do goleiro artilheiro que eu tanto admirava. Fiquei meses sem chutar uma bola. Parecia o fim da minha história com o futebol. Mas, às vezes, a vida insiste em reescrever nossa história.

Alguns amigos do meu bairro, do time Beira Rio, começaram a me provocar. Eles iam disputar um campeonato sub-14, facilmente o mais famoso da nossa cidade e não tinham goleiro. Por muito tempo, tentaram das mais diversas formas me persuadir a entrar no time. Relutei, mas depois de muita insistência fui. Entrei para treinar com o time, sem grandes expectativas, carregando apenas o peso de uma luva que já não brilhava mais para mim.

O campeonato começou, e lá estávamos nós, com um time montado às pressas. Nosso primeiro jogo foi contra uma escola particular. A bola rolou e, de repente, eu me vi ali, debaixo das traves, ouvindo o som da torcida – nossos amigos e familiares –, sentindo o frio na barriga de um goleiro que sabe que não pode falhar. A cada defesa, o peso ia diminuindo. Vencemos por 7x0 e era apenas o começo.

Fomos avançando, vencendo os jogos com placares que pareciam cenas de filme. A bola parecia obedecer ao nosso time, e, debaixo das traves, eu voltava a sentir o que havia perdido: a magia do futebol. O grito de gol, a vibração do time, a explosão de alegria – tudo isso me lembrava por que eu amava tanto aquele esporte. Rogério Ceni podia ter parado, mas eu ainda estava lá, aproveitando aquilo que ele me ensinou a amar.

Chegamos à semifinal contra o time favorito do campeonato. Era o jogo mais difícil, e perdemos. Foi um placar que nem me lembro, mas não importa. Porque, pela primeira vez em muito tempo, eu não estava triste. Sentado no chão do ginásio, cansado e suado, percebi algo simples e imenso: eu amava competir. Não era só sobre ganhar ou perder. Era sobre estar ali, orgulhoso

pela minha entrega, comemorando cada vitória, sentindo o coração bater forte, ter companheiros batalhando junto comigo em prol de um mesmo objetivo. Era sobre viver a vida da forma que apenas um atleta sabe viver.

Aquele campeonato acendeu uma chama em mim que nunca mais se apagou. Depois do futsal, veio o basquete, o vôlei, o tênis de mesa. Vieram os jogos universitários, as quadras lotadas, os amigos gritando meu nome. Eu nunca consegui ser profissional em nenhum deles, nunca substituí Rogério Ceni no São Paulo, mas aprendi que o esporte é muito mais do que um destino – é um caminho. É onde a gente se encontra, onde a gente se desafia, onde a gente é feliz.

O garoto de treze anos que chorou pelo anúncio da aposentadoria de um ídolo nunca imaginou que, anos depois, ainda estaria competindo, ainda estaria sonhando. Hoje, olhando para trás, eu agradeço àquele campeonato, ao time Beira Rio, aos amigos que não desistiram de mim. Porque, naquela quadra, naquele campeonato, eu não apenas defendi a meta: eu redescobri o meu amor pelo jogo e, mais importante, redescobri a mim mesmo.

E essa chama, agora, nunca mais vai se apagar.

Com amor, Gabriel Rogério!

## **Quando a paixão venceu a lógica: o dia em que o Santo André brilhou**

*Gabriel Salviato Simpioni*

Desde pequeno, eu acompanhava meu pai, um andreense fanático, aos jogos do Santo André. Para ele, o Ramalhão não era apenas um time, mas uma paixão que se transmitia de geração em geração. Lembro-me bem daquelas tardes em que segurava sua mão firme enquanto nos dirigíamos ao estádio. Eu ainda era uma criança, mas já entendia que havia algo mágico naquele ritual de ir ao jogo, vestir a camisa azul e branca e cantar junto com a torcida.

Era um domingo de Sol tímido, mas o calor da expectativa envolvia o estádio. Santo André e São Caetano, duas equipes que já viveram dias de glória, agora se encontravam nas quartas de final do Campeonato Paulista Série A2 de 2016, a segunda divisão do regional paulistano. O Santo André, com uma campanha modesta, se arrastava com o peso da oitava colocação. O São Caetano, por outro lado, vinha confiante, dono da melhor campanha, parecendo inabalável. Na arquibancada, ao meu lado, meu pai carregava a nostalgia de quem acompanhou esses times em seus auge. Estávamos ali para presenciar um clássico regional, mas com algo mais profundo no ar: o duelo de duas histórias que, aos olhos dos mais novos, talvez não passassem de times pequenos, mas para nós, eram gigantes adormecidos.

O jogo começou tenso, como se o peso da história fosse sentido não só pelos torcedores, mas também pelos jogadores. O Santo André, desacreditado por muitos, jogava como se não houvesse amanhã. E talvez não houvesse mesmo.

Mas, em clássicos há uma magia que não se explica – algo que vai além da tabela e das estatísticas.

A torcida do Santo André, empurrada pela velha paixão, vibrou em cada dividida, em cada bola disputada como se fosse uma final. O São Caetano, altivo, parecia controlar as ações no início, mas logo ficou claro que o time de azul não encontraria facilidades naquela tarde.

O Santo André, com seu manto azul e branco, se agigantou. E foi em um lance improvável, um cruzamento desprezioso, que a bola encontrou o fundo das redes. O Santo André, o oitavo colocado, abriu o placar contra o favorito São Caetano.

O decorrer do primeiro tempo trouxe de volta a velha insegurança. O São Caetano pressionava, e o juiz, que parecia ter se esquecido de onde estava, apontou para a marca do pênalti. Um silêncio desconfortável tomou conta. Meu pai, ao meu lado, cruzou os braços, a expressão tensa.

O chute veio forte, no canto, e nosso goleiro não conseguiu pegar. O empate. A torcida do São Caetano vibrava, mas nós sabíamos que ainda havia tempo.

E foi ali, quando o jogo já se arrastava para o fim, que aconteceu. O Santo André recuperou a bola e, em um lance de pura inspiração, nosso meia acertou um chute de fora da

área. A bola voou em direção ao ângulo, como se fosse teleguiada. O estádio inteiro prendeu a respiração. E então... O golaço!

Um tiro indefensável que entrou no ângulo, como uma flecha certa. O grito foi quase imediato, um rugido coletivo que fez o estádio tremer. Meu pai me abraçou com tanta força que mal conseguia respirar, mas eu não ligava. Aquela era a vitória dele, a vitória de todos os andreenses que, contra todas as previsões, acreditaram. Mas o futebol tem dessas coisas: ele resgata o improvável e o transforma em épico.

O jogo seguiu, com o São Caetano tentando de todas as formas buscar o empate. Bateu, cruzou, pressionou, mas o Santo André resistia. Cada defesa do goleiro era comemorada como um gol. E quando o árbitro finalmente apitou o fim da partida, a incredulidade tomou conta. O Santo André, com toda a sua história, mas carregado pelo peso do esquecimento, havia derrubado o gigante da vez. Um clássico que, mais do que pelo resultado, nos lembrou por que o futebol ainda encanta: ele é a arte do improvável.

Sáimos do estádio com aquele sentimento agridoce, de quem sabe que a glória dura pouco, mas as memórias ficam para sempre. E naquele dia, no gramado do ABC, duas equipes tradicionais, que já viveram dias de glória, nos ofereceram uma lembrança inesquecível. Eu e meu pai saímos abraçados, conscientes de que tínhamos testemunhado não apenas um jogo, mas um pedaço da história do futebol andreense.

Naquele dia, eu entendi de verdade por que meu pai sempre me levava aos jogos. Não era apenas pelo futebol. Era pelo orgulho, pela emoção e por dias como aquele, que levamos para sempre na memória.

## A maior vitória do esporte

*Gabrielle Afonso Marques*

Desde pequena, minha família dizia sobre a importância do esporte na rotina e para além da diversão ou competição, sempre foi um pilar para o meu bem-estar pessoal. Constantemente, é algo especial para mim. Aos seis anos, quando ingressei em uma escolinha de futsal, que tinha apenas meninos, eu, a única garota, mal sabia a força que aquela modalidade iria influenciar na minha vida.

O encantamento com a bola no pé foi aos poucos. Sentia o impulso de estar ali, disputando cada lance, tentando marcar aquele primeiro gol entre tantos garotos, sendo a única diferente. Todavia, a cada passe certo, a cada defesa, era uma comemoração diferente.

Esse começo se transformou em uma longa jornada.

No colégio, entre jogadas, quadras e até algumas quedas, eu já sabia que aquele sentimento que nascia dentro de mim não era só sobre o esporte. Foi no ensino médio que voltei a ter um contato mais profundo com o futsal. Precisávamos de um time feminino para competir o interclasses e começamos a fazer aulas à tarde. Treino a treino, gol feito ou perdido, vitória ou derrota, ali encontrei as minhas melhores amigas e o meu *hobby* predileto. Todo mundo se apoiava e estava ali uma pelas outras, e pela competição também. Sentia um frio na barriga a cada preleção, mas nada se comparava a estar ali me divertindo com quem eu mais amava estar, e onde no fim, tudo acabava em risada e novas memórias. Foi aí que o esporte virou parte de mim e me mostrou o quanto ele poderia me presentear com pessoas tão especiais e parecidas comigo.

No entanto, como tudo que é bom, tem um prazo. O ensino médio acabou e com ele se iniciava uma nova etapa da minha trajetória: a faculdade. Isso significava perder as amizades que construí? A modalidade que me fazia tão bem? Me perguntava se isso simbolizava me perder de novo e não encontrar uma família no esporte que me abraçasse como a anterior.

O medo pairava sobre mim desde o dia que acabou a escola, no momento em que fiz o vestibular, até o primeiro dia de aula.

Entretanto, me deparei com um novo time, com uma nova rotina, novo técnico, uniforme e competições novas. Uma nova fase, mas com o mesmo espírito de união, de modo a me mostrar que o esporte é o responsável por tornar as amizades e experiências ainda mais inesquecíveis. Me deparei comigo mesma que o esporte é só uma *desculpa* e uma brecha para encontrar pessoas incríveis, determinadas e guerreiras. É um local de pertencimento, no qual eu me descobri, perdi e me redescobri novamente. Um lugar onde eu posso ser eu mesma, suja

de quadra, com o coração acelerado e a alma leve. Independente da fase da minha vida, quem esteve comigo não era só jogadora, nós éramos uma equipe, uma família.

Hoje, quando olho para trás, percebo que o esporte me deu muito mais do que medalhas ou títulos. Ele me deu um lar, uma família escolhida a dedo, que compartilha comigo o amor pelo jogo e pelas memórias construídas. Em cada passe e cada arremesso, nas conquistas e nas falhas, levo comigo todas as pessoas e histórias que o esporte trouxe para a minha vida. E essa, sem dúvida, é a maior vitória de todas.

## Genes corintianos

*Giovanna Gonçalves Accioli*

Desde que me entendo por gente, lembro da minha mãe gritando em frente à TV de domingo à tarde ou quarta à noite.

Hoje, ela está gritando de novo.

É domingo à tarde e o Corinthians está jogando contra o Flamengo. Enquanto estou assistindo ao jogo com o coração na mão, vejo minha mãe falando com a TV como se os jogadores pudessem escutá-la.

Sempre pensei em como eu virei corintiana por conta dela, mas nunca pensei em como uma garotinha de família carioca, com torcedores flamenguistas e com o irmão mais velho palmeirense, pudesse ser tão fanática pelo clube como ela é.

Era início dos anos 1990 e a carioca criada em São Paulo está tendo suas primeiras aulas sobre ditadura militar na escola. Ela tinha onze anos e já gostava de estudar sobre os revolucionários desse período. Naquele ano, a escola teria uma feira sobre mudanças na sociedade por conta de política. Entre nomes e datas importantes, ela escutou algo que lhe chamou a atenção na apresentação de uma turma mais velha sobre futebol e política – a Democracia Corintiana teve um papel importante nas Diretas Já o líder desse movimento esportivo e político foi Sócrates.

A admiração de Eloisa pelo Doutor Sócrates foi imediata por motivos óbvios, ele era médico formado, um excelente jogador e mesmo vindo de uma família de classe média e privilegiada de certa forma, ele lutou pelos direitos da população e pelo fim da Ditadura Militar. Ela virou fã do jogador antes de perceber que era corintiana, e o amor por ele a fez perceber que sempre achou incrível o jeito que a fiel torcida se comportava e como ela já era numerosa naquele tempo. Gostava das músicas e além disso, se divertia muito com seu irmão irritado, quando ele perdia para o clube alvinegro.

Eu não imagino um mundo no qual a minha mãe não seja do *Bando de Loucos*, ela diz que se o Corinthians jogasse contra a Seleção Brasileira, ela escolheria seu time. Ela chorou quando o Corinthians ganhou a Libertadores e o Mundial de Clubes. Não perde um jogo e quando estou na faculdade, ela me envia mensagem avisando quando tem gol. Minhas maiores lembranças sobre o clube com ela são de quando ela ficava me pedindo pra ver a tabela do Brasileirão e quando o Corinthians goleou o São Paulo em 2015.

Hoje essa garota que vivia trajada inteira com o Timão é casada com um palmeirense que não entende muito de bola (percebemos isso pelo time que ele torce). Dizem que os clubes do coração são passados de pais para filhos no DNA, então eu acho que os genes do meu pai são

recessivos e os da minha mãe, dominantes, já que o que se manifestou em todos os filhos foi o fenótipo corintiano da minha mãe. Os corintianos dizem que não se vira torcedor, já se nasce amante do clube; na biologia se explica que às vezes os genes demoram para se manifestarem, comigo foi assim, só entendi que amava o clube aos dezesseis anos.

Com a minha mãe, ela deve ter herdado isso de um alelo que não se manifestou na família carioca.

## O barulho de uma família

*Giulia Azevedo Polizeli*

Quando conto para as pessoas que cresci em um bairro às margens da Marginal Tietê, a reação é quase sempre negativa. A ideia de morar próximo a uma avenida tão caótica e movimentada pode parecer um grande problema para a maioria das pessoas. Mas não é muito barulhento? –, é a pergunta que sempre escuto e, enquanto tento explicar que não é tão barulhento assim e mal se escuta os carros correndo, a verdade é que essa sempre foi minha parte favorita. O barulho.

Aos sete anos, começo minhas memórias mais antigas, grande parte delas se passam aos domingos de manhã na casa do meu pai na zona leste de São Paulo. O cheiro de pastel e caldo de cana vindo da cozinha costumava me despertar como um lembrete do meu dia favorito da semana, o Sol entrando pela janela aquecia o quarto e ali estava ele, o barulho. Um bairro que, em outras manhãs, era considerado silencioso, se tornava sempre barulhento aos domingos.

Era possível escutar mesmo com a porta do quarto fechada, o homem na televisão falando alto e com rapidez, enquanto os outros dois respondiam da mesma forma. Por baixo das três vozes, escuto meu barulho preferido, que me faz levantar correndo enrolada em meio a cobertas grandes demais para mim e arrastá-las até o chão da sala de estar. Os carros coloridos correm em círculos na televisão com um barulho alto, meu pai diz que é o motor, mas eles parecem os carros de brinquedo do meu irmão mais novo e nenhum deles tem esse tal de motor. Isso não importa, de qualquer forma, meu pai diz, quando você for mais velha, vou te explicar como funciona.

Os carros são rápidos, mais rápidos do que quando andamos na estrada indo para a praia. Essa é a explicação que meu padrasto me dá aos doze anos quando pergunto porque não vemos carros como esses na rua. Eles só podem andar em pistas especiais para competição. Pergunto se podemos assistir à corrida pessoalmente, fora da TV.

Algum dia – ele responde.

Eles precisam do vácuo para ativar o mecanismo e fazer a ultrapassagem, é assim que você ganha. Estou sentada no sofá da sala dos meus avós aos quinze anos enquanto meu avô explica como a mecânica de um carro funciona e por que alguns carros são melhores do que outros. Toda a família está na mesa em um almoço de família, minha avó nos chama para comer inúmeras vezes, mas a resposta é sempre a mesma: depois da corrida.

Aos dezessete anos, me encontro sentada na quadra do colégio em uma quarta-feira qualquer discutindo sobre equipes.

– Não faz mais sentido torcer para quem está ganhando?

Não é assim que funciona, respondo, você não troca de time de futebol só porque o São

Paulo perdeu um jogo. Meu melhor amigo resmunga sobre carros serem diferentes de futebol e uma das garotas me pede outra explicação sobre a dupla de pilotos de uma das equipes.

Com vinte anos, escuto o barulho mais alto do que nunca e sinto a mesma animação de quando acordava nos domingos de manhã aos sete anos. A corrida do portão às arquibancadas é longa, mas não me importo, estamos atrasadas e o barulho é tão alto que consigo senti-lo em minhas veias. O chão das arquibancadas treme e o meu corpo junto. Pessoalmente, os carros parecem como borrões coloridos... Brinquedos de plástico sendo empurrados na velocidade da luz em círculos.

De repente, tenho sete, doze, quinze, dezessete e todos os anos no meio em que sonhei com um barulho específico. O motor dos carros é alto, mas a vibração da torcida é ainda mais alta. Uso meu celular para mandar uma foto no grupo do *WhatsApp* e o telefone toca. O rosto dos homens que me apresentaram o esporte durante toda a vida aparece na tela. Não consigo escutar o que estão dizendo, mas consigo distinguir suas risadas enquanto tento mostrar seus carros favoritos, mas tudo que pego na câmera são pequenos borrões.

Em um pequeno momento raro de silêncio, eles me perguntam – como é? –, e de momento, não tenho palavras para descrever a sensação, mas agora eu vejo. É como voltar para a criança que fui em diferentes momentos da vida, mas mais importante ainda: A Fórmula 1 é como carregar comigo aqueles que me ensinaram a amar o esporte.

As manhãs de domingo na casa do meu pai, os almoços de domingo na casa dos meus avós e as corridas da madrugada no sofá com meu padrasto.

O barulho de um motor é o mesmo que o da minha família.

## Manto vomitado

*Gustavo Henrique Morais Radaelli*

E quando eu vi, estava parado no posto de gasolina passando mal, com o meu manto todo vomitado e meu primo zoando com minha cara. Mas mesmo com toda essa situação, ainda assim eu estava feliz.

O ano era 2016. No ano anterior, acabei tendo minha primeira experiência com um jogo competitivo online. Iniciava minha longa jornada com o *League of Legends*, aos onze anos de idade, em um outubro de quase uma década atrás. Sempre tive muitos momentos com *videogames* e alguns jogos de socialização na internet, mas era a primeira vez que experimentava competir pela vitória ao lado de pessoas conectadas por todo o Brasil, a maioria sem nunca sequer ver o rosto. O que já era divertido sozinho, logo se tornou momentos inesquecíveis ao lado dos amigos da escola.

Eu entrava em um mundo que já existia há um tempo, e começava a conhecer pessoas que produziam vídeos sobre o assunto. Assim, meu primo mais velho, que também jogava, me convidou para ir a “MD10 do Amor”, um evento de *LoL* dos *youtubers* Willian Gordox e Muca Muriçoca. Atravessamos São Paulo numa tarde de domingo com o carro do meu tio, até ir para o local onde iria rolar umas jogatinas, umas apresentações e as famosas “Cantadas Enfadonhas”.

Acontece que chegando lá, me deparei com uma novidade que eu não sabia o quanto iria mudar minha vida, conheci pela primeira vez um time profissional de *LoL*. Quando vi a equipe da *Keyd Stars*, mesmo que ninguém possa dizer, tenho certeza que meus olhos brilharam. Era como se toda minha vida com os jogos tivesse sido alterada, o *videogame* deixava de ser só um brinquedo e se tornava também uma competição tão séria quanto o futebol que assistia na televisão.

Eu fiquei encantado com tudo aquilo, não desviava a atenção dos jogadores no palco, esportes eletrônicos se tornaram uma nova paixão em minha vida. Meu primo logo percebeu essa admiração e resolveu fazer uma surpresa, seja ela com interesse ou não. Me pediu uma parte do dinheiro que eu carregava na carteira, juntou umas notas e umas moedas com o que já tinha e sumiu por um tempo. Fiquei esperando por ele na plateia, assistindo algumas partidas que rolavam.

Quando ele voltou, trazia um *presente* que fiquei muito feliz por ganhar. Ele me entregou uma camisa do time de presente, preta com um degradê amarelo nas extremidades, além do capacete espartano estampado no escudo. Ela estava enorme pra mim, porque segundo ele – tem dinheiro meu nessa *parada*, então eu também vou querer usar –, mas pouco me importei com o tamanho ou o interesse do meu primo nisso tudo. Quando coloquei o manto, me senti fazendo parte de um novo universo, me tornava um fã de *e-sports* e um torcedor da *Keyd*.

Passsei o resto do evento sem me desgrudar da camisa, coloquei ela e sai perambulando

de um lado pro outro. Tirei foto com a equipe, conversei com os influenciadores da época e passei a tarde jogando. Sem perceber, no meio da alegria do momento, me perdia nas horas e a noite caía, davam as horas de me despedir do evento e daquele universo que conheci. Antes de sair, com os seguranças quase já nos expulsando, peguei um salgado para comer, pois não tinha comido nada até então.

Voltamos para o carro e íamos para casa, quando de repente, comecei a sentir que minha barriga não estava tão bem. Seja por ter passado o dia inteiro sem comer, por conta do salgado cheio de queijo super gorduroso ou pelos movimentos bruscos do meu primo ao volante, se não uma mistura disso tudo, precisamos parar num posto de gasolina qualquer para colocar para fora o pouco que tinha comido. Quando eu vi, a camisa que jurava não me desgrudar mais estava toda *gorfada* no meu corpo e me vi obrigada a tirá-la para limpar já na hora.

Depois de escutar o meu primo me zoar o resto da viagem inteira, cheguei em casa com o manto todo sujo e ainda meio zozzo do balançar do carro, mas isso não me impediu de continuar maravilhado com as coisas que conheci. Hoje, *e-sports* se tornaram mais do que entretenimento no meu fim de semana, se tornando também parte da minha profissão e a camisa ainda reside em casa, sã e salva, limpa e sem nenhum vestígio do vômito de um dia que mudou minha vida por completo.

## O Palmeiras para mim

*Gustavo Sant'Anna*

Eu lembro quando o Palmeiras foi campeão da Copa do Brasil em 2012. De quando, alguns meses depois, veio o segundo rebaixamento. Da goleada sofrida, no ano anterior, para o possante Coritiba. Em 2014, lembro do rival, Santos, nos livrando do terceiro rebaixamento. Do título da Copa do Brasil em 2015, do aguardado título brasileiro em 2016, das duas Libertadores conquistadas no mesmo ano. De várias conquistas e de muito mais derrotas. Lembro, ainda que não tão bem, de lances de vários desses jogos ou de escalações completas. Mas, por mais que guarde com carinho os gols de Betinhos, Dudus, Brenos Lopes e Deyversons, lembro mesmo de onde estava e, sobretudo, de com quem estava: meu irmão.

Minha relação com meu irmão já foi, em vários momentos, distante. A competitividade excessiva do futebol parecia transbordar em nosso vínculo: se eu começava a perder no *videogame*, começava a fazer gols contra, ao invés de apenas desistir; se estávamos assistindo futebol europeu na TV, discutíamos pelas coisas mais ridículas sobre tática; se um preferisse o *Barcelona*, o outro preferiria o *Real Madrid*; se eu era a favor do VAR, ele era contra; e por aí vai.

Seria injusto dizer que o futebol só me trouxe coisas boas. Consigo perceber como o jeito que aprendi a lidar com a derrota, a raiva e com a competição, tem raízes em como – sobretudo os homens – aprendem a lidar com o esporte e a vida. Tenho certeza de que esse tipo de masculinidade trouxe dificuldades na minha vida e estava evidente na minha relação com meu irmão.

Se discutimos sobre diversos assuntos, havia um que era uma unanimidade: o Palmeiras. Faz mais de um ano que ele mora nos Estados Unidos. Não estamos mais vendo os jogos juntos. Ano passado, o Palmeiras ganhou seu 12º título brasileiro. E não estávamos juntos. Acontece. Por mais que não fossemos tão próximos como quando éramos crianças, sempre que nos falamos, por ligação ou mensagem, falamos do Palmeiras. Aprendi a lidar com o futebol e com o meu irmão de um jeito diferente.

É possível uma relação mais amorosa com o futebol. Amo muito esse esporte. Amo ainda mais o Palmeiras. E, para mim, o Palmeiras é o meu irmão: Pedro.

## O irracional

*Igor Cardoso*

A comemoração sempre foi algo que me fascinou no esporte. Quer dizer, basta que uma bola balance as redes de um estádio qualquer, atravesse o aro ou toque o chão de uma quadra, para que um grupo antes heterogêneo de pessoas se una numa massa que soa totalmente homogênea, apesar da mais desarmônica euforia que cada um experimenta individualmente.

Como insaciável curioso que sou, a aparente irracionalidade inerente a esse comportamento sempre chamou a minha atenção. Afinal de contas, como uma coisa tão simples é capaz de deixar nossos cérebros tão absorvidos? Num belo dia 25 de novembro de 2015, eu finalmente entendi por que as coisas eram assim.

Voltemos um pouco no tempo. O torcedor palmeirense não teve muitos motivos para comemorar na primeira década deste século. Em especial, para aqueles que assim como eu nasceram depois do fim do polêmico contrato com a Parmalat, foi um período difícil, repleto de derrotas amargas e recordes negativos.

Como prega o velho ditado – aqui se faz, aqui se paga. Minha inocente rebeldia de criança que me fez, nascido em berço corinthiano e morador da periferia, um torcedor palestrino, parecer ter tido como consequência um título mundial para os rivais alvinegros no mesmo ano em que meu time era rebaixado. Toda essa década, na verdade, foi uma sucessão de fracassos esportivos tão grande, que apenas a mítica da paixão irracional por um clube pode explicar minha resiliência em torcer para o Palestra diante de tanta zoação de amigos e familiares.

Após uma falsa esperança com o título paulista de 2008, a situação do Palmeiras em 2012 era bem clara, especialmente após escapar por um triz do rebaixamento no ano anterior. Até hoje é impossível explicar por quaisquer méritos esportivos o título da Copa do Brasil que viera naquele mesmo ano, mas fato é que a realidade se impôs e o alviverde enfrentou o já citado doloroso rebaixamento ao fim daquela temporada.

Apesar da inocência infantil, àquela altura eu já estava acostumado com os fracassos, e nem cheguei a titubear, apesar das inúmeras tentativas do meu pai de me convencer a *virar a casaca*. Estava disposto a passar a vida inteira sem erguer taças se fosse preciso, mas meu sangue era autenticamente alviverde.

Felizmente, sem que a notícia chegasse aos ouvidos de uma criança, o baque da queda serviu para que o clube se reestruturasse e conseguisse resolver boa parte dos problemas extra-campo que o levaram à essa década perdida, e, a partir daí, as coisas começaram a melhorar.

A passagem do tempo também trouxe um fascínio cada dia maior pelo esporte, e a idade

começava a me permitir assistir aos tão problemáticos jogos das 21h. Então, finalmente chegamos ao fabuloso ano de 2015. Até hoje, só de fechar os olhos, eu consigo ouvir a voz do saudoso Cléber Machado ecoando em meus ouvidos – se o Prass fizer o Palmeiras é campeão... Se o Prass fizer o Palmeiras é campeão... – e, depois... A mais completa eudaimonia.

Apesar de não ter sido o primeiro título que eu vi meu time ganhar, foi a primeira vez que me senti parte daquela conquista. Senti que aquilo tinha um significado. Olhando em retrospectiva é possível mapear inúmeros motivos que faziam deste título especial. Era, afinal, um ponto de virada na história do Palmeiras, o primeiro de uma série inédita de conquistas que continua até hoje. Mas na época, nem eu, nem ninguém, tinha como saber de nada disso. A emoção apenas surgiu espontaneamente.

Esse estado eufórico proporcionado por sentimentos fundamentalmente irracionais é uma das estranhezas da mente humana que não se explica por qualquer meio racional. Somente através de experiências similares é possível ter algum nível de alteridade com eventos desse tipo, mas a empatia é mesmo impossível, uma vez que cada pessoa extravasa esse sentimento de uma maneira diferente.

Qual hipótese é capaz de descrever com exatidão a felicidade compartilhada por milhões de pessoas quando uma bola atravessa a linha traçada num campo há milhares de quilômetros de distância? Eu não sei a resposta. Mas o fã de esporte há de concordar comigo, que a sensação é por todos nós muito bem conhecida.

Portanto, os religiosos que me perdoem, mas a invenção social mais eficaz em criar uma mística que une os mais diferentes tipos de pessoas numa massa uníssona não é a igreja, e sim o esporte. Na mais perfeita manifestação de um inconsciente coletivo que faria Jung saltar os olhos, a emoção de comemorar um título que não fui eu – ou qualquer parente – que conquistou, e sim um bando de estranhos com quem eu nunca falei na vida, me fez entender que esse comportamento que só o esporte é capaz de proporcionar é sim profundamente irracional, mas, é tão irracional quanto a própria mente humana, e logo, é natural e inexplicável. E está tudo bem. Porque amanhã, já é dia de jogo!

## Arritmia tricolor

*Igor Tavernaro Vieira*

8 de setembro de 2022. Lembro-me como se fosse ontem. Minha primeira vez assistindo um jogo no Morumbi, após anos vivenciando como um torcedor de televisão, enfim teria minha oportunidade para vivenciar uma noite de copa, logo uma semifinal, quem diria! Era uma quinta-feira qualquer para muitos, mas era inesquecível para mim.

O São Paulo vinha de uma derrota de 3x1 contra o dragão goiano. Um resultado ruim, uma desvantagem de dois gols a ser *tirada* em nosso estádio. Não seria um jogo fácil, porém confiava em Rogério Ceni e seus comandados. A emoção da partida já começaria com a recepção da torcida e a festa pré-jogo. Me sentia arrepiado dos pés à cabeça, o coração pulava em meu peito enquanto a arquibancada tremia com os cantos tricolores entoados no majestoso estádio. Então, o juiz dá início a partida.

Logo aos quatro minutos, um chute do nosso camisa 11 faria o goleiro espalmar a bola para dentro da pequena área. Então, Patrick, o choco, o Pantera Negra, com um simples toque para dentro das redes, abriria o placar para a equipe tricolor, um começo melhor seria impossível! O camisa 3 são-paulino superaria o primeiro obstáculo do caminho rumo a final.

Após isso, começaria a verdadeira avalanche do time de casa, diversas finalizações de todas as maneiras, seja de cabeça, de fora da área, de dentro da pequena área, nada funcionava, a bola se recusava a entrar. Com o goleiro inspirado, quando entrou, estava impedido. Fim do primeiro tempo, o clima no estádio ainda estava tenso, porém estávamos à frente do placar, bastava apenas mais um gol para as penalidades máximas. No segundo tempo, o que aconteceu no primeiro, se repetiria. Até que aos dezoito minutos da segunda etapa, a Pantera repetiria seu ataque e marcaria seu segundo gol. O estádio vem abaixo, começo a lacrimejar de emoção, abraçava meus parentes e desconhecidos, a tensão se transformaria em devaneios de alegria e entusiasmo. Porém, ainda não era o resultado ideal, estávamos empatados na disputa, a ânsia se tornava cada vez maior pelo terceiro gol.

Os próximos minutos passariam em um piscar de olhos e então a decisão do vencedor seria nas penalidades. Com o apito de fim de jogo, a torcida entoava – *arê, arê, arê*, São Paulo eu acredito em você –, naquele momento eu tinha certeza de que passaríamos, a torcida estava confiante e os jogadores no gramado também pareciam estar. Começamos batendo. Um ótimo começo. Após dois acertos nossos e um deles, o primeiro erro viria do time goiano com um pênalti desperdiçado para a Lua. Era a chance de passarmos à frente. Então, o mesmo camisa 11, aquele que foi providencial na primeira partida e na quase assistência do segundo, vai para a bola e tragicamente, erra. O

estádio fica em silêncio, os torcedores se olhavam apreensivos, estava tudo igual no placar. Terceiro pênalti nosso, convertido. E então, o jogador do time goiano bate o pênalti de maneira vergonhosa e o arqueiro tricolor faz sua primeira defesa, a arquibancada estremece, estávamos cada vez mais próximos da classificação.

O pênalti decisivo ficaria com a promessa argentina que jogava seu primeiro jogo, uma grande responsabilidade. Assisti aquela penalidade em câmera lenta, meu peito doía de tanta emoção, o coração saltitava e tremia dentro de mim, e vagorosamente vi a esfera adentrar as redes, estávamos classificados, chegamos em uma final após anos. Por uma infelicidade do destino, Patrick, tempos depois, seria dispensado do São Paulo, mas naquele dia ele foi meu herói, o primeiro jogador que vi consagrar meu clube em um jogo no estádio.

O tempo foi muito maldoso comigo. Apesar de chegarmos na final, o resultado não foi o esperado e amargamos o vice. Mas naquele momento, nada daquilo me passava pela cabeça, éramos invencíveis, nem o Brasil de Pelé, nem o *Barcelona* de Guardiola, nada, repito, nada nos venceria naquela noite. Eu vivi e vivo numa constante montanha russa de emoções com o São Paulo, mas naquele dia eu vivenciei uma verdadeira arritmia tricolor.

## A força além do tatame

*Isabelly de Paula*

Todo mundo tem uma história para contar. Todo mundo tem uma história para se orgulhar. A minha história com o karatê é uma das que mais me orgulho.

Prazer! Caso você não me conheça, meu nome é Isabelly, tenho vinte anos e quero te contar um pouco da minha experiência como atleta.

Nesses últimos dois anos de graduação na USP, tenho competido apenas nos campeonatos universitários, mas, durante um longo período da minha vida, pude estar entre as melhores da minha categoria.

Minha história com o karatê começa quando eu tinha seis anos de idade, onde quase fui atingida por um golpe durante uma apresentação de karatê numa festa de igreja! Foi aí que me apaixonei pelo esporte e pedi incansavelmente para minha mãe me colocar numa academia de luta.

A princípio, era só por diversão, mas logo meus treinadores enxergaram grande potencial em mim, e foi aí que, aos sete anos de idade, comecei a ir para as competições regionais. Por serem mais *tranquilas*, eu sempre acabava levando o ouro para casa e, na minha inocência de criança, cheguei a pensar se eu sempre seria campeã em todos os campeonatos.

Esse pensamento não durou muito, uma vez que comecei a disputar campeonatos mais e mais fortes, como o brasileiro, por exemplo. Havia sempre uma tensão antes das competições, mas, como eu ainda era muito pequena, conseguia aproveitar as viagens com muita diversão. Isso, graças aos bons amigos que o karatê me trouxe; muitos ainda mantenho contato até os dias de hoje. Eles deixaram o processo mais leve.

Os anos se passaram, as competições se acirraram e os treinos ficaram mais puxados. Finalmente, poderia dizer que eu era uma atleta de alto rendimento. Treino duas vezes ao dia e, dependendo do fim de semana, também aos domingos. Era cansativo, muitas vezes deixávamos de estar nos nossos momentos de lazer para treinar. O retorno de todo esse esforço vinha com os resultados dos campeonatos. Consegui bons títulos, e, como disputava duas modalidades (*kata e kumite*), as conquistas sempre vinham dobradas. Com muito esforço, me consagrei mais de dez vezes campeã mineira e quatro vezes campeã brasileira. Graças a esse destaque tive a oportunidade de tentar uma vaga para competir em um campeonato internacional.

O ano era 2017, acontecia minha primeira seletiva para um campeonato pan-americano. Três atletas, duas lutas e uma vaga. Não sei se acredito em destino, mas, com certeza, aquela vaga já era minha, estava predestinada. Lutei muito por ela, com muito suor e muito treino. E foi assim que, em dois meses, eu iria para o Equador, mal sabia que seria um dos meus maiores desafios, e, ao mesmo tempo, uma experiência inesquecível.

Minha primeira viagem internacional, com doze anos de idade, eu e toda a seleção brasileira de karatê. Minha mãe? Perdeu uns bons quilos. Fui para São Paulo e, de lá, peguei o voo para o Equador. Ficamos uma semana e treinamos todos os dias até o dia da competição, então, não conseguimos turistar durante a viagem.

Chegou o grande dia, eu estava tão nervosa que mal conseguia enxergar o que estava à minha frente. Essa era uma grande fraqueza minha: o nervosismo. Não vi nada durante a luta; ouvia uma voz de fundo do meu técnico falando, mas não conseguia processar as tantas palavras que ele dizia em um período tão curto de tempo. Só conseguia sentir muita porrada na cara e, em seguida, uma luta perdida. Tanto treino para não conseguir fazer um terço do que eu era capaz.

Não desisti. Voltei para casa sem medalha, mas com uma vontade imensa de fazer diferente nas próximas competições. Foi aí que fui para mais uma seletiva, mas, dessa vez, para o sul-americano, na Bolívia. Fui bem nas minhas lutas e fiquei em terceiro lugar. Graças à minha posição no pódio, me classifiquei para o próximo pan-americano, que seria na Argentina. Também fiz um excelente campeonato, mais uma vez me consagrando como terceira colocada.

Eu estava muito feliz, no auge da minha carreira no karatê. Mas tinha um problema: foquei tanto no meu físico que esqueci de cuidar da minha saúde mental. Quando você é um atleta de alto rendimento, precisa de acompanhamento psicológico, pois é uma pressão muito grande em cima de você. Foi aí que adoeci, e não foi à toa: muita coisa estava acontecendo.

Parei com o karatê. No auge da minha carreira! O estopim? Campeonato brasileiro, em Salvador. Eu estava três quilos acima do peso. Infelizmente, as formas de perder peso que me ensinaram não eram nada saudáveis. Primeiro, cortei a alimentação, comendo metade do que estava habituada (lembro de comer uma barra de cereal escondida no banheiro do aeroporto). Depois, a retenção de líquido: muita água semanas antes e nenhuma gota no dia da pesagem. O problema é que, no dia da pesagem, eu estava correndo em uma praia de Salvador para perder peso, num calor insuportável. Repito: sem água. Perdi o peso que eu precisava, mas, como consequência, me desidratei e não tive apoio médico.

No dia seguinte, um campeonato brasileiro me esperava. Estudando as adversárias, meu técnico e eu sabíamos que a primeira luta já estava *ganha*. O que me surpreendeu foi que não, ela não estava *ganha*. Na verdade, eu perdi de lavada: 9x0. Eu não tinha de onde tirar forças, estava fraca. Fiquei muito abalada, mas não sabia que pioraria, até ouvir atrocidades de pessoas de quem eu esperava qualquer tipo de conforto.

Foi o fim para mim. Não tinha mais vontade de treinar. Foi então que realmente saí do karatê.

Dizem que, quanto mais alto o voo, mais dolorida a queda. Realmente, num dia, eu estava no meu auge e, no outro, não era nada. Infelizmente, passei por um período depressivo que só consegui identificar depois de anos, já que não tive nenhum tratamento psicológico. Parecia que um sonho tinha se tornado um trauma.

Me culpei por muito tempo por não ter persistido, por não ter tentado de novo. Mas, hoje, sei que tudo acontece por um propósito.

Sou grata à faculdade por me apresentar amigos que compartilham comigo a mesma paixão. Eles me incentivam, me ajudam a enxergar os treinos como lazer e os campeonatos universitários como diversão, e não como um momento de pura tensão e estresse.

Hoje, o ponto alto é durante o meu treino, onde meu corpo cansa e a mente descansa.

Sou muito grata por tudo que vivi. Sou grata à minha mãe, que sempre sacrificou tudo para me ver brilhando nos tatames. Jamais reescreveria minha história de maneira diferente.

## Descobrimo a paixão

*Isadora Batista da Silva*

Ano de Copa do Mundo no Brasil e eu tinha oito anos, tímida e curiosa, nunca tinha assistido um jogo de futebol antes, muito menos da seleção. Criada por uma mãe solo e crescendo na companhia de um irmão mais novo, não tinha referência nenhuma do que era ser torcedora.

Quartas de final da Copa, 4 de julho de 2014. Minha tia veio em casa para assistir com a gente; eu, minha mãe, meu irmão e minha tia vimos a partida juntos. Naquele momento, eu vestia a amarelinha pela primeira vez, uma camisa escolhida por mim mesma quando fui ao centro da cidade com a minha mãe. Me sentei em frente a TV e, a partir do som de um apito, descobri uma nova paixão. Hoje, a minha maior paixão. O primeiro contato com o esporte é que fez meu coração bater mais forte.

O gramado, a torcida, a emoção desconhecida no peito e a família unida. E o Neymar. Ah, o Neymar... Eu, sendo uma garotinha de oito anos, me apaixonei pelo camisa 10 mais ousado e alegre, bem como todas as outras meninas e mulheres do país. Esses fatores tiveram um papel importante na minha conexão com o futebol.

Mas, entre suas muitas facetas, o futebol também tem momentos ruins, então naquele jogo, algo aconteceu: o camisa 10 que estampava minhas costas caiu em campo chorando de dor. Lesão? Ali eu descobri um lado sombrio de ser atleta. E eu chorava, chorava, parecia até que a joelhada tinha sido em mim e não no Neymar.

O próximo jogo seria pior e o mais triste da história do Brasil. Enfim, nasceu a torcedora sofredora, brasileira e corinthiana.

## Relatos de memória

*Janaina Blasquez*

Um dia minha professora de artes na escola nos pediu para criar símbolos que representassem cada um dos quatro elementos, com as respectivas cores associadas a eles. Não parecia uma tarefa difícil, não foi uma produção pretensiosa, éramos apenas uma turma de 6º ano fazendo atividades em classe. Semanas depois nos pediram para votar, e um daqueles desenhos se tornou uma bandeira, uma grande equipe competitiva.

Foi quando eu tinha onze anos de idade que descobri como eu amava a torcida, a multidão apaixonada, o sentimento de colocar seu coração na voz e torcer por quem te representa. Foi assim que descobri que o esporte poderia ser realmente uma paixão além das brincadeiras de criança.

Engraçado dizer isso sabendo que, na prática, foi apenas a minha primeira olimpíada esportiva escolar.

Ainda sendo parte dos alunos mais novos, em meio a uma multidão de turmas mais velhas que passaram por onde eu estava, era impressionante olhar em volta do ginásio e pensar que aquelas pessoas – como eu, vestidas de verde – estariam torcendo por mim, apenas uma criança, nas modalidades que eu jogaria.

Esse era nosso time, representando o elemento terra, carregando a cor verde, com turmas de todas as idades, partindo da minha, que bradavam o grito de guerra com a força de uma torcida organizada.

Foi uma semana que passou rápido demais em relação ao tempo que nos preparamos para ela. Semanas treinando, aprendendo a jogar, participando de eliminatórias, ensaiando nossos cantos e esperando ansiosamente para finalmente vestir nossa nova camisa, aquela cuja identidade seria a mais importante na emoção de um campeonato.

Falar com os alunos mais velhos sempre foi difícil, mas, naqueles dias, eu era uma deles, eu me senti vista e senti que aquilo que eu fazia era o que nos traria a vitória. Não sei dizer em quantos jogos estive, mas sei que estive com todo o apoio e senti a grandeza de alguma forma. Por isso não hesitei em perder a voz ao incentivar os demais. Eles eram parte dos meus e nós precisávamos fazer a vitória acontecer. De repente, dezenas se tornaram o coro do incentivo cuja emoção todos sentiam.

Num sábado a decisão seria tomada. Qual time seria o vencedor, qual produção haveria impressionado mais, qual torcida performou a diferença para o seu time. Assistir aquela apresentação de encerramento foi como ver um evento gigante televisionado, no nosso ginásio, com nossos pais ao fundo, nossos colegas ao nosso lado e o esforço de cada um sendo colocado em prática, em prol do simbolismo.

E foi um encerramento como nunca imaginei ver. Houve música, dança, história, e, sobretudo, muita emoção. Quando isso acabou, eu sabia, meu coração esperava a contagem dos

pontos palpitando, esperando para ouvir aquilo que sentia. As mãos dadas, a tensão, era como se estivéssemos todos nos preparando e segurando as energias para liberá-las de uma só vez. Ao anunciar o resultado, eu descobri o que era ser verdadeiramente feliz pelo esporte. Eu ouvi o nome da minha bandeira sendo celebrado e aquela corrida coletiva em volta do ginásio foi acima de tudo uma demonstração emotiva de nosso orgulho vitorioso em alcançar o primeiro lugar.

Os abraços, os sorrisos, as parabenizações, mas, acima de tudo, a sensação de dever cumprido, não apenas pela nossa performance, mas pela realização daquilo que acompanhamos. Foi o que realmente tornou memorável este momento. Foi o que me fez decidir lutar para ser a melhor no ano seguinte, para que mesmo que não nos sucedêssemos no resultado, a felicidade predominasse.

Quatro anos se passaram e a vitória nunca mais veio. Em nenhum deles deixei de me sentir vencedora, apenas pelo orgulho de fazer parte daquilo. Eu ainda não sabia disso, mas havia me tornado uma apaixonada, o esporte nunca mais sairia da minha vida.

## Cássio enquanto metáfora e utopia (ou desventuras de um Cássio fracassado)

*João Pedro de Oliveira*

Minha paixão pelo Corinthians começou no dia 4 de julho de 2012. Até então, com meus sete anos de idade, eu não entendia muito bem o que era o futebol. No entanto, após acompanhar a comemoração do título da Libertadores naquela noite-madrugada de quinta-feira, minha percepção se transformou para sempre. Recordo-me vivamente da festa que se seguiu depois do apito final: rojões, foguetes, buzinas, gritaria – *vai corinthians!* –, hino, gritaria, foguetes – *vai-curintia's!*. O que se via na televisão se traduzia de imediato ao meu redor, no meu bairro. Era um momento de êxtase coletivo, um arrebatamento: toda uma torcida alcançava o céu. Era uma loucura, um verdadeiro *bando de loucos*.

Entretanto, como tudo na vida, essa história de amor não é linear. Esse episódio plantou uma semente, acendeu uma fagulha, fez com que eu me considerasse corinthiano. Mas eu só viria a começar a acompanhar de fato o time em meados de 2014. O fenômeno Copa do Mundo foi seguramente um divisor de águas. A energia contagiante do encontro dos povos no maior evento esportivo do planeta me mostrou, de forma definitiva, a potência do futebol enquanto expressão de fantasias e vontades coletivas. Apesar da imensa frustração provocada por receber como *presente* o 7x1 do primeiro time para o qual eu realmente torci, aquele junho-julho de 2014 me deu a ferramenta que faltava na minha infância: a paixão pelo futebol. Dali em diante, era imperativo torcer, acompanhar, assistir, imaginar futebol.

Tendo um time e o fascínio pelo esporte, o que me esperava, de imediato, era o segundo semestre do Corinthians de 2014. Era o time de Mano Menezes: Gil, Fagner, Ralf, Elias, Renato Augusto, Jádson, Guerrero e o personagem principal dessa história, Cássio. Foi um bom ano, mas um pouco frustrante: a esperança de alcançar o Cruzeiro na ponta do Brasileirão foi mera ilusão e a aspiração pelo título da Copa do Brasil terminou naquele trágico 4x1 contra o Galo. No entanto, construí boas memórias naquele contexto: o 3x2 contra o São Paulo na Arena foi meu primeiro grande jogo e Paolo Guerrero foi meu primeiro ídolo. Quis ter o cabelo do peruano, mas não tive; tive, no entanto, muito apreço por ele, considerava-o o melhor atacante do mundo. Sua saída conturbada em meados de 2015 seria a minha primeira grande decepção com um atleta e deixaria um vácuo de idolatria.

Vácuo esse que seria preenchido divinamente pelo maior de todos, o gigante Cássio. A entrega, o reflexo, a explosão e a vibração do goleiro me encantaram. Os gigantescos feitos que o jogador já acumulava pelo clube me diziam que eu estava diante de uma lenda em desenvolvimento, em pleno auge. Era uma história escancarada, Cássio seria tema incontornável sempre que se falasse de Corinthians. Ver seu espetacular desempenho *per se* e enquanto carga de grandeza cumulativa apaixonava e só poderia resultar na maior das idolatrias. Cássio aparecia no meu imaginário como sinônimo, de uma só vez, de passado, presente e futuro de grandeza. Era uma história viva, era a minha utopia do Corinthians. E assim o foi pelos anos que se seguiram.

Ter um ídolo é mais do que admirar alguém, é projetar-se no outro e projetá-lo em si, é tomar a vida dele como metáfora da sua ou a sua como metonímia da dele. Enquanto o Cássio esteve no Corinthians, eu quis ser o Cássio. Naturalmente, jogando futebol fui para o gol, muito porque eu sou um perna de pau, mas também porque achava que o goleiro tinha a posição mais nobre. Cássio era o meu Pelé, o mito por excelência, o inalcançável, mas também o horizonte para o qual se deve olhar, de onde se deve buscar a *mimesis e o mote*. Com dez anos, passei a treinar regularmente em um campo de futebol que havia perto de casa; como goleiro, obviamente. Dali em diante, passei a sentir que cada defesa que eu fazia, na verdade, quem fazia era o Cássio; e que cada defesa que o Cássio fazia nos jogos que eu acompanhava, na verdade, quem fazia era eu.

No entanto, essa aventura duraria pouco mais de seis meses. Logo após o retorno das férias, em meados de 2015, em um bate e rebate dentro da pequena área, me atirei um direção à bola, toquei nela, mas recebi um chute potente pouco acima do meu olho esquerdo. Foi uma dor inexplicável. Fiquei caído por alguns minutos. Ainda assim, continuei em campo; afinal, o mais importante eu tinha feito: evitar o gol. Estava sentindo um certo desconforto no olho, mas acreditava piamente que era por causa da terra que devia ter resvalado na região após o chute. Eu só sentiria a gravidade do acontecido ao chegar em casa: aos poucos, formou-se uma grande bola roxa entre minha pálpebra e meu supercílio. O resultado foi um atestado e o *retiro* do futebol, por bronca da minha mãe.

Afinal de contas, talvez eu não fosse o Cássio. No entanto, minha idolatria pelo goleiro seguiu e só aumentou. Os anos seguintes foram muito bons, acompanhei uma fase muito vitoriosa do Timão: o time encantador de 2015, o time da raça e da superação de 2017, o tri do Paulistão, clássicos marcantes. Foi um momento mágico para ser torcedor do Corinthians. Embora eu agora jogasse futebol apenas esporadicamente, a figura mitificada do goleiro Cássio ainda seguia presente em mim. Afinal, se nos dizem que devemos nos esforçar para ser bem-sucedidos na vida, quem de mais bem-sucedido havia para se inspirar do que o próprio Cássio?

A situação do Corinthians começou a mudar a partir de meados de 2019. O título do Paulistão daquele ano antecedeu um período de vacas magras que dura até hoje. No entanto, o goleiro Cássio, apesar de oscilações pontuais, seguiu sendo um símbolo da excelência que o clube deveria buscar novamente. A má fase do Corinthians acompanhou um período de exceção na sociedade: a pandemia da Covid-19. Nesses anos de temor pela vida, muitas experiências que estavam no horizonte, prontas para serem vividas, foram abruptamente sufocadas.

Em 2020, ano de início do surto pandêmico, eu ingressava no ensino médio e nutria muitas expectativas para essa fase da vida. Uma delas dizia respeito às práticas esportivas: falava-se muito do Interclasses do colégio no qual fui estudar e eu estava ansioso para vivê-lo. No entanto, em razão do distanciamento social, o evento foi suspenso em 2020 e 2021. Obviamente, a decisão era acertada, mas, de todas as formas, foi bastante frustrante. Porém, houve uma exceção: realizou-se um campeonato de vôlei e futsal no final de 2021, quando a vacinação contra o coronavírus já estava relativamente avançada.

A essa altura, eu estava no 2º ano, minha sala era a Kahina (as turmas tinham nomes

temáticos; nosso ano homenageou rainhas africanas). Eu seria o goleiro titular na competição de futsal. Usando a camisa 12, eu estava pronto para ser novamente Cássio. Eu queria me sentir um herói. O torneio seria disputado em mata-mata entre todas as quinze salas (1<sup>o</sup>s, 2<sup>o</sup>s e 3<sup>o</sup>s anos) do colégio. No sorteio, tocou-nos enfrentar a Alkaia (o nome desta turma homenageava uma mitológica guerreira amazona), uma sala do terceiro ano. Tratava-se de uma turma com um bom time, mas longe de ser o melhor da escola. O prognóstico estava do nosso lado, éramos provavelmente a melhor equipe do segundo ano. Bastava, então, ter tranquilidade e fazer o nosso jogo.

De fato, dominamos as ações do jogo, chegamos mais ao campo de ataque, mas faltou calma para definirmos as jogadas. Defensivamente, neutralizamos o adversário, que só fez uma finalização: um chute forte do pivô *Disney*, que eu defendi com tranquilidade esticando o braço direito. Perto do fim do jogo, meu companheiro *Kal* entrou no jogo pela ala. No seu primeiro toque na bola, de blusa e iniciando a jogada com a mão no bolso, ele avançou em velocidade no corredor direito do ataque e chutou rasteiro na saída do goleiro. A bola bateu na trave! Perdemos a chance mais clara do jogo! Ao fim do tempo regulamentar, tudo igual; teríamos, então, disputa por pênaltis.

Inicialmente, realizaram-se cinco cobranças intercaladas para cada lado. Quatro acertos para cada. A Alkaia chutou uma bola direto para fora e o goleiro Carlão defendeu uma das cobranças da minha Kahina. Nas duas cobranças eliminatórias que se seguiram, todos acertaram; os pênaltis do meu time foram cobrados por jogadores reservas. Na cobrança seguinte, eu teria inescapavelmente que bater. Estava muito nervoso. A bola nos pés não é o meu forte, tampouco acertar o gol. Foram momentos de muita tensão. Entre pegar a bola e bater, passaram-se horas, dias, semanas, meses. Por fim, tomei distância e chutei. Que desastre! A bola subiu, subiu, subiu e acertou a tabela de basquete atrás do gol. Fez um barulhão! Ecoou o tamanho do meu erro. No entanto, a Alkaia ainda teria que cobrar o pênalti decisivo. Rogerinho foi para a bola. Com tranquilidade, ele bateu na esquerda e eu caí para a direita. Estávamos eliminados no primeiro jogo! Depois de uma espera de quase dois anos, eu havia estragado tudo! O pós-jogo foi desolador. Recebi apoio dos meus amigos e colegas de time, mas sabia que havia frustrado a todos. Queria viver uma tarde de Cássio, mas acabei mesmo experimentando a mesma bebida amarga que tomou Roberto Baggio em 17 de julho de 1994. No entanto, só poderia ser assim: eu era Cássio, se quisesse acertar o pênalti teria que ser, por um momento, como Rogério Ceni, e isso eu nunca admitiria ser.

Com o passar do tempo, o episódio se tornou ainda mais doloroso, já que acabou se revelando também uma despedida. No ano seguinte, 2022, com a lenta, mas constante recuperação dos efeitos da pandemia, o Interclasses voltou a ser realizado normalmente. Entretanto, semanas antes de que ele ocorresse, jogando vôlei despretensiosamente em uma aula qualquer de educação física, eu rompi o tendão do dedo médio da mão direita. Tentei dar um peixinho para salvar uma bola perdida e acabei chocando o dedo do meio contra o piso. Essa ação fez com eu não pudesse ser o goleiro da minha sala (desta vez, a Mandara – nome em homenagem a uma tribo

aborígene da Oceania), já que a regeneração do tendão passa por um processo lento e delicado de recuperação. Novamente, não pude ser Cássio e, pior, vivi uma experiência do Emerson em 2002 – perdi o campeonato da vida por causa de uma boqueira.

Naquele ano, terminei o ensino médio. Seguiria, agora, para a faculdade. Teria que mudar de cidade e ir morar sozinho aos dezoito anos. Inaugurava-se, assim, um momento de extrema incerteza na minha vida. Naquele mesmo período, o Corinthians seguia seu calvário: trocas constantes de treinador, desempenho ruim por largos meses, derrotas seguidas em clássicos, campanhas de penúria na parte de baixo da tabela no Brasileirão. No olho desse furacão, estava o goleiro Cássio, que desde 2020 apresentava uma sentida queda de rendimento. Entre lampejos do craque que outrora fora, o camisa 12 mantinha-se absoluto na meta corinthiana e custava em reconhecer a sua má fase. Incapaz de ceder, o goleiro se afastava cada vez mais da torcida, embora ele nunca tenha deixado de ser apoiado e ovacionado.

Essa situação delicada encontrou um desenlace em meados do corrente ano de 2024. Após uma lesão de Cássio, Carlos Miguel assumiu a meta alvinegra e dava sinais de que não perderia mais a titularidade. Quando estava disponível para jogo, o camisa 12 se mostrou insatisfeito com o banco de reservas. O histórico goleiro corinthiano, apesar da tentativa da diretoria de mantê-lo no elenco, forçou sua saída para assinar um contrato com o Cruzeiro. Ainda que houvesse um desgaste acumulado após temporadas ruins, o fim do ciclo do jogador aconteceu de forma repentina, sem muito espaço para cerimônia. A vontade de jogar imediatamente do atleta pesou mais do que a consideração pela história que ele próprio havia construído no clube.

Para o futuro do Corinthians, ficava a incerteza em relação ao futuro da meta. Embora Carlos Miguel desempenhasse muito bem seu papel, uma transição de goleiro após doze anos de segurança gerava temor. Para mim, ficava uma sensação de que uma relação duradoura de amor tinha acabado de forma mal resolvida. Afinal, não precisava ter acabado: Cássio poderia ter saído, mas não precisa fazê-lo de forma precipitada e insensível. Uma saída planejada e anunciada encerraria um ciclo de forma pacífica e abriria a porta para um caminho futuro de pura idolatria. No entanto, uma saída conturbada e forçada deixou a impressão de que talvez o *Cássio-como-utopia-e-desejo-de-Corinthians* fosse uma farsa, e que talvez o Cássio só fosse *utopia-e-desejo-de-Cássio-por-si-e-para-si*. Foi como receber uma facada nas costas. Foi a perda de um substrato de imaginação e de identidade que me acompanhou da infância até o fim da adolescência e o começo da vida adulta, que me formou enquanto corinthiano, enquanto apaixonado por futebol e enquanto pessoa que vive por meio de metáforas.

Diante de toda a incerteza que concerne o fim da adolescência e o início da fase adulta, ao início da vida acadêmica e profissional e à recondução da vida em novos espaços, surge agora também uma crise de identidade: será que eu fui Cássio? Será que eu era Cássio? Será que eu sou Cássio? Será que eu sou um Cássio fracassado? Cássio era utopia ou farsa? Cássio era *desejo-de-realização* ou pura fantasia? É preciso ressignificar Cássio? Que buscarei ser daqui em diante? Talvez só o tempo seja capaz de responder a essas questões.

## Como o tempo me escolheu

*João Vitor de Melo Moraes*

É muito interessante pensar em como a tecnologia evoluiu nos últimos vinte anos: o que era predominantemente televisão, hoje se tornou internet, mídias digitais, redes sociais e *podcasts*; o que era enciclopédia, biblioteca, virou *Chat GPT*, e o que era o futebol de grandes jogos virou o futebol de lances, montagens e *highlights*. Não vou entrar no mérito de saudosismo sobre se o esporte bretão é melhor hoje ou outrora, mas posso dizer que minha história com o jogo é, sobretudo, diferente, e possui bastantes ligações com essas mudanças.

Sempre fui estimulado a praticar esportes, mas ter pais torcedores de Fluminense e Vasco (em meados dos anos 2000) e que moravam em Belo Horizonte não ajudava na escolha de um time. Essa dúvida pairava em minha mente, assim como se eu queria um *Nintendo Wii* ou um *Beyblade* de presente de Natal – que time eu vou torcer?

Porém, findava-se a década. 2010 estava terminando. Numa viagem mais ou menos inesperada para Vila Velha, daquelas visitas que não se espera, que o visitante, e muito menos o visitado, aguarda, porque acontece de repente, sem motivo aparente, parecendo um sopro de destino na vida rápida e inconstante de cada um.

Reúne-se em uma mesa uma porção de tios, junto do tio-avô e da tia-avó, e quando surge o assunto futebol, a minha inquietação aparece. Como um conselho, da ONU ou do Senhor dos Anéis, há uma força tarefa para cada um mostrar os porquês e comos de cada torcida. O flamenguista falava da paixão. O vascaíno da cultura. O cruzeirense das glórias. Todos em prol de mais uma alma a sofrer por uma agremiação esportiva que certamente não o conhece.

Mas, para quem estava esperando uma nova tecnologia e inovação de forma bem parecida com todos da época, eu recebi uma fita. Daqueles para tocar em videocassete mesmo. Ou melhor, foram especificamente três fitas. A encomenda foi dada por uma prima, que não estava na mesa do conselho e simplesmente tinha guardado os três materiais gloriosos que moldaram meu futuro e relação com o esporte.

Muito depois, em Belo Horizonte, eu vi aquelas fitas. Cada uma delas marcada com fita, com um título importante, do São Paulo Futebol Clube. A fita número 1 me ensinou sobre resiliência. Se tratava da final da Libertadores de 1992. O time comandado por Telê conseguiu, após minutos incontáveis de agonia e de muitos pênaltis igualar o placar mínimo do futebol do time argentino do *Newell's Old Boys*, time cascudo que parecia mais *Old* que *Boys*. A disputa de pênaltis e a figura de Zetti mostraram que a experiência de ser são-paulino deveria ser resiliente.

A fita 2 era daquele mesmo ano. Yokohama, Japão. Mais aleatório que o Barcelona de Johan Cruyff contra o São Paulo de Telê (aquele mesmo), impossível. A moral dessa história, nada mais justo, foi a fé. Não é à toa que o tricolor é conhecido por esse nome e não é todo dia que se

supera Stoichkov e companhia com um gol de barriga e outro de uma falta sobre Zubizarreta. O iluminado Raí, que já havia marcado contra o *Newell's* mostrou que é possível sim realizar as coisas, por isso mesmo o clube me ganhou mais uma vez.

A fita de número 3, derradeira, era mais recente. A qualidade da gravação era visível, a fita não condizia muito com seu conteúdo, narrado com maestria por Galvão Bueno. O palco? Yokohama, Japão. Irônico de fato é o lar de tantas inovações e grande parte das mudanças tecnológicas citadas ser também lar dessa origem consideravelmente distante gravada em aparelhos antigos, para os dias de hoje. Mas nenhum desses pensamentos intrusivos me fez desviar da atuação gigante do pequeno Mineiro e a pequena passividade do gigante Rogério Ceni. Eu, como pequeno mineiro que sou, verifiquei a empatia e a relação vital com aquele time. Era para ser.

Essas fitas me moldaram, nunca contei isso para a prima que me deu. Meses depois fui ganhar a camisa do meu, agora, time do coração, por parte de meu tio, apaixonado pelo São Paulo. Mais uma vez revirando os arquivos e o passado, entendi. Era meu tio que tinha gravado as fitas, era ele quem tinha passado essa experiência para frente, para chegar em mim. Nesse jogo de experiências passadas que moldaram meu futuro, no meio de tecnologias antiquadas e modernas, consegui chegar a uma conclusão. A paixão pelo futebol transcende o tempo, moldando quem somos através das histórias que herdamos e das emoções que vivemos.

## Amor, paixão e respeito

*José Adryan P. Galindo*

– E o que a gente faz agora?

– Levanta a blusa e passa.

Não era a primeira vez em que eu ia a um estádio; para ser bem sincero, eu nem me lembro da primeira vez em que fui ver um jogo de futebol. É como se eu já tivesse nascido naquele ambiente. Mesmo assim, quase sempre me confundia com os processos para entrar.

– Vamos logo, pai, já vai começar!

Era um domingo de manhã e eu me lembro de estar muito ansioso; era a primeira vez em que eu veria os dois times de que eu gostava jogarem um contra o outro. Lembro-me do estádio lotado e do clima muito quente: uma clássica manhã de domingo na capital pernambucana.

– Que uniforme feio esse do Flamengo!

Àquela altura, qualquer comentário contra o Flamengo era bom pra mim; afinal, eu precisava fingir que não gostava dele, pois estava na outra torcida. Não que eu não torcesse para o outro time também – o Santa Cruz. É complicado.

Para meu azar, o jogo começou muito agitado, chances para os dois lados. De repente, Paolo Guerrero achou um passe para Willian Arão, que chutou e, no rebote, fez o gol: 1 a 0 Flamengo. Lembro-me nitidamente do meu pai olhando para mim, com medo de eu comemorar o gol e de nós sermos linchados pela torcida, mas eu já era uma criança grande, tinha dez anos, não cometeria uma falha dessas. Fingi desapontamento, disfarcei o rosto com a mão e olhei para as pessoas em volta.

– Vamos Santaaaaa, vamos virar esse jogo!

A torcida funcionou. O Santa Cruz não só melhorou no jogo como empatou de pênalti, aos 43 do primeiro tempo. Graffiti foi o nome da emoção e, obviamente, nesse momento, eu não perdi minha chance. Pulei, gritei, abracei gente que eu nem conhecia – foi gol do meu time. É verdade que o outro time também era meu, mas ninguém precisava saber disso. Pensando bem, eu precisava que ninguém soubesse disso.

Veio o intervalo e meu pai comprou um belo cachorro quente para mim. Na época, acho que ainda era permitido vender comida dentro do estádio, mas, de qualquer forma, não sei se as regras oficiais se aplicam ao Arruda.

– Presta atenção, vai começar!

Depois do primeiro tempo, tudo estava mais tranquilo. Foram feitas mais de onze substituições. Era um jogo de pré-temporada que valia a taça simbólica Chico Science, feita em homenagem ao cantor nordestino falecido na década de 1990. O segundo tempo não teve segredo: foi o Santa Cruz colocando pressão e fazendo jus ao fato de, tantos anos depois, ter voltado à Série A do Brasileirão.

Naquele ano, lembro-me claramente da apreensão da torcida em ver seu time na primeira divisão. Muitos estavam vivendo esse momento pela primeira vez, como eu. Pena que toda esta esperança culminaria na queda do Santinha no fim da mesma temporada.

Voltando para o amistoso, fim de papo. 3x1 para o Santa Cruz, fora o baile, com direito a Alex Muralha levando gol entre suas pernas. Esse jogo é especial para mim, pois saí dele pensando – caramba, é possível torcer por dois times. Não foi meu primeiro jogo no estádio e nem o último; longe de qualquer uma dessas duas possibilidades, na verdade. Mas foi quando eu percebi que não estava errado em me relacionar com o esporte daquela forma, por mais que dissessem que sim. Aquele simples Santa Cruz e Flamengo ensinou ao pequeno José que esporte é muito mais do que um clube ou uma torcida: é amor, é paixão e, acima de tudo, é respeito.

## A magia do amor

*Júlia Giaretta Berlim*

– Dança não é esporte – há alguma coisa que me irrita mais do que isto? Não. A resposta é um *não*, bem grande, bem marcado, bem enfático.

Posso concordar que dançar no quarto ao som de *Take on Me* não é esporte, tal como começar a remexer o corpo na pista de dança de uma festa também não seria um esporte. Agora, a dança competitiva, esta sim, com certeza, é uma modalidade esportiva. Ora, seja *ballet*, *jazz*, contemporâneo, *hip hop* ou sapateado: se tem regra, competição e treino (e que níveis brutais de treino!), não há motivo para que não seja considerado um esporte.

Danço desde os três anos de idade, já tendo participado de diversas competições e ganhado vários prêmios ao longo dessa jornada, seja com solos, duos, trios ou conjuntos. A carteiraada é só para dizer que tenho propriedade ao garantir que, quando se toma a decisão de seguir profissionalmente nesse ramo, a dança pode ser muita coisa, mas, com certeza, não é *brincadeirinha de menina*.

Aliás, isto me lembra um episódio de quando eu era menina. Era 2016, eu tinha dez anos e, após um longo processo de montagem, elaboração de conceito, criação coreográfica e cenográfica, preparo físico e incontáveis ensaios, nasceu o solo *A Magia do Amor*. Na rápida coreografia de *estilo livre*, com duração de dois minutos e dezesseis segundos, eu incorporava um cupido que despertava do seu sono e logo se deparava com uma missão: fazer um casal se apaixonar – o casal, no caso, era cenograficamente representado por dois vasos, cada um com um balão de gás hélio em formato de coração acoplado à sua parte superior.

Inscrevemos o solo em várias competições, mas, sem dúvidas, entre todas elas, a fase internacional do festival de dança *Passo de Arte* era o maior sonho; um sonho distante, porém palpável; inimaginável, porém possível; assustador, porém excitante. Logicamente, para passar à fase internacional, eu primeiro precisaria ter um bom desempenho na fase regional da minha categoria. Bom, adianto: eu tive, sim, um ótimo rendimento e consegui passar para a etapa internacional. Na verdade, deixando a modéstia de lado, eu não só passei, como avancei em grande estilo: primeiro lugar, entre todo o Sudeste do Brasil.

Posteriormente, na sonhada fase internacional, bati de frente com outras incríveis 24 performances da categoria *estilo livre* junior feminino. Honestamente, minhas expectativas não eram as maiores possíveis, afinal, o nível das bailarinas era altíssimo. No fim das contas, tive a surpresa de ficar na quinta posição. Dessa vez, o pódio não veio, mas não poderia voltar mais feliz para casa.

Apesar de, hoje, não mais competir profissionalmente, a dança faz parte do meu trabalho – o teatro musical – e faz parte de quem eu sou. O esforço nesse esporte é real, assim como as dores no corpo e o sacrifício de, potencialmente, abrir mão de um churrasco em família e precisar ensaiar em um domingo de manhã. Apesar dos pesares, todos os dias, levo no meu coração essa *magia* do amor, que me motiva e me inspira, lembrando porque, como fanática esportiva, apaixonei-me por essa modalidade.

## Jogo rápido

*Júlia Sardinha Domingues*

Um. Dois. Três. Inspire... Segure e... **Ah!** Era um momento crucial para a minha recém-nascida carreira: mais um gol, apenas mais um golzinho, e eu já poderia pedir a minha segunda música no *Fantástico* do próximo domingo.

Não passava som algum pelos meus ouvidos, mas eu ainda sentia o ar pulsando, o suor escorrendo e, então, eu pisquei. Estava na quadra do meu colégio. Mais uma aula de educação física, mais um período em que os meninos não aguentavam ficar quietos de tanta ansiedade ao terem que esperar as meninas terminarem a partida de futsal delas.

Sem um pingo de modéstia da minha parte, meu time ganhou o jogo com um placar impecável: cinco a zero. A craque do jogo? Eu mesma. Marquei os cinco gols e já estava caminhando rumo ao palco para pegar a minha tão merecida Bola de Ouro. A verdade: fui para casa.

Como a *MVP* (Jogadora Mais Valiosa, em inglês) daquela partida, fui com o peito inflado de orgulho encontrar a minha mãe, olhei por cima do ombro para a minha irmã – que faltou à aula naquele fatídico dia em que eu me tornei uma estrela – e, quando contei ao meu pai o grande feito... Recebi um – parabéns, filha. Contentei-me com os poucos comentários e com as palavras monossilábicas.

O dia passou, fiz as minhas lições de casa e contei repetidas vezes à minha irmã os *frames* – em câmera lenta – de cada um dos meus cinco gols:

– Então, eu recebi a bola na frente do gol e... *ZUM!* GOLAÇO!

– Uau...

A goleira do time adversário não estava no gol, eu estava a dois passos da trave e da rede. Não era preciso informar minimamente todos os detalhes, certo?

E, após um dia glorioso, um banho relaxante e uma valorização de ego de inflar colchões... Deitei-me no sofá, mas senti algo estranho. O que era aquilo nos meus pés? Ou melhor, o que faltava nos meus pés?

– *Oh, mãeeee!* Olha o meu mindinho?

– Filha, a sua unha caiu.

Aposentei-me do futebol naquele mesmo dia.

## A arte de defender

*Kivia Hana Santos Nakandakari*

Nunca fui a melhor atleta da turma. Sempre preferi assistir a jogar, mas a educação física era uma daquelas matérias em que o esforço e a participação contavam. Então, mesmo sem ter a menor aptidão para o futsal, acabei ocupando o gol por muitos anos. De início, não porque eu quisesse, claro, mas porque a posição de goleiro parece sempre ser o lugar dos desajeitados. E, neste caso, o dos míopes também.

Tendo finalmente a posição garantida, pude realizar meu grande feito no esporte escolar. Esse momento de glória aconteceu quando eu estava no nono ano, durante o campeonato Interclasses, uma tradição que a organização do colégio levava com um desleixo parecido com o dos próprios alunos em uma aula de matemática antes do recreio. O aviso de que teríamos uma partida contra o oitavo ano foi dado em meio a uma confusão maior ainda: o ensaio fotográfico para nossa formatura. O tema da festa seria bastante inusitado: *Pop Art*. Isto mesmo: estávamos todos com os rostos pintados de cores vibrantes, como se tivéssemos saído diretamente de uma tela do Andy Warhol.

Enquanto os *flashes* da câmera capturavam nossas expressões multicoloridas, fomos abruptamente avisados de que precisaríamos formar um time feminino imediatamente. Sem ter muito o que pensar ou fazer, metade das jogadoras entraram em quadra com as cores da *Pop Art* ainda na cara. Não vou mentir, tínhamos estilo, mas, naquele estado, dificilmente intimidaríamos time algum.

Assim, tudo se desenhava rumo ao verdadeiro caos. Eu, com mais graus nos óculos do que dedos nas mãos, jogando no gol, já era um desastre anunciado. E foi durante um lance nada extraordinário que o inevitável aconteceu: uma bola chutada com força demais veio rapidamente na minha direção. Instintivamente, defendi com o rosto. O gol? Felizmente, evitado. Os óculos? No chão, partidos ao meio; parte das glórias do esporte.

Ali, no meio da quadra, sem lentes, eu enxergava pouco mais do que borrões coloridos. Sem opções para que eu, a goleira, fosse substituída, o jogo tinha que continuar. Foi quando, quase como um herói vindo das arquibancadas, um amigo igualmente míope me ofereceu seus próprios óculos. Aceitei na hora. E lá estava eu, de cara nova, pronta para encarar o que viesse.

A vitória ou a derrota podem ser discutidas. Para ser sincera, não me lembro do placar final. Se formos pelas estatísticas, é provável que minha amiga Beatriz Moretti tenha feito sozinha mais gols do que todo o time adversário. Minhas contribuições se resumiram à defesa do dia, com o rosto, somada a mais alguns gols evitados, mas com as mãos ou os pés. Não

é bonito, mas funciona. Além disso, sempre é bom ter um amigo por perto com um grau de miopia compatível com o meu. No fim das contas, mais do que vitórias, o que fica na memória são as histórias e, claro, os amigos que entram em quadra pintados ou até mesmo os que dividem a visão com você.

## Entre piruetas e chutes a gol

*Lara de Sousa Oliveira*

– O Brasil é medalha de bronze por equipes na ginástica! Vocês estão na galeria das heroínas olímpicas do esporte brasileiro! – Ouço o narrador Luís Roberto anunciar com tamanha emoção que sua fala foi capaz de contagiar a todos que assistiam à transmissão naquela terça-feira chuvosa e fria. Todos que assistiam à conquista de uma medalha que, por muito tempo, foi aguardada pela ginástica. Ver a emoção das ginastas brasileiras se abraçando e pulando, automaticamente, transportou-me para uma época em que as preocupações eram focadas apenas em saber qual brincadeira seria escolhida durante o recreio.

Desde que tenho memórias claras, sei que todos comentavam, com tons intrometidos, como eu sempre fui alta para minha idade e como meus pais precisavam se aproveitar disso – até porque nunca se sabe se você tem, sendo criado dentro de casa, um futuro prodígio esportivo que vai trazer a próxima medalha olímpica. No ano de 2012, os Jogos Olímpicos de Londres estavam acontecendo e eu raramente acompanhava as modalidades. Minha mãe, uma mulher que também passara pelos mesmos comentários que eu na infância, comentou que pretendia me colocar em um projeto para ter aulas de ginástica artística na região do Ibirapuera – vai ser bom para você, filha! Você é magrinha e alta, vai ser bem fácil e a mamãe vai adorar te vestir igual uma bonequinha! – Minha mãe usava um tom de voz convincente e carregava um brilho no olhar ao dizer que teria a própria boneca ambulante. Isto começou a me contagiar, junto com a ideia de praticar um esporte diferente daqueles que eu conhecia.

Em um dos momentos em que eu estava assistindo àqueles Jogos Olímpicos de Londres, sentada no sofá da sala, coincidentemente, a transmissão era a da ginástica artística. Fiquei atenta, observando os movimentos e os saltos. Contudo, os principais pontos que me chamaram a atenção foram a forma com que as ginastas se portavam – repletas de delicadeza e leveza em cada movimento, até o mais simples sorriso – e o modo com que elas se vestiam para competir. Aquilo foi crucial para eu recusar a ginástica na minha vida. Imaginar a mim mesma tendo que me comportar daquela forma e me vestindo com aquelas roupas brilhantes e apertadas, com o cabelo todo penteado, passou a ser um verdadeiro pesadelo. Nunca iria me encaixar dentro daqueles modelos do esporte – e aquela criança de apenas nove anos já tinha tomado consciência disso. Anunciei para minha mãe que não queria ter aulas de ginástica, por conta dos fatores que eu observara assistindo aos Jogos. Ela se serviu de um argumento que eu estava cansada de ouvir – mas você é menina, tem que praticar coisas de menina. Ou vai me dizer que quer jogar bola? – Ouvir essa frase fez com que uma lâmpada se acendesse na minha cabeça.

Frequentemente, algumas pessoas usavam a denominação *menina moleca* para se referir a mim, já que eu não costumava gostar daquilo que era imposto para garotas brincarem durante a infância. Nunca gostei de bonecas e nem de casinha, por mais que meus pais tentassem.

Geralmente, eu era vista chegando toda suada, com as bochechas vermelhas e completamente esbaforida. Falava – *ah*, eu tô assim porque estava jogando bola –, sempre acompanhada de um sorriso muito gratificante ao final da frase.

Eu nunca fui proibida de praticar esses esportes *para meninos* quando criança; pelo contrário, meus pais sempre me deixaram bem livre para brincar com o quê e com quem eu quisesse. Mas eles pediam que eu tomasse cuidado, porque os meninos são mais brutos e eu era só uma menina, bastante delicada, que não podia se machucar. Quando eles perceberam que esse gosto apaixonado por jogar futebol não ficava só restrito às brincadeiras com meus amigos, mas que ultrapassava as barreiras do banal, eles me perguntaram, com receio, se eu não queria fazer aulas de futebol ao invés de ginástica. Tinham percebido minha verdadeira paixão graças aos pedidos de compra de chuteiras e do uniforme completo do meu time do coração, o São Paulo Futebol Clube. Aquilo foi música para meus ouvidos. Poder jogar futebol em casa e ainda em um campo com mais crianças seria o paraíso para mim. Só que, infelizmente, eu não conhecia os problemas que isso geraria.

De início, essa ideia não foi tão bem aceita pelo meu pai, um homem vindo do interior e com muitas preocupações da vida adulta. Minha mãe, por outro lado, começou a ir atrás de lugares para que eu pudesse começar o mais rápido possível. Porém, apareceu o maior problema – que ela provavelmente já esperava, mas eu ainda não tinha a menor ideia de que pudesse existir. Nenhuma das várias escolas infantis perto de casa aceitava meninas para jogar junto com os meninos. Aquilo não entrava na minha cabeça de forma alguma. Eu só queria jogar bola junto a outras crianças. Por que eu não podia?

Ainda foram feitas buscas por outras escolas, agora, mais longe de casa. E aquela esperança que antes eu tinha como certeza passou a ficar menor, menor, menor. Tão pequena que eu quase não a via mais. Então, veio a decisão que eu tanto temia – eu não poderia jogar bola junto a outras crianças. Fiquei confusa, com muitas perguntas e indignações rodando minha cabeça. Eu não podia me divertir só porque eu era uma menina? Qual o sentido dessa separação?

Nenhum! O tempo foi passando e os traços de crescimento começaram a dar as caras. Muitas mudanças se faziam presentes no meu corpo: um rosto mais maduro, cabelo maior, altura sempre subindo. Em algumas aulas de educação física, em que jogava livremente com os garotos, eu retornava àquele momento de dúvida e entendia que eu mesma teria que construir esse espaço para nós, meninas que gostam de praticar esportes de *meninos*.

Ao final da narração do Luis Roberto, minha mente retorna ao cheiro da cebola que estava sendo cortada para temperar o molho e à temperatura da água do macarrão, que já dava sinais de estar pronto. Em meio à mistura de temperos e panelas, espanto essas memórias, reparando que, realmente, eu não combinaria com aquelas roupas das ginastas.

## Quando conheci minha casa

*Laura Martins Vulcani*

Uma crônica longa, mas carregada de emoção.

Desde pequena, o pai sempre insistiu para me levar na Arena – vamos! Lá tem comida gostosa – vamos! Lá é muito bonito e tem telões enormes! – Nada me convencia. Ele podia dar vários argumentos, mas eu não queria ir. Era coisa de menino mesmo, chatice, sem sentido.

O que eu não sabia era que os anos se passariam e tudo o que eu iria querer era justamente o que eu tanto desprezei! Agora, era eu que ficava – pai, por favor, vamos à Arena! – Também para o meu irmão – Gabriel, agora você mora lá perto e tem sócio-torcedor. Deixa eu ficar na sua casa e você me leva, por favor!.

O que de fato havia acontecido para essa mudança de interesse com o Corinthians foi um amadurecimento, de certa forma. Um episódio sério de depressão e ansiedade me levou a me interessar pelo esporte e, de repente, uma distração se tornou uma paixão! Ainda mais pelo Sport Club Corinthians Paulista. Poxa, que clube! Que história! O time do povo, das brabas, cuja história é uma página em preto, o time da Democracia Corinthiana! Isto tudo não é lindo? O Corinthians juntava várias das minhas convicções, além de ser o time pelo qual vi meu pai e meu irmão torcer enquanto eu crescia. Só o Corinthians é o Corinthians e só sendo Corinthians você entende o que é o Corinthians. Confuso, mas certo.

Voltando dessa digressão para explicar o amor pelo meu time, retornemos à questão da ida à Arena. Depois de tanto insistir e receber negativas devido a questões financeiras, eu finalmente consegui: meu irmão iria me dar de presente uma ida a um jogo no estádio! Passei uma semana na casa dele, também junto com meu primo, que minha família *doutrinou* para torcer pelo Corinthians.

No dia, eu estava muito irritada e nervosa. Um menino com quem eu conversava passou horas me enchendo o saco com mensagens de ciúmes! Durante o dia inteiro, meu nervosismo e minha ansiedade estavam a mil. Poxa, logo no dia pelo qual eu tanto esperei? Não sei como é aí, leitor, mas brigar com pessoas de quem eu gosto me deixa de burro amarrado e ansiosa!

Mas Deus sempre sabe do que seus filhos precisam para que o dia fique diferente! Chegou a hora de ir. Depois do trabalho, meu irmão Gabriel passou por lá e buscou eu e meu primo para irmos à Arena. No caminho todo, a gente estava muito feliz, como se estivéssemos indo para uma viagem em um super *resort*, mas a realidade era muito melhor.

Entrando na região de Itaquera, já deu para sentir a fiel torcida. Vários carros na rua, tudo lotado, muita gente também indo a pé. O mar alvinegro mostrava já ali suas espumas

de praia. A vontade de abrir a janela e gritar – *vai Corinthians!* – era enorme, mas o medo de alguém entender errado, também! Nas imediações do estádio, eu comecei a ver os símbolos do Corinthians pintados enormemente nas paredes, além da própria Arena, toda linda para acomodar os sentimentos de cerca de quarenta mil loucos do bando.

E, quando entramos, a emoção só cresceu. Pô, e aquele símbolo prateado enorme na entrada? Que coisa mais linda! Se o querido leitor nunca foi, deveria ir; e, se for rival, cuidado: só de chegar perto de Itaquera, as chances de você não resistir são enormes. Mas, depois, a loucura vale a pena!

Então, resolvi ir ao banheiro, pensando em como seria o xixi mais legal da minha vida! Na cabine, fiquei um pouco aborrecida: como alguém teve coragem de escrever xingamentos contra o meu time na nossa própria casa? Mas, na minha cabeça, quem critica o Corinthians é porque queria ser a gente – esta é a real.

O que que eu posso falar sobre quando eu passei pela primeira vez por aquelas portas de entrada para o campo? As lágrimas rolaram pelo meu rosto, até porque elas também queriam estar lá. Aquele céu magnífico dado por Deus, misturado com o mar alvinegro cujas ondas, agora, quebravam no meu olhar. Os telões que meu pai prometeu quando eu era criança eram mais lindos do que ele descrevera. Pena que ele não pôde estar lá naquele momento. Fiquei um tempo parada, só admirando tudo aquilo. Ser Corinthians é ser emocionada mesmo!

Na entrada dos jogadores, eu me arrepiei a cada nome. Calma lá, leitor! Não ache que eu estou exagerando, por favor! Você notou como eu nem citei mais o menino que estava me estressando? Tudo aquilo era tão lindo que eu nem me lembrava dos meus problemas: além da situação do dia, eu havia acabado de passar na Faculdade de Direito da USP. Seria minha primeira vez morando fora de casa, fazendo um curso que, na realidade, eu nem sei se queria mesmo; eu sonhava com o jornalismo. Mas, pelo menos, eu iria estar em São Paulo, né? A quantos jogos eu poderia ir...

O único momento em que me lembrei de todas essas questões foi quando virei minha cabeça e avistei a sala da imprensa. Acho que, naquela hora, a vontade de trabalhar com jornalismo esportivo palpitou ainda mais forte em meu coração. Fiquei um pouco inquieta, mas, naquele clima de sonhos sendo realizados, por que mais para frente este também não poderia ser? Se Deus quiser...

Então, começa o jogo. Era contra o São Paulo, que nunca havia vencido na nossa casa! Bola que rola, vai pra lá, vai pra cá... Até que um gol do São Paulo sai. Logo no primeiro tempo, mas tudo estava absolutamente bem, o Corinthians não desiste. A fiel cantou ainda mais alto para o Time do Povo. Tá vendo, leitor? A gente é diferente.

De repente, o Caetano foi expulso! Todo mundo na Arena, naquele momento, achou que era o jogador do São Paulo que, francamente, eu nem lembro quem era. Quando vimos que era o Caetano, começaram os cânticos contra o juiz. Todo mundo defendendo o time. A expulsão não foi injusta, mas ao vivo não dava para perceber isso.

No intervalo, minha janta foi um simples sanduíche de frango que, comprado lá, tem um gosto muito melhor do que em outros lugares. Como pode, leitor? Aquilo estava delicioso. Eu até precisei postar essa descoberta no Instagram. No segundo tempo, mais um gol do São Paulo. A preocupação existia, mas o Corinthians não desiste. O Yuri Alberto, nosso galã e centroavante, que antes foi um grande trunfo para nós, estava em má fase. Foi matar a bola no peito e matou foi o gramado do campo. Triste, mas eu não me segurei e soltei uma risadinha.

Terminando os noventa minutos, meu irmão vira para mim e fala:

– Laura, será que você vai sair do primeiro jogo aqui sem ver nenhum gol?

Eu estava apreensiva, nem respondi nada, só fiz um gesto e foquei de novo no campo. Até pedi os óculos dele para ver melhor. Acabou o tempo regulamentar e o jogo entrou nos acréscimos. O placar era uma droga: 2x0 para o São Paulo e eu sem nem ver meu primeiro gol na Arena.

No primeiro minuto dos acréscimos, porém, finalmente sai o primeiro gol do Corinthians. A Arena toda grita e estremece tudo ao meu redor! Eu queria ter belas palavras para descrever esse momento, mas, sinceramente, eu sei que vou falhar. Não dá! Mesmo perdendo, independentemente do tabu sendo quebrado, foi lindo, maravilhoso, foi pura emoção. O Arthur, vencedor da Copinha que, recentemente, deu trabalho jurídico para o Corinthians, tirou dos seus pés o primeiro gol e da goela da fiel torcida a comemoração.

Logo em seguida, o jogo acabou, depois de alguns quase gols do Corinthians, mas sem o resultado esperado. É, o tabu foi quebrado. Mas, sabe? Eu nem estava pensando muito nisso. Vivi a primeira super experiência com meu time do coração.

Saí do campo em direção à loja do time. Quanta coisa, hein? Aquelas roupinhas de bebê, *bodies* rosinhas com o símbolo do Corinthians. Eu estou nova, mas já sei aonde ir quando Deus me abençoar com um nenê. Avistei a blusa listrada, com o símbolo da Democracia Corinthiana – que baita marca do time! Era aquela mesma. Fui, peguei, procurei meu número, trezentos e poucos reais... O que é isso, Time do Povo? Eu juntei um dinheirinho ao longo de todo o ano para pagar minha formatura, mas meus pais me liberaram da obrigação. Então, tinha aquilo para gastar com algo especial. Aquele dia havia sido muito especial, aquela blusa também era. Foi ela mesma! Saí daquele dia com mais uma lembrança, que doeu no meu bolso, mas não no coração.

Na volta para casa, ainda tinha a estrada até São José dos Campos. Tentei conversar com meu irmão, para que ele não ficasse com sono, até porque meu primo já havia capotado. Mas eu tinha tanta emoção acumulada, estava tão atônita por tudo que tinha passado naquele dia, que todo esse acúmulo me derrubou, ainda que com um saldo enormemente positivo. Eu dormi pesado dentro daquele carro. Sabe aquele sono gostoso, leitor? Só acordei chegando lá na minha cidade e, logo depois, capotei novamente.

Assim, terminou meu primeiro dia em casa. Soube desde então o que já sabia (perdoe-me a confusão dessa frase, mas espero que você tenha entendido): eu era Corinthians mesmo, do Time do Povo, da fiel torcida, do time das brabas, da página em preto e da Democracia Corinthiana. O time que só quem é sabe como é. Sport Club Corinthians Paulista, um fenômeno brasileiro e, para mim, o grande protagonista do futebol nacional. Até porque, sem a gente, tudo perde a graça. Sonho com meus mini loucos do bando, se assim Deus quiser. Desculpe-me, também, pelo tanto que me alonguei. Queria passar um pouco da emoção que senti naquele dia, com meu esforço e com as palavras que pude encontrar. O Corinthians é assim, uma longuíssima lista de emoções: indecifráveis para quem não é e totalmente vívidas para quem é. Desculpe-me, também, se você não me entendeu, mas o motivo eu já expliquei. Obrigada, meu Deus, por eu poder viver tudo isso.

## Crescendo no jogo

*Leonardo Alves Amaral Torres*

Eu tinha catorze anos quando comecei a jogar basquete. Era o mais novo da equipe, cercado por colegas de dezoito, dezenove anos, todos mais altos e mais fortes. Entrar em quadra era como enfrentar um gigante a cada jogada. Cada treino parecia uma batalha perdida, não só contra os adversários, mas contra o meu próprio corpo, ainda em fase de crescimento. A diferença de porte físico entre eu e os outros atletas era gritante e isso fazia eu me sentir um intruso na quadra.

Lembro-me bem da sensação de quando recebia um passe de um dos veteranos. Era como se a bola viesse mais para me derrubar do que para me integrar ao jogo. O impacto dela batendo em minhas mãos finas, muitas vezes mal coordenadas, parecia uma mensagem: *você não pertence a este lugar*. Eu me sentia esmagado, não só pela força deles, mas pela minha própria insegurança. Enquanto eles cortavam o ar com enterradas poderosas, eu mal conseguia completar uma bandeja.

Mas, ao invés de desistir, eu decidi continuar. Treinei com mais intensidade, mesmo sabendo que não tinha a força ou a altura para competir de igual para igual naquele momento. Era exaustivo, às vezes doloroso, mas algo dentro de mim dizia que, se eu perseverasse, algo mudaria. E mudou.

Ao longo dos três anos seguintes, meu corpo me surpreendeu. Cresci vinte centímetros e, de repente, passei a ver o jogo de outra forma. Agora, eu estava com um metro e noventa centímetros e aquele aro, que antes parecia tão distante, estava ao meu alcance. O garoto franzino, que lutava para se encaixar, estava se tornando um dos pilares da equipe. Os passes que antes vinham como pedras passaram a chegar suaves; e meu jogo crescia junto com minha confiança.

Ganhamos campeonatos. Vivemos momentos inesquecíveis como time, dentro e fora da quadra. Mas, olhando para trás, a verdadeira conquista não foram as medalhas ou os troféus. Foi aquela superação inicial. Foi o aprendizado de que o basquete, assim como a vida, muitas vezes, tem começos difíceis. O importante é não deixar os desafios iniciais nos definirem, mas usá-los para crescer – literalmente, no meu caso.

## Entre cânticos e gols: o dia em que me tornei são-paulina

*Luana Six Maeda*

Era uma tarde qualquer de 2014, e eu, com apenas oito anos, não fazia ideia de que aquele dia mudaria o rumo das minhas paixões. Meu tio, fã incondicional do São Paulo, tinha um ingresso sobrando. Meu primo não pôde ir, e eu, despretensiosamente, aceitei a oferta. Nunca tinha prestado muita atenção em futebol, mas o destino quis que fosse diferente.

Chegamos ao Morumbi. O estádio imponente, maior do que eu poderia imaginar, e a multidão vestida de vermelho, branco e preto já começava a fazer meu coração bater mais forte. O jogo era um clássico do Brasileirão, e o São Paulo estava prestes a entrar em campo. Lembro bem da sensação de pisar naquele lugar pela primeira vez, algo mágico que ainda não entendia, mas que me envolveria completamente.

Logo no início, ouvi rumores sobre um pênalti. Foi então que o lendário Rogério Ceni se aproximou da marca, pronto para cobrar. O estádio inteiro prendeu a respiração, e eu, pequena, segurava o fôlego sem nem saber o que estava por vir. O apito soou. Ceni correu para a bola e, num instante, explodiu a euforia. O gol saiu, e junto com ele, uma energia arrebatadora tomou conta do estádio. Eu, sem conseguir conter, vibrei com a torcida, uma emoção que parecia ser minha desde sempre.

O que me marcou, porém, foi ver a organizada Independente cantando o hino do São Paulo. Aquela massa unida, as vozes em coro, faziam meus olhos brilharem como nunca antes. Ali, entre a festa e as bandeiras, eu já sabia que algo estava diferente dentro de mim. E como se fosse um presente extra daquela noite, nas ruas ao redor do estádio, as pessoas se chamavam de *tricolor*. Achei aquilo tão legal. Senti que fazia parte de algo maior, algo que transcendia o campo e chegava até o coração de cada um.

O mais engraçado foi que, tempos depois, descobri que naquele dia de jogo o São Paulo ainda contava com o Luis Fabiano, um dos grandes ídolos do clube, e eu nem sabia quem ele era! Naquele momento, meu conhecimento de futebol era limitado, e tudo que eu sabia era que a Copa do Mundo estava chegando. Mas aquele jogo foi o estopim de uma paixão que durou até o Mundial. Passei a acompanhar tudo, aprender os nomes dos jogadores, me empolgar com cada partida.

Então, veio a Copa do Mundo de 2014. A expectativa era enorme. Eu já não era a mesma garota desavisada daquele dia no Morumbi; agora, o futebol estava presente em cada conversa, em cada jogo na TV. Mas então aconteceu o fatídico 7x1 contra a Alemanha. Eu não estava preparada para aquilo. Lembro de como fiquei mal, de como chorei assistindo àquele desastre. O futebol, que havia se tornado parte de mim, me mostrava seu lado mais cruel.

Ainda assim, o amor pelo São Paulo continuou crescendo. Dias depois daquele jogo no Morumbi, consegui uma camisa autografada do time, que guardo até hoje com carinho. Meu pai, corintiano roxo, torceu o nariz no início, mas bastou ele ouvir o entusiasmo na minha voz contando cada detalhe daquela tarde para aceitar. No fim, se rendeu.

Hoje, tantos anos depois, continuo indo ao Morumbi sempre que posso, com o mesmo brilho nos olhos de quando tinha oito anos. Porque, afinal, ser são-paulina é sentir, é viver, é vibrar junto com cada gol, com cada canto da torcida. E tudo isso começou naquele dia, quando o Morumbi me acolheu e nunca mais me deixou sair.

## A Copa que ficou na memória

*Luca Krinski Mansano*

O ano era 2014 e o Brasil se preparava para receber uma Copa do Mundo. O Brasil já era o *país do futebol*, mas, nesse ano, só pensávamos nisso. As ruas pintadas, bandeiras verdes e amarelas por toda parte e, na escola de futebol da Portuguesa, em Guarulhos, haveria uma pequena Copa do Mundo entre seus alunos. A Copa do Mundo de Guarulhos. Eu, jovem goleiro, fui escalado como titular da seleção brasileira da escola. Eu estava prestes a viver minha própria versão do torneio com direito a torcida, nervosismo, expectativa e muita emoção. Começaria um evento que me marcaria para sempre.

A lembrança desse dia ainda está fresca em minha memória. Era um domingo de manhã, a arquibancada rústica e simples estava cheia e, mesmo assim, nela se destacavam meu pai e minha mãe. A expectativa deles me deixava mais tenso do que já estava e eu compreendia a responsabilidade que um goleiro tem no futebol. No entanto, nem tudo se resumia a nervosismo e expectativa, eu estava feliz e orgulhoso por assumir essa responsabilidade.

O juiz apitou e a partida se iniciou. Desde o início, houve pressão da seleção do Uruguai, nosso adversário. Eles eram bons, mas, a cada defesa feita, o nervosismo reduzia e a confiança aumentava. Meu pensamento se transformou da apreensão em – eu sou bom. Porém, a seleção brasileira não conseguia criar jogadas e o Uruguai dominava. Era inevitável: gol do Uruguai. Não tinha sido minha culpa, foi mérito do adversário e, portanto, continuei confiante. Todavia, logo em seguida, outro gol do Uruguai. Depois, mais um e mais outro gol. Não parava de sair gol e eu me esforçava, mas não tinha o que fazer. Virou goleada e a confiança se esvaiu. Eu conseguia ouvir os sussurros da torcida – o Brasil é muito ruim – que dó desse time... – Estava me segurando para não chorar.

O juiz apitou novamente, mas agora era para sinalizar o fim do jogo. Não me recordo precisamente do resultado, mas sei que foram muitos gols do adversário e zero para o meu time. Nesse cenário, os sussurros negativos da torcida verdadeiramente me marcaram e eu, em um ato que considere de profunda coragem a época, decidi falar com o juiz sobre isso. Então, eu disse – juiz, a torcida não pode ficar falando coisas ruins sobre a gente, eu fiz algumas defesas e não foi minha culpa! – Lágrimas escorriam dos meus olhos, eu me sentia o maior injustiçado da face da Terra. O juiz riu e me respondeu educadamente – não há nada que eu possa fazer, é a vida!

No momento, a fala do juiz não fez sentido. Todavia, conforme o tempo passa, cada vez mais a entendo. O futebol me ensinou uma valiosa lição sobre a vida: não importa o que faça ou o quão bem faça, sempre haverá críticas e nem tudo sairá como planejado, o

importante é ser resiliente, saber lidar com as adversidades e se empenhar ao máximo no que faz. Após o final do jogo, pensei que seria uma decepção aos meus pais, mas, ao final daquele dia, eles estavam orgulhosos de mim por ter dado o meu melhor dentro de campo. Hoje, encaro tal dia como uma boa memória, recordo-me com saudade dessa copa, embora o resultado não tenha sido bom, e acredito que sem esse dia eu não seria quem eu sou hoje.

## Entre cortes e aprendizados

*Lucas Diogenes Duriguetto de Castro*

Nunca fui dos mais aplicados nas aulas de educação física no fundamental. Eu sempre tentava dar um jeitinho de escapar enquanto o professor ensinava os esportes na quadra. Mas, em uma tarde, a aula foi interrompida para nos apresentarem o *Zé*: um senhor de idade avançada, com uns fios de cabelo branco sobre a careca, marcada pelas durezas da vida, um olhar profundo e voz incrivelmente calma.

De pouco em pouco os alunos foram se juntando, não demorou muito para que todas as turmas daquela pequena escola municipal estivessem reunidas no pátio. A diretoria havia decidido reunir os alunos para ouvir a palestra sobre a nova parceria da prefeitura com o centro de treinamento do *Zé*. Ele segurava uma raquete diferente daquelas que apareciam na TV, não era tão grande quanto os personagens ricos de filme americano costumavam usar para jogar tênis em suas quadras.

*Zé* iniciou sua fala contando sobre suas vitórias e títulos nesse esporte que era completamente novo para mim, o tênis de mesa. Também contou das viagens que seriam realizadas – caso os alunos se dedicassem –, as histórias de campeonatos e todo aquele vislumbre que somente consegue sentir quem realmente integra aquele coletivo.

Rapidamente me interessei, sendo uma das primeiras coisas que contei para minha mãe quando ela foi me buscar na escola naquele dia. O preço para se tornar aluno era baixíssimo – *dez pila*, como havia sido informado ao final da palestra – e o local de treinamento era perto da minha casa. Não precisei de muito esforço para convencer minha mãe a tirar o filho hiperativo dela de casa.

Na primeira aula me foram apresentadas as raquetes e os estilos possíveis de jogo (*caneteiro* ou *clássico*). Lembro que era no último andar de um prédio antigo da cidade, onde havia funcionado uma associação de lojistas por muitos anos. O salão era enorme, com pelo menos dez mesas e um monte de alunos: meninos e meninas, sem distinção de idade ou gênero, todos jogando juntos.

Ainda nesse dia, me lembro que, ao final, eu joguei uma partida contra o *Zé*, ele estava me ensinando a praticar o *corte*, que consiste em rebater com força a bola quando o adversário lança com pouco efeito ou muita altitude. O objetivo é justamente diminuir a possibilidade de reação e conseguir marcar o ponto no jogo. As primeiras tentativas foram engraçadas, ainda cometo os mesmos erros hoje: me sobrava força e me faltava pontaria, a bola sempre acabava saindo da mesa... Conseguia acertar a barriga do *Zé*, a rede, o chão, a parede, só não conseguia fazer a bola pingar no lado adversário da mesa.

O tempo passou e, depois de alguns meses, consegui evoluir bastante no esporte,

fazer novas amizades e realmente enxergar o propósito em melhorar o meu desempenho naquilo. Justamente nessa época surgiu um campeonato regional, com sede em Juiz de Fora (Minas Gerais), uma cidade a duas horas da minha cidade natal, Ubá, oportunidade perfeita para colocar toda aquela energia em formato de competitividade. A associação conseguiu fretar um ônibus de forma gratuita e nós só precisávamos gastar dinheiro com alimentação, ou seja, não havia impeditivo para viajar.

Foram pouco mais de vinte alunos naquela viagem, gritando do começo ao final, me lembro de ter sujado a minha camisa de feijão quando paramos para almoçar, no Graal de Juiz de Fora. A mancha era grande e eu já tinha recebido o apelido de mão de alface ali mesmo, antes de começarem os jogos.

Juiz de Fora fica na região da zona da mata mineira, sendo bem conhecida pelo seu clima atípico, com amplitude térmica bem elástica e as constantes chuvas. Lembro da chuva torrencial quando chegamos, parecia que o próprio céu já estava anunciando a trovoada que estava me aguardando naquele dia.

O azar não parou de me perseguir após o almoço: o meu primeiro adversário do torneio era um rapaz mais velho e que, apesar da pouca idade, já colecionava títulos como mesatenista. Enquanto não chegava a minha vez, pude torcer para meus amigos que já estavam competindo, a nossa associação era conhecida pelo desempenho na região, sendo bastante comentada pelos adversários.

Quando chegou a minha vez, me lembro que o rapaz pediu para eu ser o primeiro a *sacar*, não se importando com a minha falta de zelo no cumprimento de todas as formalidades do *saque*. Com alguns poucos movimentos ele lançou uma bola alta, hesitei em *cortar* e decidi responder invertendo o lado da raquete para rebater a bola. Ele terminou por rebater de uma forma lenta, me fazendo ser surpreendido e lhe dando o primeiro ponto.

Depois, as coisas se transformaram: ele começou a rebater de forma veloz e a cortar em todas as oportunidades, vencendo a partida em poucos minutos. Ao perceber minha cara de espanto e frustração, me chamou para conversar e deu algumas dicas, me lembro da principal – não tenha medo de *cortar*, vai com tudo, já venci campeonatos apenas usando a força e *cortando* tudo.

Não me lembro muito sobre o restante das partidas, mas sei que, se consegui fazer um pouco mais de cinco pontos a cada *set*, provavelmente foi o meu melhor desempenho naquele dia. Porém, acho que internalizei algo que levo para a vida toda: a vontade de arriscar prevalece sobre o medo da incerteza, já que a vida é curta demais para não se permitir viver aquilo que se tem vontade.

## **Desafogo e esperança: a chamada holandesa em Itaquera: o gol que reacendeu a Fiel**

*Marcos Vinícius Santos Rodrigues Gaspar*

Na noite da última quinta-feira, 17 de outubro, o cenário era de completa tensão e o medo pairava no ar do bairro de Itaquera, extremo leste da capital paulista. Em momento delicado no Campeonato Brasileiro, o Corinthians, que havia vencido apenas seis de seus 29 jogos até então, estava afundado na zona do rebaixamento depois de ter deixado a vitória escapar no apagar das luzes da rodada anterior, no mesmo palco de agora, a Neoquímica Arena. Desta vez, o adversário era o Athletico Paranaense, rival direto na luta contra o rebaixamento, e uma nova derrota em casa seria catastrófica.

Porém, uma faísca ainda cintilava no horizonte do torcedor alvinegro. Ou melhor, cintilava uma estrela, cujo nome é Memphis Depay. Contratado a peso de ouro no meio do ano, o holandês chegou como o grande reforço para tirar o clube do buraco. Com fama global e passagens por gigantes da Europa, rapidamente caiu nas graças da fiel torcida, que, em meio às dificuldades, viu nele um salvador. Desde sua chegada, mostrou uma incrível identificação. Em campo, já havia distribuído assistências e mostrado lampejos de genialidade, mas o tão esperado gol ainda não havia saído.

No início do jogo, os mandantes fizeram dois gols relâmpagos, em menos de vinte minutos, e tudo parecia tranquilo. Uma reação igualmente veloz dos visitantes, que em dez minutos igualaram o marcador, e trouxe novamente aquela atmosfera pesada, fazendo cada curto segundo do intervalo um período de eterna aflição. O filme se repetia, os nervos ganhavam vida própria e a angústia se tornava palpável. A noite adentrava e com ela a escuridão se ampliava. Longos foram os minutos iniciais da segunda etapa até o árbitro Wilton Pereira Sampaio assinalar uma falta na intermediária.

Posicionado para a cobrança, Rodrigo Garro já havia conquistado o status de especialista em bolas paradas. Inclusive, a cerca de 25 metros, já havia salvado o time em situações semelhantes. Ao lado dele, estava Depay. E nos pés do holandês, a história. Aos nove minutos, um silêncio ensurdecedor e inabitual pousou no estádio. O tempo parecia ter congelado. E então veio o chute perfeito: a bola descreveu uma curva precisa e entrou no ângulo, sem chance de defesa. Um golaço! A explosão de alegria nas arquibancadas foi instantânea. A Fiel, que havia sofrido tanto, finalmente gritou em desafogo e celebrou o que parecia ser o começo de um novo capítulo.

Com o absoluto frenesi em Itaquera, a faísca virou labareda, que de tão intensa deu clareza ao horizonte outrora obscuro. Embalado, o time ainda fez dois gols com um futebol envolvente que há muito não se via e conseguiu sair temporariamente da zona de rebaixamento. Apito final, 5x2. Alívio e emoção. Tanto para Depay quanto para a torcida

alvinegra. Por uma noite, o Corinthians voltou a ser Corinthians. E o holandês, com seu primeiro gol, tornou-se mais que um reforço de peso: ele virou a chama da esperança de dias melhores. O rebaixamento ainda é uma ameaça, mas a partir daquele momento, com o grito da Fiel, a chama holandesa foi acesa e promete queimar.

## **A live que revelou o verdadeiro futebol para mim**

*Maria Paula Giustino Jorge*

No ano de 2020 o mundo inteiro foi atingido por uma pandemia, e como consequência nos isolamos em quarentena para evitar uma maior disseminação do vírus. Fiquei sem sair de casa por dois anos, e minha rotina morando com minha família acabou se tornando sempre a mesma coisa: dormir tarde, acordar cedo, entrar na aula online e voltar a dormir. Nesse período a grande fonte de entretenimento do povo brasileiro também foi paralisada, ficamos sem jogos de futebol por meses, e quando retornou era sem torcida presente.

Eu sempre fui uma pessoa que amou esportes, pratiquei ginástica rítmica competitivamente por dez anos, que é um esporte unicamente feminino, e por conta da carga excessiva de treinos nunca tive tempo de experimentar praticar outras modalidades de forma séria. Mas ao mesmo tempo eu sempre amei futebol, eu era a única menina jogando no meio dos meninos na escola, até que no ensino médio descobri a magia que era jogar um campeonato feminino de futsal com minhas amigas e o título do Interclasses tornou-se um grande objetivo. Foi nessa época que percebi que talvez eu gostaria de ser jogadora de futebol, mas que já era tarde demais para isso. Quando veio a pandemia e eu parei de jogar, comecei a assistir religiosamente os jogos do Brasileirão, já que tinha mais tempo livre para isso, principalmente as partidas do São Paulo, que ganhou a Paulistão em 2021 e foi um dos momentos de maior felicidade que tive durante esses dois anos quarentenada.

Nessa rotina monótona, eu ia vivendo um dia após o outro, mas foi em uma quarta-feira do mês de agosto de 2020 que muita coisa mudou repentinamente dentro de mim. Estava eu mexendo no *Twitter*, como de costume, até que vi um post sobre o Paulistão de Futebol Feminino anunciando que os jogos estavam sendo transmitidos pelo *Facebook*. Eu nem sabia que esse campeonato estava acontecendo, mas decidi entrar nessa rede social em decadência para ver qual jogo estava passando. Entrei no *Face*, cliquei na *live*, estava no segundo tempo, Taubaté e São José se enfrentavam (que num primeiro momento eu achava serem times fracos e sem reconhecimento, mas depois fui aprender que na verdade era um clássico do futebol feminino e que são times muito importantes na história da modalidade), a narração era a voz de uma mulher (Natália Lara, que hoje em dia é narradora da Globo, mas na época narrava partidas pelo *Facebook* e pelo *Twitter*), a comentarista também era mulher e no *chat* a maioria dos comentários eram incentivos e apoio vindos das famílias das atletas em campo. Quando me dei conta, lágrimas já escorriam pelo meu rosto enquanto eu assistia à *live*, minha garganta amarrou e a emoção tomou conta. Fiquei chorando no meu quarto, deitada assistindo o jogo até seu final.

Não sei explicar muito bem o sentimento deste momento que podia ser banal, mas

a combinação de todos esses elementos me tocou de forma profunda e posso afirmar com certeza que ter entrado nessa transmissão ao vivo mudou minha vida. A partir deste dia eu fui de uma pessoa que só via mulheres jogando futebol ou na Copa ou nas Olimpíadas, para alguém que acompanha tudo sobre futebol feminino. Comecei a seguir todas as páginas jornalísticas da modalidade que encontrei, Dibradoras, Planeta Futebol Feminino, Fut das Minas, páginas pessoais que falam informalmente sobre o tema. Comecei a assistir todos os jogos do Paulistão e do Brasileirão, que na época passavam no *Facebook*, no *Twitter* e aos domingos os jogos do Corinthians na Band. Fui atrás de seguir as jogadoras nas redes sociais, conhecer mais sobre elas e acompanhar a equipe feminina do meu time do coração, que só fui descobrir da existência em 2020, mesmo sendo são-paulina desde 2002.

Esse evento canônico proporcionou muitas reflexões sobre minha relação com o esporte e principalmente com o futebol. Fiquei me questionando os motivos pelos quais eu só fui descobrir com dezesseis anos, depois do Interclasses e da Copa do Mundo Feminina de 2019, com minhas amigas no ensino médio, que ser jogadora de futebol poderia ser uma opção de profissão, mas que já era tarde demais para ter isso como sonho. Comecei a me perguntar porque nunca tinha feito aula de futebol, mesmo sendo algo que sempre amei jogar, e que quando comecei a praticar com mais frequência na adolescência eu via como me faltavam bases técnicas e que se eu tivesse feito escolinha de futebol quando criança, assim como todo menino básico brasileiro, eu não teria tanta essa dificuldade. O fato de nem eu nem minha irmã termos sido levadas ao estádio durante muito tempo, por meu pai ter medo de nos levar nesse ambiente por muitas vezes hostil, mesmo ele indo sempre com seus amigos e os filhos dos amigos. Me questionei se eu fosse um filho homem, provavelmente o incentivo e introdução ao meio futebolístico teria sido completamente diferente na minha vida. Cheguei a conclusão que gostar de futebol é algo intrínseco ao meu ser. Foram reflexões sem fim, que continuam vindo à minha mente até os dias de hoje.

Portanto, escrevo essa crônica em agradecimento à *live* de Taubaté contra São José, partida pela última rodada da primeira fase do Paulistão Feminino de 2020, que mudou para sempre minha vida, me fez sentir pertencente, identificada e representada na modalidade que eu sempre amei, mas que a partir desse momento toda minha relação com meu esporte favorito foi transformada. Muito obrigada futebol de mulheres, você me fez e faz chorar de alegria.

**Foi no apito final do dia 16 de dezembro de 2012 que eu vi  
meu pai chorar pela primeira vez**

*Mariana Daderio Ricci*

Talvez eu não tenha visto os setenta mil corinthianos invadindo o Maracanã em 1976, ou ao menos tenha sentido na pele a emoção da Democracia Corinthiana do Doutor. Eu quero morrer em um domingo com o Corinthians campeão – disse Sócrates em sua mais doce epifania.

Mas no quintal da minha casa, naquele nublado 12 de dezembro, assisti extasiada o Corinthians conquistando o mundo.

Tu és orgulho! – meu pai gritou, seus olhos fixados na televisão enquanto a mais sincera lágrima escorria pelo seu rosto.

Desde cedo ele me ensinou a sofrer pelo Corinthians. Nos meus primeiros passos registrados em fotografia ele estava lá: em preto e branco, o manto corintiano. Desde então, a cada novo passo que dou, o Corinthians me acompanha.

Ano passado fui vestibulanda e em todas as provas usava uma camisa do Corinthians. A convicção de que o manto me abençoava naqueles momentos era maior que qualquer outra.

Entre provas e devaneios pensava: pode ter certeza, se houvesse um jogo da Seleção Brasileira contra o Corinthians, eu e meu pai estaríamos lá, torcendo pelo Corinthians até o último minuto da partida. Porque ser corintiano é ser um pouco mais brasileiro.

Em 22 de janeiro de 2024, vi meu pai chorando pela segunda vez. Revestida pelo manto corintiano logo às oito da manhã, entreguei-lhe a mensagem que dizia:

Aprovada.

E outra vez, eu, meu pai e o Corinthians choramos juntos. E agora quem conquistava o mundo era eu.

Tu és orgulho! – ele disse.

**Melhor do que ser bom no esporte, é um esporte que seja bom**

*Mariana Laganaro Rossi*

- Eu escolho a Carol! – Enuncia a primeira capitã.
- Quero o André – responde o outro.
- Arthur! – Prossegue ela.
- Vitão, meu artilheiro – chama o capitão, que o recebe com tapinhas no ombro.
- Fico com a Amanda.
- Legal, então Mariana vai para o time do João. Vamos aquecer! – Apita o professor de educação física.

Enquanto todos eram recebidos com alegria, sorrisos e cumprimentos, para mim restava um sorriso amarelo – por vezes, nem isso. Se você, leitor ou leitora, era a pessoa que ficava sobrando nas aulas de educação física, você sabe muito bem como é isso.

Mas esse texto aqui não é para eu me fazer de vítima, afinal não era à toa que eu era sempre a última a ser escolhida. Visto que não cortava uma jogada, era atacante com arremesso chocho no handebol, medrosa para dar uma cambalhota e lenta na corrida. Todo saque de vôlei parava na rede, e as bolas de basquete rodavam caprichosamente no aro, mas nunca entravam. Isso sem contar a falta de jeito no pique-bandeira, base quatro, taco, tênis de mesa, e qualquer jogo que meu professor inventava. Sim, minha falta de habilidade era capaz de superar a imaginação dele.

O que começou com uma falta de aptidão, se tornou também uma falta de vontade. Sendo ruim em absolutamente tudo, uma hora eu desisti. Uma hora, não, foi no começo mesmo, na segunda ou terceira série. De lá até o fim do terceiro colegial, a aula de educação física era sempre a mesma coisa: torcer para ser uma modalidade mais tranquila, ser a última a ser escolhida, começar o jogo observando e fingir ir em uma bola. Mas quando a bola, por acaso, parava em mim, aí não tinha jeito, tinha que fazer alguma coisa. Provavelmente, sempre um chute ou um lançamento errado, então ouvia uma reclamação e voltava para recompor a defesa.

Passei a faltar, torcer para chover e o professor ter que fechar a quadra, ou até comemorar um resfriado para ser dispensada de jogar. A aula que era tão esperada pela maioria, passou a ser odiada por mim.

Para não ser injusta, o único jogo em que eu me destacava era a queimada. Era sempre uma das últimas a ser eliminada. Agilidade? Boa mira? Facilidade para desviar da bola? Não, medo de levar uma bolada mesmo. O medo era tão grande, que me fazia ficar rápida, atenta, flexível e até, veja só, recuperar a bola e fazer bons lançamentos.

Na época eu não percebi, mas isso era um pequeno sinal que eu ainda gostava de

esportes. Se praticar passou a ser algo cada vez mais distante, deixar de assistir e torcer nunca foi uma opção. Futebol, tênis, lutas, skate, surfe: cada modalidade que descobria era um novo vício para acompanhar, novos atletas para admirar. E, também, uma vontade de praticar.

Já adulta me dei algumas novas chances. Se os esportes coletivos me incomodavam por ser a última a ser escolhida, fui para os individuais. Retomei minha grande paixão, a natação. Senti frio na barriga misturado com liberdade descendo a rua de skate, me vi forte praticando taekwondo. Depois de tanto tempo, voltei a me divertir com o esporte, igual quando era pequena, bem antes da escola, e gostava de pular corda e chutar bola com meu irmão. No fim, não é sobre precisar ser boa em um esporte, como eu achava nos tempos de escola, mas é sobre achar um esporte que seja bom para você.

**Nem sempre um empurrãozinho é bom***Mateus Fernandes dos Santos*

Escrever muitas vezes é difícil porque lembrar é difícil. Por exemplo, lembrança mais antiga, ou ao menos que acho ser a mais antiga, que eu tenho de esportes, é marcada por um momento que transcendeu a simples competição: o episódio de Vanderlei Cordeiro de Lima nas Olimpíadas de Atenas, em 2004.

Vanderlei, maratonista brasileiro, liderava a prova quando, inesperadamente, foi empurrado por um espectador, mais precisamente um padre irlandês, que invadiu a pista. Vanderlei se reergueu e continuou a correr, chegando em terceiro ao invés de em primeiro, posição que estava antes do empurrão. Por muito tempo eu achava que ele mesmo assim tinha chegado em primeiro, acho que só em 2012 me foi empurrada a informação de que a medalha foi bronzeada, não dourada. Olha como a memória é falha...

Porém escrever é muito diferente de correr uma maratona. Para escrever crônicas definitivamente eu agradeceria um empurrãozinho. Nessa aula será que não tem nenhum padre não?

## Mostra tua força Brasil

*Matheus de Oliveira Ribeiro*

Há dez anos atrás, em uma terça-feira mais do que especial, dia 8 de julho de 2014, seria aquele dia que poderia comemorar duas grandes ocasiões: o aniversário de minha tia e, na minha cabeça na época, a clara classificação do Brasil à final da Copa do Mundo que estava sendo sediada em nosso país.

Eu, que nesse período da vida tinha apenas nove anos de idade e estava totalmente entusiasmado com o que o time que vestia a Amarelinha poderia alcançar – e que havia recém descoberto toda a tradição, peso e história da Seleção Brasileira no cenário do esporte que mais amo, o futebol –, estava super animado. Não apenas por poder assistir mais um jogo da Canarinho junto com minha família, o que sempre foi um *show* a parte, mas também por ser uma ocasião em que haveria uma grande confraternização com vários de meus parentes para comemorar a data festiva. Era a chance perfeita de criar ótimas memórias: comer boas comidas, brincar com meus primos e dar diversas risadas com histórias de meus familiares – como de costume –, e comemorar mais uma vitória do Brasil.

Chegando no momento em que todos estávamos reunidos, lembro-me de que todos comentavam que o nosso adversário, a Alemanha, não era algo para se preocupar. Alguns alegavam isso baseado no histórico de confrontos entre os dois times, no desconhecimento do oponente ou até pela ilusão que todo o evento mundial produz no povo.

Nos últimos momentos pré-jogo, nossa empolgação chegou em um ápice: cantávamos o Hino Nacional praticamente em uma única voz, em um volume altíssimo, ficamos emocionadíssimos com a homenagem da equipe a Neymar, principal jogador daquele time, ausente naquele jogo. Mesmo sem ele, contávamos que seríamos vencedores.

Apesar de toda a empolgação, um balde de água fria foi jogado em nós logo aos onze minutos: Müller, lenda do futebol alemão, abre o placar para eles em jogada de escanteio. Ainda havia esperança de reação, porém, se o abalo na torcida foi grande, o impacto sentido pelos jogadores foi maior ainda. A Seleção praticamente não conseguia jogar e era questão de tempo para a desvantagem ser ampliada.

Dito e feito, doze minutos depois, o placar foi para 2x0, e, pior ainda, em um intervalo de seis minutos, o Brasil tomou quatro gols. Até o terceiro gol, a festa de família virou um velório, toda animação havia sido em vão, isso ainda no primeiro tempo. No entanto, depois que a evidente derrota se tornou uma goleada, o clima fúnebre foi substituído pelo bom humor, no melhor estilo *rir pra não chorar*, o que foi suficiente para reanimar a festa.

O pessoal xingando os jogadores, minha avó chamado o Hulk de “bundudo” e todos fazendo uma paródia com tom cômico-trágico com a música Mostra tua força Brasil, que foi

altamente veiculada em propagandas durante a Copa, são momentos que nunca saíram da mente e sempre me fazem soltar um riso.

Com tudo isso, e no placar ainda 5x0, decidimos cantar parabéns durante o intervalo para aproveitar a pausa no entretenimento. Os gols seguintes, dois deles e um nosso, foram igualmente comemorados, na realidade, não poderíamos nos importar menos com a Copa naquele momento. Isso fez com que, no fim, uma das maiores tragédias do esporte brasileiro se tornasse uma bela história de família.

## Um simples Interclasses

*Nathan Alvon D'Agostino*

A adolescência não é só composta pelo auge dos hormônios, mas principalmente pelo ápice das emoções, e o esporte é capaz de levá-las ao limite. Lembro do dia em que participei do meu primeiro Interclasses na escola, um evento que vários alunos participaram e até os pais assistiam. Meu time não era favorito, muito pelo contrário, grande parte dele nem sabia jogar futsal. Eu era o que melhor sabia jogar, junto com a goleira (não, você não leu errado, eu apenas me descobri homem trans algum tempo depois desse torneio). Uma outra turma tinha a Bia, que jogava muito melhor que eu e qualquer uma do meu time, além de várias que jogavam bem. Não tínhamos nem a maior capacidade técnica, nem o melhor físico. Possuímos apenas muita vontade e um sonho.

Naquela noite de clima ameno em uma quarta-feira, o ginásio parecia um inferno de tão quente, não sei se pela quantidade de gente para o espaço ou pelo meu nervosismo. Batemos o primeiro time por 2x0 sem muito sufoco e a final seria contra elas: o sétimo D que tinha a Bia que jogava melhor que meu time todo e várias outras que jogavam bem. Ninguém acreditava que podíamos ganhar, e olhar para as adversárias parecia desmotivador e assustador.

A final começou e o jogo estava disputado, com vários chutes em canelas e rodinhas em cima da bola, até que a Bia fez o primeiro gol com cinco minutos de jogo. A torcida delas gritava e me subia um nervosismo desproporcional. O jogo recomeçou e elas apresentaram superioridade, porém, em um erro de recuo da defensora Sthefany, nossa pivô roubou a bola e deixou tudo igual, 1x1. A explosão foi inevitável e comemoramos muito junto à torcida, lembro de ver todas as minhas companheiras sorrindo e se abraçando.

No intervalo conversamos e nossa goleira Jéssica puxou o discurso. Disse que estávamos empatando com um time em tese muito melhor que o nosso. Isso queria dizer que aquela era a nossa chance, e gritou com força – vamos ganhar hoje, AGORA.

Voltamos para o segundo tempo com mais garra e vontade, mas infelizmente o intervalo não fez bem apenas para nosso time, mas como para o delas também. O jogo ficou muito mais pegado e com chances de gols. Após um escanteio, Bia roubou a bola em um contra ataque e ficou cara a cara com nossa goleira, marcando o 2x1. Lembro de querer chorar naquele momento, mas fui dar a saída no meio e voltamos a tentar. Nisso dei dois chutes para fora e, pouco depois, em uma jogada pela ala, elas cruzaram e Susan, pivô delas, fez o gol, 3x1. Faltavam apenas sete minutos para o jogo acabar e o desespero era grande.

Demos a saída com pressa e corremos para o ataque sem sucesso. O tempo passava e o desespero aumentava, até que conseguimos um lateral no qual a bola foi para a área e eu fiz o gol, 3x2.

Faltavam apenas três minutos para o fim do jogo e elas, mesmo ganhando, foram pra cima, deixando a defesa exposta. Recebi a bola sozinho e avancei até chutar, mas logo me arrependi pois havia chutado fraco e no meio. Entretanto, contei com uma grande pitada de sorte em um frango colossal da goleira adversária, 3x3. Comemoramos muito e eu gritei igual louco, agora é segurar até os pênaltis, e conseguimos.

O jogo ia para as penalidades e um clima de tensão era tanto que quase não falamos antes da disputa. A primeira cobrança era delas, e Bia bateu e converteu. Acertamos nossa primeira também. Todos os pênaltis haviam sido convertidos e chegou o momento da última cobrança delas, eu não conseguia me mexer e estava completamente vermelho de tão nervoso. A goleira delas foi, bateu e isolou. Comemorei, sabia que eu tinha a chance da vitória agora. Fiz o caminho do meio até a marca do pênalti sem pensar em nada, posicionei a bola e bati. GOL! Acabou e nós ganhamos, começamos a correr de um lado para o outro de tanta felicidade. Gritamos ao mesmo tempo que nos abraçávamos.

Poucas vezes depois senti uma emoção tão grande na vida. O favoritismo do sétimo D havia ficado só no papel e nós havíamos conseguido. Naquela quarta-feira, aprendemos as maiores lições do esporte: acreditar e, acima de tudo, persistir.

Aquele simples Interclasse em uma escola de bairro não me fez jogador de futsal, longe disso. Entretanto, deixou-me uma das melhores emoções e mostrou uma base de vida sobre como construir histórias marcantes.

## Louco por ti, Corinthians

*Nicoli Fernandes Reis*

O ano era 2012. A expectativa era palpável, e o ar carregava a tensão de uma final histórica. O Corinthians estava prestes a disputar o título Mundial de Clubes, e eu fingia não me importar, tentando esconder a excitação que crescia em mim. O Todo Poderoso Timão estava a um passo de conquistar mais um título grandioso, e eu não queria deixar transparecer o quanto aquilo me afetava.

– Se o Corinthians ganhar, eu viro corinthiana. Mas a cada gol, você me dá cinquenta reais, pode ser? – Provoquei meu pai, que estava com os nervos à flor da pele. Ele, evidentemente mais preocupado com o desenrolar do jogo do que com qualquer outra coisa, aceitou a aposta sem pestanejar.

– Pode ser – ele disse. Naquele momento, qualquer aposta que envolvesse a vitória do Corinthians parecia válida para ele. O que ele não sabia é que, no fundo, eu já era corinthiana há muito tempo. Sempre soube que o Corinthians não era apenas um time de futebol, mas um sentimento. Era uma paixão silenciosa, um pedaço adormecido do meu coração que, aos poucos, começava a despertar.

Quando era criança, eu dizia que era são-paulina só para provocar. Gostava de ver a reação do meu pai e do meu irmão. Eles se entreolhavam e, por um momento, acreditavam. Mas, no fundo, eu sabia que não era verdade. Eu sabia que o Timão era o maior.

Naquele dia, estávamos todos reunidos na garagem de casa. Era uma garagem simples, sem reboco, e com uma televisão pequena. Minha mãe comandava o churrasco, mas ninguém ousava desviar os olhos da tela, principalmente eu e meu pai. Estávamos focados demais em Emerson Sheik e em cada lance decisivo daquele jogo.

E então, aconteceu. O gol de Paolo Guerrero. Parecia que o mundo inteiro havia parado por um segundo, e depois explodido em euforia. Aquele gol atravessou continentes, fazendo tremer até o outro lado do mundo. Meu pai, em sua costumeira reação a qualquer gol, independente do campeonato, aumentou o volume da televisão no máximo e correu para me dar um abraço. Mas aquele abraço foi diferente.

Naquele instante, algo mudou entre nós. Eu senti pela primeira vez o que significava compartilhar o mesmo sentimento com meu pai. Nunca fomos muito próximos. Nossa relação era mais silenciosa, sem muitas palavras ou demonstrações de afeto. Mas, naquele momento, naquele abraço apertado, eu senti que o laço entre nós tinha se fortalecido. Era como se, finalmente, algo dentro de mim tivesse se conectado com ele de uma maneira que antes eu não conseguia compreender.

Esse laço era preto e branco, alvinegro, como o *bando de loucos* que atravessou o mundo pelo Corinthians. Naquela época, muitos chamavam de loucura, mas hoje eu entendo. Entendo perfeitamente o que é ser louca por um time.

Minha relação com meu pai, até os meus dez anos, era distante, quase formal, como os mais reservados japoneses. Nós não conversávamos muito, e os momentos juntos eram mais silenciosos do que qualquer outra coisa. Mas o futebol, o Corinthians, mudou tudo. Hoje, nossos encontros são repletos de gritos de – *Vai Corinthians!* – e de uma animação que eu nunca poderia imaginar antes. Vamos juntos ao estádio, vibramos, sofremos e comemoramos. O Timão nos uniu de uma forma que só o futebol consegue fazer.

Ao Corinthians, que me escolheu, eu só posso dizer – Louco por ti, Corinthians.

## Do meio da quadra

*Paula Tiemi Gusukuma Turuda*

O ano era 2012. A expectativa era palpável, e o ar carregava a tensão de uma final históO futsal sempre foi mais que um esporte para mim. Era um refúgio, um espaço de amizade e alegria na faculdade. Mas, em um momento complicado, toda aquela paixão que me fazia esperar ansiosamente pelos treinos se transformou em um campo de pressão. O que antes era diversão, agora tinha se tornado cobrança.

Ficava estressada se eu não acertava um passe, se não conseguia tirar a bola de alguém, se algo não dava certo. E acabei me cobrando muito pelo resto do ano, nunca estava contente com meu desempenho. Comprei uma bola e comecei a treinar em casa, os algoritmos do meu *Instagram* só me mostravam vídeos de futsal. Ocupava muita parte do meu tempo pensando nisso e me frustrava muito que, mesmo com todo meu esforço, eu não havia feito um gol sequer no ano. Toda noite anterior ao dia do jogo, eu já esperava que eu fosse fazer um gol, que fosse fazer tudo certo, ficava ansiosa, sonhava até. E nada, jogava mal, minha cabeça a todo momento me cobrava, querendo fazer um gol. Parecia que o jogo estava tanto na minha cabeça, que eu nem sequer estava lá de fato.

Então, acabei transformando o lugar que tanto me fazia bem e que eu tanto me divertia, em um lugar de cobrança, de estresse e frustração. Decidi me afastar do time pois aquilo estava me fazendo muito mal. Iria participar pela última vez do Interpsico, campeonato entre algumas das faculdades de psicologia de São Paulo, e depois sairia do time.

Chegou o Inter, e o primeiro jogo, já era a semifinal. Naquele dia, diferente dos outros, entrei em quadra leve, sem a pressão de fazer tudo certo, estava feliz de estar lá e animada para jogar um dos meus últimos jogos pelo time. O juiz apitou. A nossa pivô roubou a bola no meio da quadra, ela sobrou para mim, não tem ninguém me marcando, o gol estava aberto. Eu não pensei, simplesmente chutei de maneira despreziosa, um chute meio capenga, rasteiro, em que a goleira até chegou a defender, mas a bola escapou e passou no meio de suas pernas. O juiz apitou novamente, 1x0 para a gente. Nem eu acreditei naquilo, gol do meio da quadra nos primeiros dez segundos do jogo. Lágrimas caíram do meu rosto de tanta emoção. Foi como um peso tirado das minhas costas. A felicidade de fazer um gol, e não qualquer gol, mas aquele, em um momento tão especial, me fez perceber e relembrar o meu sentimento pelo futsal. Ganhamos o jogo. Na final do campeonato acabamos não sendo as campeãs, ficamos em segundo lugar, mas ainda assim muito felizes. Era nossa primeira medalha em anos competindo nesse campeonato.

Com toda essa emoção do *Inter*, e com meu sentimento ressignificado, decidi dar mais uma chance pro *fut*. Agora, não tem um treino que eu não dê risada quando chuto quase pra fora do CEPE, uma queda feia que eu não dê risada, uma caneta que eu tome que eu não ria e fique feliz pela minha amiga que me driblou. Hoje, quando estou em quadra, já não

me preocupo em só fazer gols. Aprendi a valorizar cada momento, cada jogada. A frase que sempre ouço – *não é o fim que importa, e sim o caminho que te levou até lá* – agora tem mais sentido. No futsal, é o que vivemos ao longo dos quarenta minutos em quadra que realmente importa, e não o placar final. Não é sobre ter feito ou não um gol. E isso, por si só, é um gol que vale a pena comemorar.

## Memórias de cloro e afeto

*Palloma Pyetra Rocha de Sousa*

Não chovia fazia semanas. Enquanto andava para casa, eu reconhecia esse fato. Quase que de maneira cômica, o tempo parecia querer me contrariar, enchendo o céu de nuvens que logo estariam carregadas para desabar. Quando o tempo está seco assim, sinto falta da umidade, do cheiro que a chuva provoca ao tocar a grama e o chão quente, do sentimento de passagem e acolhimento que se instala. Mas, quando a chuva finalmente vem, nada mais ocupa a minha mente além das memórias.

Enquanto eu andava pela rua, contemplava as árvores, e, a cada passo que me aprofundava nesse caminho molhado e ainda quente, as imagens ganhavam continuidade. Eu ia entrando naquele lugar que não me vinha à mente havia meses, entrando naquele grande espaço cercado por barulhos e gritos externos. Concentrava-me nos meus pés se tornando molhados no chão gelado, no cheiro de cloro que invadia meus sentidos, no meu cabelo sendo pressionado pela touca rígida e no frio que sentia antes de finalmente entrar na piscina para começar minha aula de natação semanal.

Eu adorava nadar, era um dos melhores momentos da minha semana. Chegar em casa da escola e rapidamente pegar um táxi, acompanhada das minhas irmãs mais velhas e da minha avó, fazia parte de uma rotina corrida e um pouco caótica, mas que se tornava divertida. Claro que não pensava exatamente assim naquela época, talvez porque tinha apenas uns dez anos? Enfim, quando chegávamos   academia, era sempre um malabarismo sem fim, que começava com a minha avó arrumando minhas irmãs para o balé, enquanto eu ia praticar judô. Inicialmente, minha mãe me colocou também no balé, mas eu não era uma criança muito... graciosa, por assim dizer, e logo decidi que queria tentar algo diferente, o judô.

Depois desse primeiro momento de aula, a parte mais esperada por mim chegava, e o malabarismo continuava: cada uma de nós se trocava, colocando os mai s e as toucas, essas que sempre eram a parte mais difícil, já que o tecido se prendia em nossas testas. Então, minha avó se certificava de que todas estávamos prontas, fechando nossos respectivos roup es, e assim começava nossa caminhada para a área das piscinas.

Quando estávamos prestes a entrar naquele lugar, sentia algo diferente, como se meus sentidos estivessem aguçados, talvez pelo frio que percorria meu corpo até minhas mãos, que se encontravam grudadas cada uma em uma das minhas irmãs. Então, minha avó nos abraçava e nós passávamos por uma pequena porta que nos levava para a área das piscinas. Rapidamente, elas seguiam para uma piscina diferente da minha, enquanto eu continuava caminhando até encontrar minha professora. Quando penso nesses momentos, o que mais me recordo é desse sentimento externo: da umidade, do cloro, do frio, mas também no meu cora o, que se enchia de um sentimento de fraternidade, de amor genuíno, de tranquilidade por estar perto daquelas pessoas e de uma ânsia pela diversão que estava por vir.

Após cinquenta minutos, minha aula acabava, e uma nova ânsia começava, aguardando pela próxima. Mas, antes que esse sentimento tivesse tempo de se alastrar, ele era interrompido pelo beijo que minha avó nos dava, e lembro disso vividamente, porque ele transmitia uma sensação tão quente quando encostava em minhas bochechas molhadas e frias. Sinto falta desse sentimento, sinto falta desses dias, sinto falta da minha avó. Mas, apesar de ser triste não poder reviver esses momentos, eu gosto de ter essas lembranças e ser capaz de lembrá-las tão vividamente, porque, em parte, são elas que fazem o esporte ter um lugar tão especial na minha vida. Não pelo sentido literal e material dele, mas pelo o que ele carrega individualmente em cada um de nós.

$$F = G*(M*m)/d^2$$

*Quintas dos Santos*

Desde que me conheço por gente, gosto de esportes. Esse gosto se manifesta desde o hábito de colecionar assiduamente o álbum da Copa do Mundo a cada quatro anos até a disposição de acordar às cinco da manhã para assistir a uma partida de *curling* do Brasil contra a Romênia. Mesmo sem saber exatamente onde fica a Romênia ou que diabos é *curling*. Mas foi naquele domingo, em um dos invernos mais quentes de minha vida, que eu senti que entendia o real significado daquilo tudo.

O dia mal começa e eu já estou atrasado. Mas atrasado é uma condição que eu sempre tive, nada que mudasse minha rotina. Levantar, jogar uma água gelada no rosto, vestir o uniforme e beijar a minha namorada. Correr até o metrô, correr na baldeação, correr para alcançar o ônibus que acabou de sair. E xingar baixinho na sua ausência. Olhar o relógio, olhar o ponto vazio, voltar a olhar os ponteiros e ver que estes são campos de futebol à minha frente. Assim, percebo que, embora agora eu esteja parado, a vida é movimento. Não tenho tempo de completar o pensamento antes que chegue o próximo ônibus; golpe de sorte que comemoro fechando o punho e, apostando corrida contra o ponteiro, subo no veículo.

Quando chego ao clube, ponho-me novamente a correr. Desamarro os tênis e amarro as chuteiras, tão dignas que queria trajá-las ao longo de todo o caminho. Isto é, se não tivesse fibromatose plantar e não precisasse usar constantemente sapatos com uma inclinação no solado. Encontro o resto do time reunido na quadra externa. É um domingo de Sol e parece que o mundo inteiro ainda não acordou, salvo aqueles que estão ali. Existe uma irmandade secreta entre todos os que pulam da cama logo cedo em um domingo de Sol e decidem se banhar na sua luz. Algo que os corredores, os dançarinos e os jogadores de futsal sabem. Como se o mundo todo fosse vida. Como se o mundo todo fosse nosso.

O técnico, com seus olhos claros franzidos pelo Sol e um sorriso travesso cortando os lábios, realiza um de seus discursos de mil palavras, mas algo está diferente. Não sei apontar exatamente o quê. Então, somente escuto atentamente suas palavras. Lucas faz uma retrospectiva do que foi nosso ano e do que foram os anos anteriores também. Memórias de que não compartilho porque sou o integrante mais novo do time e porque não faz muito mais de um mês que decidi começar a jogar com eles. De qualquer forma, deixo a nostalgia me envolver, como se vestir esse uniforme alterasse a minha história e me colocasse construindo também esse passado e, por meio dele, o nosso presente.

Em seu discurso, ele nos conduz àquele tempo em que o time dava os seus primeiros passos e salienta o que é importante no jogo, porque uma competição não deixa de ser um jogo que, quando éramos crianças, era sinônimo de brincadeira. Um significado que, com o correr dos anos, deixamos de acessar. Pés com pés, isto é, chuteiras com chuteiras, o calor das mãos sobre o material sintético das camisetas e o mais alto silêncio matinal: cada elemento

compondo o plano de fundo da sua fala. Minutos antes de um jogo, sabemos muito bem que iremos perder. Contra a certeza dessa derrota, agora, surge a possibilidade de diversão, algo pelo qual vale a pena lutar, ou melhor, jogar.

Entramos na quadra coberta e meus olhos levam alguns segundos para se acostumar. Nossos oponentes já encheram dois bancos e o chão ao redor deles. Enquanto isso, nosso time usa com folga apenas um banco. Só tenho tempo de cobrir meu *piercing* com esparadrapo antes de o jogo começar. Jogamos com firmeza, mas não demora muito para levarmos um gol, dois, três... Quatro e já estamos no intervalo. Nesse ponto, a vitória já estava tão longe que mal podíamos vê-la em nossos sonhos. E, então, alguma coisa aconteceu. No segundo tempo, entramos em uma formação pouco usual e decidimos tentar fazer tudo o que estávamos evitando fazer até aquele momento.

Ficamos mais agressivos e nos expusemos. Levamos tantos gols que eu parei de contar no seis. M.S. descobriu o quanto gostava de cometer faltas e empurrar todo mundo. J.B., que havia se lesionado no jogo anterior, começou a latir do banco de reservas. Nosso técnico gritava para que nos jogássemos no chão, pedindo falta ao alcance dos ouvidos do juiz. Alcançamos um estado em que a quantidade de gols, mesmo numerosa, não dizia muito. Como se fôssemos crianças, o placar era só um conjunto de números que não compreendíamos e, sendo assim, não poderia afetar nossa moral. Como o enorme montante de dinheiro na receita de uma grande companhia ou quando nos contam sobre o tamanho de Júpiter: os números não diziam respeito a algo entendido como real. Éramos livres. Livres para muitas coisas, mas, sobretudo, livres para nos divertir.

Quando o juiz apitou pela última vez, os sorrisos em nossos rostos ultrapassaram em muito os de nossos adversários. Juntos, atravessamos uma portinha nos fundos da quadra e deixamos o Sol nos banhar mais uma vez. Sentamos em roda e desamarramos as chuteiras, deixando as caneleiras caírem no chão e, de alguma forma, estávamos em paz. Conversamos sem parar sobre os latidos, sobre as falsas faltas e sobre o placar. A súmula dizia que o jogo terminara em doze a um. Nunca vibrei tanto como quando marcamos esse gol, como se ele fosse o único do jogo inteiro.

O técnico tornou a falar, mais uma vez. Agora, sobre o futuro, algo que, mesmo sem os significados imbuídos nas meias pretas e nos tênis de futsal, eu posso compartilhar. Falou também e, principalmente, sobre vínculos. Sobre a beleza de jogar em um time pelo gosto de jogar. Olhando para os rostos orbitando à minha volta, pensei que a bola, como um corpo celestial, criara um relevo no campo gravitacional que acabou por nos aproximar. Senti que não conhecia aquelas pessoas mais do que conhecia o seu desempenho em quadra; se eram rápidas ou não, se sabiam chutar. Mas será que são coisas tão diferentes assim? O campo de forças que se enfrenta em uma quadra não é o mesmo que rege as nossas vidas? Não tive tempo de responder tais considerações, porque, em um instante, o mundo inteiro se calou e não pude ouvir nada além da voz de Lucas anunciando que iria ser pai. Senti os meus olhos se encherem de lágrimas quando, finalmente, entendi.

## Caráter esportivo puro

Rafael Andrade

A identificação com o esporte para uma criança comum que nasce em alguma das cidades do nordeste brasileiro acaba por ser bastante limitada. Geralmente, a experiência toma um entre dois caminhos. Ou você é corrompido pela gigante massa de torcedores rubro-negros, que em sua maioria são formados por simpatizantes do *não gosto tanto de futebol, mas torço para o Flamengo* (que, graças a Deus, não foi o meu caso). Ou você se vê participante de um grupo que nunca se sentirá tão pertencente quanto os flamenguistas aparentam ser. Aconteceu comigo quando eu dividia minha atenção por um time da minha cidade que, até então, nunca tinha sentido o cheiro da segunda divisão nacional – um clube cearense que meu pai me ensinou a torcer, mas que também nunca me causou frio na barriga ao entrar em campo – e a uma sociedade esportiva italiana, com uma história que me encantava de A(demir da Guia) a Z(é Roberto), mas que jogava a mais de dois mil quilômetros da minha cidade.

A seleção brasileira conseguia a façanha de preencher um pouco tal vazio. Apesar de eu ter nascido um ano após a nossa última grande conquista. E apesar de uma das minhas primeiras memórias futebolísticas vívidas ser o beliscão que dei em mim mesmo após Júlio César tomar o gol de Khedira, marcando o quinto gol alemão em trinta minutos. O 3x0 de 2013 contra os espanhóis me provou que eu pertencia a algo muito grande, e conseguia sentir isso.

Portanto, quando soube que iria aos Jogos Olímpicos do Rio, já me imaginei sentindo o êxtase de ver no estádio o troco, com sabor de vingança, que seria conduzido por Neymar na conquista do primeiro ouro olímpico. E essa expectativa foi quebrada e revertida em enorme chateação ao saber dos planos do meu pai. Com o discurso de *sentir a emoção mais pura das Olimpíadas*, tínhamos ingressos para os primeiros quinze dias de evento, sem chegar perto das fases finais de qualquer esporte dito *relevante*, e com a promessa de que eu e meus irmãos amaríamos assistir a esportes diferentes, como hipismo, *hockey* na grama e golfe. Fala sério. Tinha certeza de que o próprio Pierre de Coubertin apoiaria minha chateação.

Após anos daqueles jogos, digo sempre que meu pai acertou precisamente em sua estratégia.

Não posso e nem vou mentir para você, leitor. As partidas de golfe eram, de fato, cansativas de serem acompanhadas *in loco*. O hipismo foi, de fato, uma das coisas mais entediadas que já presenciei em vida. E eu, de fato, não me animava tanto ao saber que a única partida de futebol que acompanharia seria o Brasil feminino enfrentando a China (mal sabia eu que dali a uns oito anos, as meninas me dariam mais esperança de ganhar algo relevante do que os homens).

Apesar disso tudo, acredito que muito do meu caráter esportivo, e, conseqüentemente, da minha identificação ao esporte em geral, nasceu torcendo para o *rugby* brasileiro contra

os gigantes (em tamanho e em peso, mais do que em relevância) americanos. Lembro do meu sorriso pela experiência de sermos derrotados por um placar que, se minha memória não falha, não foi menor que 26-0. O resultado não tiraria o brilho de ter apostado dois reais com um americano gente fina sentado ao meu lado. O brilho, óbvio, não veio de ter perdido a aposta. Veio de ter recebido, após ter sido obrigado pelo meu pai a pagar a aposta – moldando não apenas meu caráter esportivo –, um broche com umas águias, bandeiras dos EUA e um escrito – *Federal Bureau of Investigation: Mission Brazil 2016*. Tinha acabado de fazer amizade com um agente do FBI à paisana. Certamente contarei essa história aos meus filhos.

Certamente, hoje, não trocaria ter assistido a apenas um jogo da seleção brasileira de futebol, que tanto sonhava, pelos quinze esportes diferentes nos primeiros dias de vila olímpica carioca. Mesmo que fosse a final da cobrança de falta de Neymar ou da defesa de pênalti de Weverton (esse acabou me fazendo feliz muitas outras vezes no futuro). Todos assistimos a esse jogo ao vivo, do estádio ou do sofá. E convenhamos que todos sentimos o ouro inédito com intensidade parecida. Mas duvido que alguém (além das pessoas que ali estavam) tenha sentido o que é ir ao Nilton Santos para assistir o atletismo, tido como mais um esporte *tanto faz* por mim, e presenciar a última corrida do Usain Bolt antes de sua aposentadoria, encerrando sua carreira com chave de ouro. Ou melhor, medalha de ouro. A sua última comemoração icônica, de braços abertos após cruzar a última linha de chegada, foi em frente ao setor em que eu estava. TV nenhuma causaria o que senti.

Hoje, agradeço meu pai e faria o mesmo pelos meus filhos. Hoje, reconheço que o esporte é mais do que se sentir pertencente a algo já grandioso, que te traz mais alegrias do que tristezas. O esporte está na esperança de superação a cada momento. Essa foi a semelhança intrínseca que, graças ao meu pai, consegui notar em mais de quinze modalidades. Todas muito distintas uma da outra. Mas todas, esporte.

Voltando ao futebol, quis o destino que, no início da adolescência, tal limitação no futebol me deixasse assim como deixei Aracaju para morar na selva de pedras brancas, cinzas e pretas, mas que, para mim, representava um horizonte verde como a esperança imponente ao prélio que não tarda.

Não me surpreendo quando desisto de lutar contra o sono em mais um jogo de meio de tabela do Palmeiras que, no momento, não vale nada, para ver outros esportes que eu poderia conhecer mais. Obrigado, pai.

## Bando de loucos

*Rafael Braz Dourador*

Certo domingo, estava na casa de um amigo muito apaixonado pelo seu time do coração. Conhecíamos-nos desde a infância e eu já me sentia parte da família. Tias, tios, mãe, pai, avó, irmão, primos... Estavam todos animados para o *jogo do século*. Eu não entendia muito bem o que era tudo aquilo. Eles pareciam todos muito exagerados, muito esperançosos, quase como loucos. Decidi ficar para ver a tal partida histórica.

Perguntei para o vô Elias por que aquele era um jogo tão importante – ora, já faz mais de uma década que não chegamos aqui. É a nossa melhor chance! O futebol está mudando, estamos ficando para trás. Se não vencermos hoje, talvez não venceremos mais – disse ele. Pelo que eu entendi, era o improvável contra o colossal, Davi contra Golias, os 300 de Esparta contra os persas. Mas, mesmo assim, era de expectativa e confiança que se enchiam aqueles peitos alvinegros. Acordaram cedo, acenderam suas velas, posicionaram a imagem do santo guerreiro na mesa, vestiram seus melhores uniformes e estenderam a bandeira de uma ponta a outra na janela.

A carne já esquentava na grelha, a cerveja já gelava no *freezer*, e a torcida caseira já se acomodava no sofá. Enquanto isso, do outro lado do mundo, uma multidão de apaixonados também fazia barulho. Teve quem vendeu o carro para estar lá – dizia tio Beto. E eu só pensava – que tipo de amor é esse que enlouquece? Que nada mais importa? – de fato, eu estava longe de entender tudo aquilo...

Foi quando a bola rolou que a coisa se agravou. A casa virou um verdadeiro furdunço. Era gente gritando, crianças chorando, a televisão no último volume, e aqueles 22 em campo correndo atrás da redonda. A cada lance, um pulo do sofá, uma cerveja que espirrava e um desabafo que saía. Aos dez do primeiro tempo, os brasileiros já sofriam com a pressão europeia – era uma verdadeira artilharia contra o gol. Eis que surgia, a cada bola atirada, uma tremenda barreira humana, um *gigante*, como bem dizia o narrador.

O negócio foi ficando sério, a ponto de deixar a casa em total silêncio. Havia poucos segundos de paz aos brasileiros: as bolas escapadas em contra-ataques, mas que acabavam longe da meta adversária. Parecia que, uma hora ou outra, o fim seria inevitável. O outro lado parecia implacável. Não tinha sossego. Finalmente, um apito mais longo: era o fim do primeiro tempo, e ninguém havia marcado ainda.

Estavam todos irreconhecíveis, assustados, sem reação. Porém, no fundo, sabiam muito bem o jeito que aquele time jogava. Um a zero é goleada – falava tio João. Ele, que muito entendia de futebol, pois fora campeão três anos consecutivos da Taça-Raíz, como era chamado o campeonato do bairro. Depois de uma golada na *gelada*, lançou seus olhos sobre

a rua e completou – hoje é dia de festa na favela. No intervalo, os comentaristas falavam otimistas sobre as chances do time. Parecia que o mundo era alvinegro naquele momento. Só mais tarde eu entendi que, na verdade, eram eles contra tudo e contra todos. Tinham que ter sangue nos olhos, tinham que ser muito loucos.

Todos no sofá novamente, era o reinício da partida. Parecia um retrato fiel da primeira etapa, o pesadelo não tinha fim. Tia Célia não aguentou a ansiedade e foi para o quarto rezar. Os deuses do futebol devem tê-la ouvido, pois a coisa começou a melhorar para o Time do Povo. Na metade do segundo tempo, um lance memorável: um corte do meio-campista, chute bloqueado, a bola sobe e encontra a testa de um peruano com nome digno da situação: o *guerreiro* da fiel torcida balançava as redes europeias e levava a alegria ao rosto do povo brasileiro (ou parte dele).

Foi nessa hora que eu vi meu amigo em seu melhor estado. Ele abraçava a esposa, os filhos e até sua mãe. Não parecia o mesmo Pedro de um dia atrás, chorando nos fundos da fábrica em que trabalhávamos, preocupado com os meses de aluguel atrasado e os meses para pagar pelo tratamento de seu pai. No dia seguinte, os problemas estariam lá do mesmo jeito, mas, naquele momento, nada mais importava. Os fogos e os gritos eram seu acalento.

Dali em diante, foi um *show* de emoção. Ninguém mais conseguia ficar sentado. Todos gritavam e vibravam a cada ataque europeu desperdiçado. *Bola para o mato!* – falava Pedro. Quando a incansável defesa não bastava, estava debaixo das traves o grande herói do time para impedir o gol. A catimba sul-americana minava a paciência europeia e o jogo foi ficando mais quente. Fechou o tempo – dizia o narrador.

Faltando três minutos para o fim da partida, uma bola foi lançada na área alvinegra. O até então invencível goleiro não alcançou a bola, e o atacante adversário cabeceou para o gol. Foram os segundos mais angustiantes na casa. Um silêncio momentâneo tomou conta do espaço, os olhos já se enchiam de lágrimas e os rostos iam perdendo as cores. O mundo parecia desabar. Eis que ergue-se ao vento a bandeira da paz, a bandeira da salvação, o glorioso pano quadriculado indicando irregularidade no lance: o jogador estava impedido. Foi o golpe final, o balde de água fria que mataria de vez as esperanças do time de azul. Não havia tempo para mais nada. O árbitro apitou, e a festa se perpetuou na favela.

Os moradores correram todos para a rua. Era um *show* de gritos, sorrisos, abraços e fogos de artifício. Motoqueiros passavam estalando os escapamentos, o hino alvinegro tocava nos sons de carros e, por um momento, parecia que não havia outra coisa no mundo a se fazer senão celebrar aquela vitória. Peguei no colo Gabriel, filho de Pedro. Aqueles olhos castanhos brilhavam mais do que qualquer farol, e todos gritavam coisas incompreensíveis. Era, de fato, um bando de loucos.

## A peteca da Tia Néia

*Rayén Isabella de Souza*

– Foi, foi sim... É, bastante bonito mesmo, sabe? De se emocionar... Todo mundo de batom vermelho e saia. Mas não entendi... *Ah*... Espera um pouco que aqui o sinal fica ruim.

Se desfez da bolsa pesada mantendo o celular prensado entre a orelha e o ombro, apoiou as chaves em cima das contas empilhadas na mesa e dos álbuns de fotografia que tinha tirado do armário antes de deixar a casa pela manhã. Se desfez das botas que calçava e sentou na poltrona perto da janela.

– Desculpa, voltei – continuou, livrando as mãos para segurar o celular – enfim, ia dizer que tocaram muita música também. Você sabia que ela cantava? Pois é, eu também não – tirou um maço de cigarros do bolso, a embalagem se desfez em pedacinhos úmidos – aí, pegamos chuva, né? Molhei o maço todo – voltou a equilibrar o aparelho com a cabeça enquanto alcançava o isqueiro que sempre deixava entre as almofadas da poltrona – Não, durante fez um dia lindo, mas na volta, a estrada foi de chuva o tempo todo... *Ah*, quer parar com isso? Fumei dirigindo sim, hoje eu podia, não podia?

Afastou o celular jogando a cabeça para trás. Não precisava ouvir.

– Mas escuta, queria te contar de uma foto que eu achei... *Ah*, mas que coisa! Vai me ouvir? Tá bem, espera aí que eu vou pegar.

Levantou-se e ficou encarando os álbuns na mesa enquanto a fumaça enevoava e dissipava pelo resto do cômodo. Passeou os dedos pela capa dos álbuns e se distraiu brincando de batucar no que queria. Capa listrada de verde, a lombada feita de argolas de metal que se abriam se puxadas com força para encaixar novas folhas de foto. No canto superior direito lia-se “Natais” em traço dourado de caneta tinteiro. Dentro, as páginas eram separadas por papel seda e as primeiras fotografias eram antigas e nostálgicas demais para se saber a data, mas logo se atualizavam em imagens modernas de papel brilhante. Algumas fotografias estavam viradas para lados com pouco sentido e todas, sem exceção, continham a data e um título arbitrariamente atribuído.

Acendeu um abajur.

– Tá aí ainda? Então... – suspirou com saudade – Essa aqui é do Natal de 2022, está escrito “A Peteca da Tia Néia”.

Por um segundo retornou àquele Natal. Sentiu o cheiro da comida requeitada no dia 25 de tardinha, a toalha florida com as manchas das taças de vinho da noite do dia 24 e a música do Gilberto Gil que se misturava às risadas familiares. Tia Néia tinha chegado atrasada, como sempre (gostava de uma entrada triunfal), e passou pelo portãozinho da casa já com a peteca na mão. Também se desvencilhou da bolsa e acendeu um cigarro, mas antes

foi beijando e juntando todas as crianças para jogar peteca. Era assim, primeiro elas e depois os adultos.

A fotografia, porém, era do final do dia. O céu já tinha sido pintado de rosa e laranja, todos os calçados já tinham sido deixados para trás e a grama tinha virado o palco para inúmeras e incansáveis partidas de peteca improvisadas sobre uma rede/varal. De um lado duas pessoas atentas, posição de expectativa e os olhos na peteca que girava no alto; do outro uma figura caída no chão e outra com os braços abertos para cima entre uma comemoração e uma tentativa de assumir mais espaço de *quadra*. Nas laterais, sentados na mureta dos canteiros, alguns comemoravam, outros riam e Tia Néia fotografava a cena sorrindo.

Colocou a foto pertinho do rosto em um gesto de carinho. Voltou à poltrona e apagou o cigarro com a foto ainda junto a si; a peteca, as risadas, os pés sujos de grama e terra, os shorts levantados e o abafado do final de um dia dezembro ainda em círculos em sua memória.

– *Ah* e tinha esquecido de te contar... Junto com as flores, deixaram a peteca.

## **Zero a zero, um resultado que nem fez diferença**

*Tiago Cesar*

Quando falamos sobre torcida organizada, diversas opiniões surgem, acaloradas e conflitantes. A dúvida gira em torno do que essa entidade representa: até que ponto é válido o apoio ao clube? Quando a paixão vira fanatismo? Na arquibancada da torcida organizada, o que se vê são jovens, homens na maioria, vindos de diferentes cantos, unidos por um só motivo: o amor ao clube de coração. E quando o jogo é fora de casa, esses torcedores participam de caravanas, experiências indescritíveis de união e força. Para alguns, é até um momento de formação de caráter. E se você é um adolescente de catorze anos, embarcando numa aventura para outro estado só para ver seu time jogar? Esse é o meu caso.

Aos catorze, a vida oferece muitas distrações. Redes sociais, videogames, brincadeiras na rua, mas nada disso me atraía tanto quanto o São Paulo. Não foi por influência dos meus pais, que nem tricolores são. Meu fanatismo veio do meu vizinho e grande amigo, Flávio – ou Flavinho, como todos o chamavam. Em Embu das Artes, a cultura das torcidas organizadas não era muito presente. Você ouvia falar de alguém aqui, outro ali, mas não via pelas ruas pessoas usando adereços de torcida.

Flávio era seis anos mais velho que eu e, aos vinte anos, já fazia parte da Dragões da Real, uma torcida do segundo escalão do São Paulo, mas com boa representatividade. Ele me levava para os jogos no Morumbi e, como meus pais eram liberais, eu sempre ia com ele, fosse em um domingo à tarde ou numa quarta-feira à noite, mesmo que afetasse a escola no dia seguinte. A Dragões tinha também uma escola de samba, que com o tempo foi crescendo e hoje está entre as principais de São Paulo. Foi assim que, aos poucos, entrei nesse mundo.

Ir aos jogos era uma experiência fascinante. Estar na arquibancada laranja do Morumbi, *colar* com os bondes da torcida, aparecer na escola com o boné da Dragões... Aquilo tudo me fazia sentir importante. Com catorze anos, a gente quer ser o centro das atenções, e eu me sentia muito foda.

Em 2011, o São Paulo vivia uma temporada de altos e baixos, sempre precisando vencer para voltar à Libertadores. Fui a muitos jogos no Morumbi, mas nunca havia acompanhado o time fora de casa. Até que, no dia 30 de outubro, o São Paulo enfrentaria o Vasco em São Januário, no Rio de Janeiro. Flávio, veterano de caravanas, já estava com tudo certo para ir. E, com o preço acessível de cinquenta reais – incluindo o ingresso – surgiu a chance de eu ir junto. Mas será que meus pais permitiriam que eu viajasse para outro Estado, com um grupo de torcedores e um vizinho de vinte anos? Para minha surpresa, deixaram!

Com o dinheiro da caravana e do lanche em mãos, partimos para o Rio de Janeiro. E aí começa a verdadeira experiência de uma caravana. Para quem nunca viveu, a viagem é

uma prova de fogo. A caravana é o símbolo da identidade e força de uma torcida. É ali que se constroem histórias, amizades, e se conquista respeito. Quanto mais perigosa a missão, mais admiração você ganha.

A viagem para São Januário tinha todos os elementos de uma *caravana de guerra*. O estádio é cercado pela Barreira do Vasco, uma favela na região de São Cristóvão. Além disso, Vasco e São Paulo têm uma rivalidade interestadual forte. O Vasco estava em ótima fase, e o jogo prometia casa cheia. Mesmo com tudo isso, eu, com meus catorze anos, estava lá, pronto para viver aquela adrenalina.

Dentro do ônibus, a maioria era de jovens, todos dispostos a aproveitar a resenha. Muitas latas de cerveja, garrafas de vinho (aquelas de plástico), e fumaça para todo lado, com as janelas abertas. Para quem era novato, como eu, havia o *batismo*. No meu caso, isso significou passar boa parte da viagem no banheiro e no bagageiro do ônibus, preso. Loucura? Com certeza. Mas era parte da experiência.

As conversas no ônibus eram um capítulo à parte. Alguns lembravam companheiros que não *colavam* mais nas caravanas, por motivos de família, saúde ou até porque já tinham partido dessa vida. Outros contavam histórias de brigas, confrontos com a polícia, ou jogos inesquecíveis. E eu ali, absorvendo tudo, vivendo aquilo com uma mistura de medo e fascínio.

A tensão era notória. A qualquer momento, poderia acontecer uma briga, uma confusão com a polícia ou com torcedores rivais. Ouvíamos histórias de ataques a pedradas, de janelas quebradas, de garrafas voando. Mas, ao mesmo tempo, havia um orgulho imenso em estar ali, representando o São Paulo em território inimigo. Eu sabia que muitos torcedores dariam tudo para viver aquele momento.

Chegamos em São Januário sob escolta policial. Entramos no estádio mais cedo e só sairíamos bem depois do final do jogo. O clima era de tensão, mas também de euforia. Ver o estádio lotado, com um sentimento de ocupar a casa do adversário... Era algo que eu nunca tinha vivido antes.

O jogo? Terminou 0x0. Um resultado ruim para os dois times. Mas, sinceramente, o resultado já não importava mais. A experiência foi maior que o placar. No dia seguinte, na escola, eu tinha histórias demais para contar. Vi meu time jogar em outro Estado, em outro estádio. Eu era, de fato, parte daquele sistema. Eu era Dragões da Real. Eu era São Paulo.

Aos catorze anos, participar de uma caravana foi um rito de passagem. Sem grandes responsabilidades, sem saber muito o que esperar, mas com o coração cheio de orgulho e a cabeça repleta de histórias. O futebol, para mim, nunca mais seria só sobre os noventa minutos dentro de campo.

## REFERÊNCIAS

BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. **Manual do Jornalismo Esportivo**. São Paulo: Contexto, 2016.

ERBOLATO, Mário de Lucca. **Jornalismo especializado** – emissão de textos no jornalismo impresso. São Paulo: Atlas, 1981

MALULY, Luciano Victor Barros [et al.]. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 1**. São Paulo: ECA-USP, 2015.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 2**. São Paulo: ECA-USP, 2016.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 3**. São Paulo: ECA-USP, 2017.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 4**. São Paulo: ECA-USP, 2018. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/275/244/1082>.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 5**. São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/544/480/1852>.

\_\_\_\_\_. **Cadernos de Jornalismo Esportivo: Volume 6**. São Paulo: ECA-USP, 2024. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/1246/1136/4337>.

MARQUES DE MELO, José. **A Opinião no Jornalismo Brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **Futebol e palavra**. São Paulo: José Olympio, 1981.

TAMBUCCI, Pascoal Luiz; OLIVEIRA, José Guilmar Mariz de; COELHO SOBRINHO, José. **Esporte & Jornalismo**. São Paulo: Cepeusp, 1988.